

Graça Maria do Rosário Ribeiro Correia

**A Morte na Literatura Infanto-Juvenil:
da análise de obras literárias ao incentivo da
Leitura desta problemática na “Hora do Conto”
da Biblioteca Escolar**

**VOLUME 2
(Anexos)**



**Departamento de Ciências da Educação e do Património
Porto, novembro de 2013**

Graça Maria do Rosário Ribeiro Correia

**A Morte na Literatura Infanto-Juvenil:
da análise de obras literárias ao incentivo da
Leitura desta problemática na “Hora do Conto”
da Biblioteca Escolar**

**VOLUME 2
(Anexos)**

**Dissertação apresentada para a obtenção do grau de Mestre
em Educação e Bibliotecas, sob a orientação da
Prof.^a Doutora Maria Cristina Vieira de Freitas**



**UNIVERSIDADE
PORTUCALENSE**

**Departamento de Ciências da Educação e do Património
Porto, novembro de 2013**

Anexos

ANEXO 1 - SELEÇÃO DAS LEITURAS EM TORNO DO TEMA MORTE, EFETUADA EM LISTAS DE REFERÊNCIA E CATÁLOGO(S)

1.1 - RECOMENDAÇÃO DE LEITURAS DO PLANO NACIONAL DE LEITURA (PNL) PARA O ANO LETIVO DE 2012 / 2013

1.2 - LISTAGEM DOS LIVROS SELECIONADOS NO CATÁLOGO COLETIVO CONCELHIO DA BIBLIOTECA DA MAIA

1.3 - PROPOSTA DAS OBRAS LISTADAS PELA CASA DA LEITURA (GULBENKIAN)

ANEXO 2 - FICHAS DE LEITURA DAS VINTE OBRAS SELECIONADAS E ANALISADAS

2.1 - “ A HISTÓRIA DE UM RAPAZ MAU ” / “ THE STORY OF A BAD BOY ”

2.2 - “ O BONECO ” / “ LE PANTIN ”

2.3 - “ O GATO MALHADO E A ANDORINHA SINHÁ ”

2.4 - “ A VENDEDORA DE FÓSFOROS ” / “ DAS MADCHEN MIT DEN SCHWEFELHOLZCHEN ”

2.5 - “ SAGA ” IN « HISTÓRIAS DA TERRA E DO MAR »

2.6 - “ A FITA VERMELHA ” IN « O SOL E O MENINO DOS PÉS FRIOS »

2.7 - “ SMARA ”

2.8 - “ ESPANTA-PARDAIS ”

2.9 - “ O BEIJO DA PALAVRINHA ”

2.10 - “ O ELEFANTE COR DE ROSA ”

2.11 - “ O MENINO ETERNO ”

2.12 - “ AS MAIS BELAS COISAS DO MUNDO ”

2.13 - “ O SEGREDO DA MENINA MORTA ” IN « TRÊS HISTÓRIAS DE AMOR »

2.14 - “ HISTÓRIA DO SÁBIO FECHADO NA SUA BIBLIOTECA ”

2.15 - “ O PRINCIPEZINHO ” / “ LE PETIT PRINCE ”

2.16 - “ CLARISSA ”

2.17 - “ OS OLHOS DE ANA MARTA ”

2.18 - “ UM AVÔ INESQUECÍVEL ” / “ EEN OPA OM NOOIT TE VERGETEN ”

2.19 - “ SAMUEL & SALTITÃO ” / “ HARRY & HOPPER ”

2.20 - “ A HISTÓRIA DE ERIKA ” / “ ERIKA'S STORY ”

ANEXO 3 - CAUSAS DA MORTE NAS VINTE OBRAS LITERÁRIAS

3.1 - Morte por Acidente

3.2 - Morte por Velhice

3.3 - Morte por Doença

3.4 - Morte Coletiva, provocada pela Guerra

3.5 - Morte Coletiva, provocada por Poluição

3.6 - Morte por Rejeição

3.7 - Morte por Mal de Amor ou Perda Amorosa

3.8 - Morte por Profecia

3.9 - Morte pela Ânsia / Desejo de Liberdade

3.10 - Morte por Desinteresse pela Vida

ANEXO 4 - MODELO EM FORMA DE ACRÓSTICO

ANEXO 1

SELEÇÃO DAS LEITURAS EM TORNO DO TEMA MORTE, EFETUADA EM LISTAS DE REFERÊNCIA E CATÁLOGO(S)

1. 1 – Recomendação de leituras do Plano Nacional de Leitura (PNL) para o ano letivo de 2012 / 2013

3º Ano			
Leitura Orientada			
Livros Recomendados			
Autores	Títulos	Editoras	ISBN
Grau de dificuldade I			
Araújo, Matilde Rosa (<i>Ilustr. Maria Keil</i>)	Segredos e brinquedos	Editorial Caminho - Grupo LeYa	972-21-1310-0
Araújo, Rosário Alçada	A caixa de saudades	Edições Gailivro - Grupo LeYa	978-989-557-407-0
Araújo, Rosário Alçada (<i>Ilustr. Sandra Serra</i>)	A árvore dos rebuçados	Edições Gailivro - Grupo LeYa	978-989-557-766-8
Baptista, Inês de Barros (<i>Ilustr. Vera Pyrrait</i>)	Pede um desejo	Ambar	978-972-43-1250-7
Bradford, Mariana et al.	A lenda das sete cidades - <i>Narrativa e peça de teatro</i>	Editorial Caminho - Grupo LeYa	978-972-21-1614-5
Colaço, Maria Rosa	Espanta-pardais	Nova Vega	972-699-692-9
Colaço, Maria Rosa	Versos diversos para meninos travessos	Europress	978-972-559-174-1
Colaço, Maria Rosa (<i>Ilustr. Concetta Scuderi</i>)	O menino e a estrela	Livros Horizonte	972-24-0738-4
Correia, Carlos (<i>Ilustr. Ana Gini</i>)	A locomotiva Tchaf	Plátano Editora	972-770-500-6
Davies, Gill	O bosque encantado	Asa - Grupo LeYa	972-41-2248-4
Letria, José Jorge	Trocadilhar (<i>c/1 CD</i>)	Publicações D. Quixote - Grupo LeYa	s/ref.
Letria, José Jorge	Mão-cheia de rimas para primos e primas	Terramar	972-710-146-1

3º Ano			
Leitura Orientada			
Livros Recomendados			
Autores	Títulos	Editoras	ISBN
Grau de dificuldade II			
s/ref.	A pequena sereia (<i>Nova Antologia</i>)	Everest Editora	978-972-750-048-2
Soares, Luísa Ducla (<i>Ilustr. Sandra Abafa</i>)	Contos para rir	Civilização Editora	978-972-26-2139-7
Vieira, Vergílio Alberto	Meu fito, meu feito	Trinta por uma Linha	978-989-8213-11-2
Vieira, Vergílio Alberto (<i>Ilustr. Cristina Robalo</i>)	O saco de mentiras	Editorial Caminho - Grupo LeYa	978-972-21-1253-6
Almeida, Bernardo Pinto de (<i>Desenhos Pedro Proença</i>)	Aventuras do pato Raimundo	Assírio & Alvim	978-972-37-0608-6
Bardinat, Marie-José et al. (<i>Ilustr. François Ruyer</i>)	Histórias de encantar	Civilização Editora	978-972-26-1759-8
Gisbert, Montse	O bebé mais doce do mundo	O Bichinho de Conto	972-95593-8-4
Gonzalez, Maria Teresa Maia (<i>Ilustr. Inês do Carmo</i>)	A história dos brincos de penas	Editorial Presença	972-23-3667-3
Honrado, Alexandre (<i>Ilustr. Patrícia Garrido</i>)	A revolta dos alfinetes	Livros Horizonte	972-24-0147-5
Letria, José Jorge	Lendas do mar	Terramar	972-710-260-3
Letria, José Jorge (<i>Ilustr. Danuta Wojciechowska</i>)	O menino eterno	Ambar	972-43-0552-X
Marques, Teresa Martinho	Das palavras	Edições Eterogêmeas	978-989-95545-1-1

A Morte na Literatura Infanto-Juvenil:
da análise de obras literárias ao incentivo da Leitura desta problemática na “Hora do Conto” da Biblioteca Escolar

<div style="display: flex; justify-content: space-between; align-items: center;"> <div style="background-color: #008000; color: white; padding: 5px; border-radius: 5px;">4º Ano</div> <div style="text-align: center;">Leitura Orientada</div> <div style="background-color: #008000; color: white; padding: 5px; border-radius: 5px; display: flex; align-items: center;"> <div style="width: 10px; height: 10px; margin-right: 5px;"></div> <div style="width: 10px; height: 10px; margin-right: 5px;"></div> <div style="width: 10px; height: 10px; margin-right: 5px;"></div> <div style="font-size: 8px; line-height: 1;">Livros Recomendados</div> </div> <div style="text-align: right;">  </div> </div>			
Autores	Títulos	Editoras	ISBN
Grau de dificuldade I			
AA. VV.	Conhece os teus direitos! - <i>Texto segundo a «Declaração dos direitos das crianças»</i>	7 dias 6 noites	978-989-8048-30-1
Andersen, Hans Christian	O soldadinho de chumbo	Publicações D. Quixote - Grupo LeYa	972-20-2824-3
Araújo, Matilde Rosa (<i>Ilustr. Antré Letria</i>)	O capuchinho cinzento	Paulinas Editora	972-751-676-9
Dacosta, Luísa (<i>Ilustr. Armando Alves</i>)	O elefante cor-de-rosa	Asa - Grupo LeYa	972-41-4184-5
Fanha, José (<i>Sel. org. declam. (Ilustr. Pedro Pires)</i>)	Poemas para um dia feliz (<i>c/ ICD</i>)	Edições Gailivro - Grupo LeYa	978-989-557-345-5
Gonzalez, Maria Teresa Maia	Bicho em perigo (<i>Zoomanias</i>)	Verbo - Babel	972-22-2428-X
Gonzalez, Maria Teresa Maia	Os campistas (<i>O prazer de ler</i>)	Verbo - Babel	972-22-2417-4
Gonzalez, Maria Teresa Maia (<i>Ilustr. Margarida Vidal de Oliveira</i>)	Ser invulgar (<i>Zoomanias</i>)	IT - Babel	978-989-27-0118-9
Gool, A. Van <i>et al.</i> (<i>Adapt. e ilustr.</i>)	Dente Branco (<i>Clássicos Juvenis</i>)	Porto Editora	978-972-0-71735-1
Letria, José Jorge (<i>Ilustr. Raffaello Bergonse</i>)	Viva Dom Quixote	Ambar	972-43-0997-5
Levejac, Juliette (<i>adapt.</i>)	A Bela e o monstro e outros contos	Asa - Grupo LeYa	972-41-0602-0
Magalhães, Ana Maria <i>et al.</i>	Uma aventura na serra da Estrela	Editorial Caminho - Grupo LeYa	972-21-0837-9

<div style="display: flex; justify-content: space-between; align-items: center;"> <div style="background-color: #008000; color: white; padding: 5px; border-radius: 5px;">6º Ano</div> <div style="text-align: center;">Leitura Orientada</div> <div style="background-color: #008000; color: white; padding: 5px; border-radius: 5px; display: flex; align-items: center;"> <div style="width: 10px; height: 10px; margin-right: 5px;"></div> <div style="width: 10px; height: 10px; margin-right: 5px;"></div> <div style="width: 10px; height: 10px; margin-right: 5px;"></div> <div style="font-size: 8px; line-height: 1;">Livros Recomendados</div> </div> <div style="text-align: right;">  </div> </div>			
Autores	Títulos	Editoras	ISBN
Grau de dificuldade I			
Almond, David (<i>Ilustr. Polly Dunbar</i>)	O meu pai é um homem-pássaro	Editorial Presença	978-972-23-4054-0
Andersen, Hans Christian (<i>Adapt. Mª S. Fernandes (Ilustr. Mª R. Menezes)</i>)	Contos	Lisboa Editora	978-972-680-645-5
Andresen, Sophia de Mello Breyner (<i>Ilustr. Teresa Olazabal Cabral</i>)	A árvore	Figueirinhas	972-661-193-8
Cinquetti, Nicola (<i>Ilustr. Octavia Monaco</i>)	Julietta e Romeu	Livros Horizonte	972-24-1209-4
Esterl, Arnica (<i>adapt.</i>) (<i>Ilustr. Anastassija Archipowa</i>)	Os melhores contos dos Irmãos Grimm	Everest Editora	978-972-750-426-8
Fonseca, Catarina (<i>Ilustr. Susana Oliveira</i>)	A malta do 2º C	Editorial Caminho - Grupo LeYa	978-972-21-0022-9
La Fontaine, Jean de (<i>Ilustr. P. Salembier (Adapt. Mª C. Tavares)</i>)	Fábulas	Civilização Editora	978-972-26-2778-8
La Fontaine, Jean de (<i>Ilustr. José Emídio (Adapt. AA. VV.)</i>)	100 fábulas de La Fontaine	Campo das Letras	972-610-974-4
Le Goff, Jacques (<i>Ilustr. J. Bandeira (Adapt. L. A. Botto et al.)</i>)	A Europa explicada aos jovens - <i>A Europa explicada a todos</i>	Gradiva Publicações	978-989-616-219-1
Magalhães, Álvaro	Três histórias de amor	Asa - Grupo LeYa	978-972-41-3581-6
Magalhães, Ana Maria <i>et al.</i> (<i>Ilustr. Mónica Lameiro</i>)	Quero ser actor	Editorial Caminho - Grupo LeYa	972-21-1709-2
Menéres, Maria Alberta (<i>Ilustr. Isabel Lobinho</i>)	Ulisses	Asa - Grupo LeYa	972-41-0475-3

<div style="display: flex; justify-content: space-between; align-items: center;"> <div style="background-color: #008000; color: white; padding: 5px; border-radius: 5px;">6º Ano</div> <div style="text-align: center;">Leitura Orientada</div> <div style="background-color: #008000; color: white; padding: 5px; border-radius: 5px; display: flex; align-items: center;"> <div style="width: 10px; height: 10px; margin-right: 5px;"></div> <div style="width: 10px; height: 10px; margin-right: 5px;"></div> <div style="width: 10px; height: 10px; margin-right: 5px;"></div> <div style="font-size: 8px; line-height: 1;">Livros Recomendados</div> </div> <div style="text-align: right;">  </div> </div>			
Autores	Títulos	Editoras	ISBN
Lopes, Teresa Rita	Jogos, versos e redacções para todas as idades	Editorial Presença	978-972-23-2831-9
Pedrosa, Inês	A menina que roubava gargalhadas	Quetzal - Bertrand Editora	978-972-564-538-3
Pina, Manuel António	Os piratas - <i>Adapt. para teatro</i>	Edições Afrontamento	972-36-0452-3
Pina, Manuel António (<i>Ilustr. José Emídio</i>)	Os piratas	Asa - Grupo LeYa	972-41-3069-X
Pupo, Inês (Org.)	101 poetas - <i>Iniciação à poesia em língua portuguesa</i>	Editorial Caminho - Grupo LeYa	978-972-21-1889-7
Rice, Ben	Pobby e Dingan	Publicações D. Quixote - Grupo LeYa	972-20-1949-X
Roemmers, Alejandro Guillermo (<i>Ilustr. L. Hastines</i>) (<i>Trad. Elsa T. S. Vieira</i>)	O regresso do jovem príncipe	Lua de Papel - Grupo LeYa	978-989-23-1600-0
Saint-Exupéry, Antoine de (<i>Aquarelas do autor</i>)	O principezinho	Editorial Presença	972-23-2829-8
Vieira, Alice (<i>Ilustr. Filipe Abranches</i>)	Vinte cinco a sete vozes	Editorial Caminho - Grupo LeYa	972-21-1623-1
Wilde, Oscar	Contos	Relógio D'Água Editores	972-708-632-2

<div style="display: flex; justify-content: space-between; align-items: center;"> <div style="background-color: #008000; color: white; padding: 5px; border-radius: 5px;">8º Ano</div> <div style="text-align: center;">Leitura Orientada</div> <div style="background-color: #008000; color: white; padding: 5px; border-radius: 5px; display: flex; align-items: center;"> <div style="width: 10px; height: 10px; margin-right: 5px;"></div> <div style="width: 10px; height: 10px; margin-right: 5px;"></div> <div style="width: 10px; height: 10px; margin-right: 5px;"></div> <div style="font-size: 8px; line-height: 1;">Livros Recomendados</div> </div> <div style="text-align: right;">  </div> </div>			
Autores	Títulos	Editoras	ISBN
Grau de dificuldade I			
Amado, Jorge	O gato Malhado e a andorinha Sinhá - <i>Uma história de amor</i>	Publicações D. Quixote - Grupo LeYa	978-972-20-2035-0
Amado, Jorge (<i>Ilustr. Carybé</i>)	O gato Malhado e a andorinha Sinhá (<i>Livro de bolso</i>)	Bis - Grupo LeYa	978-972-20-2024-4
Beck, Ian (<i>Trad. Maria M. Peixoto</i>)	<i>A verdadeira história de Tom Trueheart - Um jovem aventureiro</i>	Editorial Presença	978-972-23-4508-8
Carvalho, Cristina	O gato de Uppsala	Sextante Editora	978-989-8093-82-0
Frank, Anne	Diário de Anne Frank	Livros do Brasil	978-989-711-000-9
Gedeão, António	Poemas escolhidos - <i>Antologia organizada pelo autor</i>	Edições João Sá da Costa	972-9230-46-3
Gonzalez, Maria Teresa Maia	Os herdeiros da lua de Joana	Π - Babel	978-989-27-0093-9
Gonzalez, Maria Teresa Maia	A lua de Joana	Π - Babel	978-989-27-0097-7
Laborit, Emmanuelle	O grito da gaivota	Editorial Caminho - Grupo LeYa	978-972-21-1328-1
Magalhães, Ana Maria et al.	Diário cruzado de João e Joana	Editorial Caminho - Grupo LeYa	972-21-1336-4
Mota, António	Pardinhas	Editorial Caminho - Grupo LeYa	989-557-171-2
Vieira, Alice (<i>Ilustr. João Caetano et al.</i>)	Águas de verão	Editorial Caminho - Grupo LeYa	972-21-0034-3

A Morte na Literatura Infanto-Juvenil:
da análise de obras literárias ao incentivo da Leitura desta problemática na “Hora do Conto” da Biblioteca Escolar


<div style="display: flex; justify-content: space-between; align-items: center;"> <div style="background-color: #008000; color: white; padding: 5px; border-radius: 5px;">4º Ano</div> <div style="text-align: center; flex-grow: 1;"> <h2 style="margin: 0;">Leitura Autónoma</h2> </div> <div style="background-color: #008000; color: white; padding: 5px; border-radius: 5px; text-align: center;"> Livros Recomendados </div> <div style="text-align: right;">  </div> </div>			
Autores	Títulos	Editoras	ISBN
Blyton, Enid <i>(Ilustr. Erica-Jane Waters)</i>	A ilha das surpresas <i>(As novas aventuras da cadeira-dos-desejos)</i>	Publicações Europa-América	978-972-1-06037-1
Blyton, Enid <i>(Trad. Mariana Avelãs)</i>	Os cinco na ilha do tesouro	Oficina do Livro - Grupo LeYa	978-989-555-808-7
Cardoso, Alice <i>(Ilustr. Sandra Serra)</i>	Alana e o casal Patolas	Edições Nova Gaia - Grupo LeYa	978-972-712-553-1
Cordeiro, Maria Manuela <i>(adapt.)</i> <i>(Ilustr. Eduardo Trujillo et al.)</i>	Contos de Andersen, Grimm e Perrault	Girassol Edições	972-756-852-1
Cotrim, João Paulo <i>(Ilustr. Tiago Manuel)</i>	Canção da rocha, da onda e da nuvem	Edições Afrontamento	972-36-0724-7
Cotrim, João Paulo <i>(Ilustr. Miguel Rocha)</i>	Viagem no branco	Edições Afrontamento	972-36-0682-8
Couto, Mía <i>(Ilustr. Danuta Wojciechowska)</i>	O beijo da palavrinha	Editorial Caminho - Grupo LeYa	978-972-21-2015-9
Couto, Mía <i>(Ilustr. Danuta Wojciechowska)</i>	O gato e o escuro	Editorial Caminho - Grupo LeYa	972-21-1415-8
Dahl, Roald <i>(Trad. Maria da Fé Peres) (Ilustr. Quentin Blake)</i>	O fantástico sr. Raposo	Civilização Editora	978-972-26-3296-6
Desmoinaux, Christel	Marcelina e a noite de Halloween	Everest Editora	978-989-50-0468-3
Duarte, Rita Taborda <i>(Ilustr. Luís Henriques)</i>	A verdadeira história da Alice	Editorial Caminho - Grupo LeYa	972-21-1612-6
Durán, Teresa	O século mais novo do mundo	O Bichinho de Conto	972-95593-9-2
Èffe, Fátima & Zé-Luís <i>(Ilustr. Marc)</i>	Os livros que gostavam de contar histórias	Pé de Página Editores	989-614-021-9

<div style="display: flex; justify-content: space-between; align-items: center;"> <div style="background-color: #008000; color: white; padding: 5px; border-radius: 5px;">5º Ano</div> <div style="text-align: center; flex-grow: 1;"> <h2 style="margin: 0;">Leitura Autónoma</h2> </div> <div style="background-color: #008000; color: white; padding: 5px; border-radius: 5px; text-align: center;"> Livros Recomendados </div> <div style="text-align: right;">  </div> </div>			
Autores	Títulos	Editoras	ISBN
AA. VV. <i>(Texto e ilustr.)</i>	Magologia - O manual	Livros Horizonte	978-972-24-1515-6
Aguiar, João	Os poderes do raio <i>(Pedro & Companhia)</i>	Editorial Presença	972-23-2819-0
Almeida, Paula Cardoso	Uma aventura até à Índia - A viagem de Vasco da Gama	QuidNovi	978-989-554-345-8
Andersen, Hans Christian	A vendedora de fósforos	Everest Editora	978-989-50-0453-9
Babbitt, Nathalie	A fonte misteriosa	Editorial Presença	978-972-23-3001-5
Barrie, James Matthew <i>(Ilustr. Carlos Corais)</i>	Peter Pan	Relógio D'Água Editores	972-708-208-4
Baum, L. Frank <i>(Ilustr. W.W. Denslow)</i>	O feiticeiro de Oz	Relógio D'Água Editores	978-989-641-011-7
Bergonse, Raffaello <i>(Ilustr. Raffaello Bergonse)</i>	O rapaz do avião vermelho	Everest Editora	978-989-50-0469-0
Blade, Adam	Tagus, o homem-cavalo <i>(Feras e Heróis)</i>	Π - Babel	978-989-27-0114-1
Candell, Arianna <i>(adapt.)</i>	Pinóquio - Pinocchio	Editorial Presença	978-972-23-4128-8
Carballeira, Paula <i>(Ilustr. Carole Hénaff)</i>	Smara	Kalandraka Editora	978-972-8781-77-4
Dacosta, Luísa	A rapariga e o sonho	Asa - Grupo LeYa	978-972-41-2730-9
Dacosta, Luísa	O perfume do sonho, na tarde	Asa - Grupo LeYa	972-41-3655-8

A Morte na Literatura Infanto-Juvenil:
da análise de obras literárias ao incentivo da Leitura desta problemática na “Hora do Conto” da Biblioteca Escolar

<div style="display: flex; justify-content: space-between; align-items: center;"> <div style="background-color: #008000; color: white; padding: 5px; border-radius: 5px;">6º Ano</div> <div style="text-align: center; flex-grow: 1;"> <h2 style="margin: 0;">Leitura Autónoma</h2> </div> <div style="text-align: right;"> <div style="background-color: #008000; color: white; padding: 5px; border-radius: 5px; display: inline-block;">Livros Recomendados</div> </div> </div>			
Autores	Títulos	Editoras	ISBN
Lucas, Georges <i>(Trad. Mª do Rosário Lemos)</i>	A guerra das estrelas <i>(Star Wars)</i>	Publicações Europa-América	972-1-04281-1
mãe, valter hugo <i>(Ilustr. Peter Bailey)</i>	As mais belas coisas do mundo	Editora Objectiva - Alfaguara	978-989-672-041-4
Magalhães, Álvaro	O olhar do dragão <i>(Triângulo Jota)</i>	Asa - Grupo LeYa	978-972-41-4485-6
Martini, Clem	O julgamento <i>(Pena e ossos - as crónicas do corvo - Vol. III)</i>	QuidNovi	978-989-628-002-4
Mota, António	Os heróis do 6º F	Edições Gailivro - Grupo LeYa	972-8723-53-9
Moura, Vasco Graça	As botas do sargento - <i>Um conto inspirado na obra de Paula Rego</i>	Quetzal - Bertrand Editora	972-564-484-0
Moutinho, Mafalda <i>(Ilustr. Umberto Stagni)</i>	O caso do último dinossauro <i>(Os primos)</i>	Publicações D. Quixote - Grupo LeYa	972-20-3116-3
Paolini, Christopher	Eragon <i>(Trilogia da herança - Livro I)</i>	Edições Gailivro - Grupo LeYa	989-557-151-8
Pinho, António Avelar de, et al. <i>(Ilustr. João Mendonça)</i>	A canção do golfinho	Editorial Presença	972-23-2497-7
Rowling, Joanne K.	Harry Potter e o príncipe misterioso	Editorial Presença	978-972-23-3445-7
Rowling, Joanne K.	Harry Potter e a pedra filosofal	Editorial Presença	972-23-2533-7
Rowling, Joanne K.	Harry Potter e o cálice de fogo	Editorial Presença	972-23-2680-5
Rowling, Joanne K.	Harry Potter e a ordem da fénix	Editorial Presença	972-23-3100-0

<div style="display: flex; justify-content: space-between; align-items: center;"> <div style="background-color: #008000; color: white; padding: 5px; border-radius: 5px;">6º Ano</div> <div style="text-align: center; flex-grow: 1;"> <h2 style="margin: 0;">Leitura Autónoma</h2> </div> <div style="text-align: right;"> <div style="background-color: #008000; color: white; padding: 5px; border-radius: 5px; display: inline-block;">Livros Recomendados</div> </div> </div>			
Autores	Títulos	Editoras	ISBN
Verne, Jules	Vinte mil léguas submarinas <i>(Coleção Júlio Verne: 5)</i>	Livros do Brasil	972-38-2526-0
Vieira, Alice	Os olhos de Ana Marta	Editorial Caminho - Grupo LeYa	78-972-21-0545-3
Vieira, Alice	A vida nas palavras de Inês Tavares	Editorial Caminho - Grupo LeYa	978-972-21-1993-1
Vieira, Alice <i>(Ilustr. Evelina Oliveira)</i>	O casamento da minha mãe	Editorial Caminho - Grupo LeYa	972-21-1678-9
Watterson, Bill	Há monstros debaixo da cama?	Gradiva Publicações	978-972-662-267-3

<div style="display: flex; justify-content: space-between; align-items: center;"> <div style="background-color: #008000; color: white; padding: 5px; border-radius: 5px;">3º Ciclo</div> <div style="text-align: center;"> <h3>Leitura Autónoma</h3> </div> <div style="background-color: #008000; color: white; padding: 5px; border-radius: 5px; display: flex; align-items: center;"> <div style="width: 15px; height: 15px; margin-right: 5px;"></div> <div style="width: 15px; height: 15px; margin-right: 5px;"></div> <div style="width: 15px; height: 15px; margin-right: 5px;"></div> <div style="font-size: 8px; line-height: 1;">Livros Recomendados</div> </div> <div style="text-align: right;">  </div> </div>			
Autores	Títulos	Editoras	ISBN
AA. VV. (Coord. Pedro Sena-Lino)	Contos de vampiros	Porto Editora	978-972-0-04293-4
AA. VV.	Fora de jogo	Caminho das Palavras	978-989-96377-1-9
Aguiar, João	O priorado do cifrão	Porto Editora	978-972-0-04180-7
Aldrich, Thomas Bailey (<i>Ilustr. A.B. Frost</i>) (Trad. Júlio Henriques)	A história de um rapaz mau	Tinta-da-China Edições	978-972-8955-60-1
Alegre, Manuel	Alma - <i>Romance (Livro de Bolso)</i>	Bis - Grupo LeYa	978-972-20-3684-9
Alegre, Manuel	O futebol e a vida - <i>Do Euro 2004 ao Mundial 2006 (Crónicas)</i>	Publicações D. Quixote - Grupo LeYa	972-20-3233-X
Alegre, Manuel (<i>Ilustr. André Letria</i>)	Barbi-Ruivo - <i>O meu primeiro Camões</i>	Publicações D. Quixote - Grupo LeYa	978-972-20-3499-9
Aleixo, António	Este livro que vos deixo... <i>Poesia (Vol.II)</i>	Casa das Letras - Grupo LeYa	978-972-46-1469-4
Allende, Isabel (Trad. J. Teixeira de Aguiar)	Zorro	Difel	972-29-0736-0
Amaral, Suzete	Cirandando pelo mundo	Edição de Autor	978-989-20-0571-3
Andrade, Eugénio de	Antologia pessoal da poesia portuguesa	Campo das Letras	978-972-610-225-0
Assis, Machado de	Casa velha <i>(Livro de Bolso)</i>	K4 - Babel	978-989-29-0003-2
Atxaga, Bernardo (Trad. João S. Saraiva)	Memórias duma vaca	Terramar	972-710-251-4

<div style="display: flex; justify-content: space-between; align-items: center;"> <div style="background-color: #008000; color: white; padding: 5px; border-radius: 5px;">3º Ciclo</div> <div style="text-align: center;"> <h3>Apoio a Projetos Relacionados Com HISTÓRIA UNIVERSAL</h3> </div> <div style="background-color: #008000; color: white; padding: 5px; border-radius: 5px; display: flex; align-items: center;"> <div style="width: 15px; height: 15px; margin-right: 5px;"></div> <div style="width: 15px; height: 15px; margin-right: 5px;"></div> <div style="width: 15px; height: 15px; margin-right: 5px;"></div> <div style="font-size: 8px; line-height: 1;">Livros Recomendados</div> </div> <div style="text-align: right;">  </div> </div>			
Autores	Títulos	Editoras	ISBN
Rogora, Bernardo (<i>Ilustr. AA. VV.</i>) (Trad. Ana Moniz)	Grécia - <i>Mil anos de uma grande civilização</i>	Editorial Caminho - Grupo LeYa	972-21-1489-1
s/ref. (Pref. Matilde R. Araújo) (Trad. Paula C. Antunes)	Uma vida como a minha - <i>Como vivem as crianças em todo o Mundo</i>	Civilização Editora (Em colaboração com UNICEF)	989-550-070-X
Salvi, Gaetano (<i>Ilustr. AA. VV.</i>) (Trad. António Pescada)	As grandes religiões - <i>Das origens ao mundo de hoje*</i>	Editorial Caminho - Grupo LeYa	978-972-21-1397-7
Stannard, Russel (Trad. Pedro Bernardo)	Ciência e religião - <i>Cientistas, teólogos e filósofos debatem descobertas científicas e crença religiosa</i>	Edições 70	972-44-1085-4
Tan, Shaun (<i>Texto e ilustr.</i>)	Emigrantes	Kalandraka Editora	978-989-8205-69-8
Villacampa, Vicente (Trad. Horácio Caprichoso)	Atlas básico de história universal	Didáctica Editora	972-650-665-4
Walker, Christopher J.	O Islão e o Ocidente - <i>Uma harmonia dissonante de civilizações</i>	Edições 70	972-44-1287-0
Zee, Ruth Vander (<i>Ilustr. Roberto Innocenti</i>) (Trad. Alexandre Faria)	A história de Erika	Kalandraka Editora	978-972-8781-80-4

PLANO NACIONAL DE LEITURA

Livros recomendados existentes em formatos acessíveis

9º ano			
Autores	Títulos	Editoras	Formatos
Hemingway, Ernest	O Velho e o Mar	Livros do Brasil	Braille
Queirós, Eça	O Mandarim	Lisboa Editora	Braille
Saint-Exupéry, Antoine	O Príncipezinho	Presença	Braille Daisy áudio
Vieira, Alice	Um fio de fumo nos confins do mar	Caminho	Braille
Vicente, Gil	Auto da barca do Inferno	Porto Editora	Braille

8º ano			
Autores	Títulos	Editoras	Formatos
Amado, Jorge	O gato malhado e a andorinha-sinha – Uma história de amor	Dom Quixote	Braille
Andresen, Sophia M. B.	Histórias da Terra e do Mar	Texto Editora	Braille
Andresen, Sophia M. B.	O colar	Caminho	Braille
Barros, João	Os Lusíadas de Luís de Camões	Sá da Costa	Braille
Garrett, Almeida	Falar verdade a mentir	Porto Editora	Braille
Steinbeck, John	A Pérola	Europa América	Braille
Tournier, Michel	Sexta-feira ou a vida selvagem	Presença	Braille
Vieira, Afonso Lopes	Romance de Amadis	Porto Editora	Braille

1. 2 – Listagem dos livros selecionados no Catálogo Coletivo Concelhio da Biblioteca da Maia



Rede de Bibliotecas da Maia Utilizador: Público (mudar)

Pesquisa | Novidades | english version | ajuda

[registos: 1 a 7 de 7] formato de visualização **Resumo**

« ‹ páginas 1 de 1 › » **ver seleção** **exportar ISO**

<input type="checkbox"/>	Autor: ARAÚJO, Matilde Rosa, 1921-2010 Título: O Sol e o menino dos pés frios : contos Cota: 82-3ARAMs	<input type="checkbox"/>
informação de exemplar		
<input type="checkbox"/>	Autor: WILD, Margaret Título: Samuel & Saltitão Cota: 82-3WILMs	<input type="checkbox"/>
informação de exemplar		
<input type="checkbox"/>	Autor: ANDRESEN, Sofia de Melo Breyner, 1919-2004 Título: Histórias da terra e do mar Cota: 82(469)-3ANDSh	<input type="checkbox"/>
informação de exemplar		

« ‹ páginas 1 de 1 › » **ver seleção** **exportar ISO**

formato de visualização **Resumo**



1. 3 – Proposta das obras listadas pela Casa da Leitura (Gulbenkian)



A MORTE na Literatura Infanto-juvenil

A morte, sendo um tema difícil de tratar, não tem que por isso ser silenciada às crianças e jovens, desde que utilizando a linguagem e cuidado necessários para falar de um aspecto incontornável e com o qual temos todos que aprender a lidar. As obras aqui listadas, dirigindo-se a faixas etárias diversas, fornecem abordagens e contextos distintos em que a morte pode surgir: a morte natural ou por doença; em entes queridos; nos animais de estimação; causada pela fome; ocorrida em certos períodos da História (como o Holocausto e a Guerra Colonial) e o modo como foi tratada nos mitos. | Mariana Sim- -Sim David

▶ ALZÉAL, Michel (2008): *O Boneco*. Matosinhos: Kalandraka (ilustrações de Michel Alzéal).

▶ ANDERSEN, Hans Christian (2008): *A Menina dos Fósforos*. Vila Nova de Gaia: Educação Nacional (ilustrações de Debbie Lavreys).

▶ ARAÚJO, Matilde Rosa (1994): *As Fadas Verdes*. Porto: Civilização (ilustrações de Manuela Bacelar).

▶ ARAÚJO, Matilde Rosa (1977): *O Gato Dourado*. Lisboa: Livros Horizonte (ilustrações de Maria Keil).

▶ CARBALLEIRA, Paula (2008): *Smara*. Lisboa: Kalandraka (ilustrações de Carole Hénaff).

▶ COLAÇO, Maria Rosa (1966): *O Espanta-pardais*. Lisboa: Sociedade de Expansão Cultural (ilustrações de Maria Rosa Colaco).

▶ COUTO, Mia (2008): *O Beijo da Palavrinha*. Lisboa: Caminho (ilustrações de Danuta Wojciechowska).

▶ DACOSTA, Luísa (1974): *O Elefante Cor-de-Rosa*. Porto: Civilização (ilustrações de Francisco Santarém).

▶ GLUCK, Cristoph Willibald (2007): *Orfeu e Eurídice* (adaptação de Pedro Azara). Matosinhos: Kalandraka (ilustrações de Pep Montserrat).

▶ HOL, Coby (2005): *A Casa da Maria*. Lisboa: Plátano Editora (ilustrações de Coby Hol).

▶ LE THANH, Tai-Marc (2008): *Cyrano*. Vila Nova de Gaia: Educação Nacional (ilustrações de Rébecca Dautremer).



- ▶ MAGALHÃES, Álvaro (1988): *O Homem que Não Queria Sonhar e Outras Histórias*. Porto: Edições Asa (ilustrações de António Modesto).
- ▶ MAGALHÃES, Álvaro (2008): *O Rapaz do Espelho*. Lisboa: Texto (ilustrações de José Miguel Ribeiro).
- ▶ MAGALHÃES, Álvaro (2003): *Três Histórias de Amor*. Porto: Edições Asa (ilustrações de António Modesto).
- ▶ MARMELO, Manuel Jorge & MARMELO, Jorge Afonso (2005): *O Peixe Baltazar*. Famalicão: Quasi (ilustrações de Joana Quental).
- ▶ MOTA, António (2006): *A Viagem do Espanholito*. Vila Nova de Gaia: Gailivro (ilustrações de Eunice Rosado).
- ▶ MULLER, Birte (2004): *Querida Avó*. Porto: Ambar (ilustrações de Birte Muller).
- ▶ NUÑEZ, Marisa (2006): *O Tom Ratão e a Rata Tomasa*. Pontevedra: OQO (ilustrações de Alessandra Cimatoribus).
- ▶ RIBEIRO, Jorge (2008): *Lá Longe Onde o Sol Castiga Mais – A Guerra Colonial contada aos mais novos*. Porto: Calendário.
- ▶ RIBEIRO, Manuel Costa (2006): *O Catinha*. Lisboa: Campo das Letras (ilustrações de Evelina Oliveira).
- ▶ TAVARES, Miguel Sousa (2005): *O Planeta Branco*. Lisboa: Oficina do Livro (ilustrações de Rui Sousa).
- ▶ VIEIRA, Alice (2000): *Os Olhos de Ana Marta*. Lisboa: Caminho (ilustrações de Cristina Sampaio).
- ▶ VOLTZ, Christian (2008): *A Carícia da Borboleta*. Matosinhos: Kalandraka (ilustrações de Christian Voltz).
- ▶ WESTERA, Bette (2005): *Um Avô Inesquecível*. Lisboa: Livros Horizonte (ilustrações de Harmen van Straaten).
- ▶ ZEE, Ruth Vander (2007): *A História de Erika*. Matosinhos: Kalandraka (ilustrações de Roberto Innocenti).

ANEXO 2

FICHAS DE LEITURA DAS VINTE OBRAS SELECIONADAS E ANALISADAS

2.1 - “ História de um Rapaz Mau ” / “ The Story of a Bad Boy ”

ANO / 1ª Edição	AUTOR	ILUSTRADOR	ANO / m. Edição	EDITORA
1869	Thomas Bailey Aldrich (1836-1907) Americano	A.B. Frost (1851-1928) Americano	2008	Tinta da China

SINOPSE

É um livro de memórias: traduz os anos da infância de Tom Bailey em Rivermouth –
- é como um alter-ego autobiográfico (é uma narrativa juvenil em 1ª pessoa).

Há como uma reflexão sobre a infância, a adolescência –
- passando pela ilusão, pela consciência do mundo e pela voragem do tempo –
- é um tempo que nos marca para sempre,
uma parte de nós que teremos sempre na nossa personalidade.
Os desafios e os sentimentos de quem cresce: os erros, os traumas e as alegrias –
- as experiências habituais do comportamento de um adolescente.

Deixando para trás a Nova Orleães da primeira infância,
Tom vai viver com o avô paterno para a enorme casa de família;
avô atento e compreensivo,
mas que não consegue impedir a incontrolável tendência de Tom para o disparate.
Como a de ir navegar para o rio em dia de ameaçadora tempestade
e que lhe vai custar a perda de um dos seus amigos.

Passa-se numa América conservadora mas tolerante, em que as pequenas cidades
vão sendo progressivamente ultrapassadas pelas grandes metrópoles,
como Nova Iorque e Boston,
onde se assiste a mudanças de valores e atitudes sociais.
A própria progressão narrativa
representa os traços fundamentais da própria identidade Americana de 1900.
(contracapa)

EXCERTOS DA OBRA

- 1) «Durante o jogo que se seguiu travei conhecimento com Charley Marden, **Binny Wallace**, Whitcomb Pimenta, Harry Blake e Fred Langdon. Estes rapazes, nenhum deles mais velho do que eu um ou dois anos (o Binny Wallace era mais novo), passaram a ser dali em diante os meus companheiros preferidos.» (p.72)
- 2) «Então, rapazes, que vamos fazer? _ perguntei eu, dirigindo-me a um pensativo conclave de sete companheiros, reunidos no nosso celeiro numa triste tarde de chuva.
Um teatro! _ propos o **Binny Wallace**.
Isso mesmo, um teatro! Mas onde?» (p.76)
- 3) «Lembro-me de que o **Binny Wallace** me quis dar a sua lapiseira de prata. Aquela alma gentil ficara durante todo o combate de cara virada para a vedação, numa indizível agonia.» (p.129)
- 4) «Mas por fim o **Binny Wallace** içou um animalzinho rechonchudo e todo prateado.» (p.172)
- 5) «Por , os limões tinham ficado no barco. Mas o **Binny Wallace** ofereceu-se para os ir buscar.» (p.174)
- 6) «O **Binny Wallace** saíra de ao pé de nós havia cinco ou seis minutos quando o ouvimos chamar pelos nossos nomes, num tom que denotava aflição ou surpresa, não sabíamos bem.» (p.175)
- 7) «Consegues nadar? _ berrou-lhe o Phil desesperadamente, usando as mãos como porta-voz, porque a distância entre o barco e a ilha alargava-se a todo o momento.
O **Binny** encarou a água, agora coberta de cristas de espuma branca, e fez um gesto de desespero. Ele sabia, e nós também, que nem sequer o nadador mais resistente se conseguiria aguentar quarenta segundos naquelas águas revoltas.» (pp.175,176)

- 8) «O **Binny Wallace** soergueu-se então no banco, à popa, acenando-nos com uma mão, em sinal de adeus. Apesar da distância, que a todo o momento aumentava, distinguíamos claramente o rosto dele. A angustiosa expressão inicial desaparecera, tornara-se pálida e resignada, e tenho vontade de pensar que havia à sua volta uma espécie de auréola, como aquelas com que os pintores circundam a cabeça dos santos. E o **Binny** foi levado pela corrente.» (p.176)
- 9) «Já não víamos a figura do **Binny**, o próprio barco se reduzira a um mero ponto na escuridão das águas.» (p.176)
- 10) «E por fim sumiu-se, qual centelha, e não voltámos a vê-lo. Olhámos uns para os outros conseguir falar.» (p.176)
- 11) «Mas a angústia e o medo não eram por nossa causa, porque estávamos, de algum modo, a salvo, eram por causa do pobre pequeno **Binny Wallace**, arrastado para o mar pela cruel tempestade.» (p.178)
- 12) «Caímos num imenso pranto, todos os três, e assim ficámos não sei por quanto tempo.» (p.178)
- 13) «Estou, estou: é a cara do **Binny Wallace!**
Aumentei o meu nervosismo com aquela confissão, porque desde há uns dez minutos que eu não via senão aquele rosto pálido tremeluzente, com o seu cabelo e sobrancelhas de anjo. (...) e lá ficava o rosto, com aquele mesmo ar triste e doce que nós vimos quando ele nos acenou com a mão por sobre a água terrível.» (p.179)
- 14) «Passado o alvoroço, fiquei num estado de grande prostração, física e mental. (...) À tarde estava com febre alta.» (p.183)
- 15) «Pobre **Binny Wallace** Como me pareceu estranho, quando voltei para a escola, ver o lugar dele vazio! E que sombrio o recreio, sem o ar radioso do seu rosto gentil e delicado! Um dia caíu-me do livro de álgebra uma folha de papel dobrada; era o último bilhete que ele me escrevera. Com as lágrimas, nem consegui lê-lo.» (p.184)
- 16) «E depois, que angústia me atravessou o coração naquela tarde em que se murmurou pela cidade que fora encontrado um corpo na praia de Grave Point – o sítio onde íamos tomar banho. Nunca mais lá fomos tomar banho. Como me lembro bem do funeral, e da pena que depois me causou ver o nome dele escrito numa pequena lápide, no Cemitério Velho do Sul! Pobre **Binny Wallace!** Ficaste para sempre o mesmo, para mim. Todos nós crescemos e nos tornámos homens vigorosos, conhecedores do mundo, lutando pela vida; mas tu serás para sempre jovem, amável e puro – uma parte da minha própria meninice, que o tempo não pode fazer murchar. Serás sempre um **rapazinho**, serás sempre o pobre pequeno **Binny Wallace!**» (p.184)
- 17) «A perda do **pequeno companheiro** fez cair uma sombra, durante muitos meses, das nossas juvenis existências.» (p.185)

A MORTE

Personagem	Origem / Causa	Significado(s)	Consequência(s)	Objetiva/ Subjetiva
<p>Binny Wallace, amigo fiel de Tom Bailey, o protagonista</p> <p>(Nesta obra, há outras personagens que também morrem, mas sem grande incidência na narrativa)</p>	<p>Desobediência</p> <p>Tempestade - Afogamento</p>	<p>Cooperação</p> <p>Irresponsabilidade</p>	<p>Dor</p> <p>Sofrimento</p> <p>Perda</p> <p>Amadurecimento</p>	<p>Objetiva</p>

LINGUAGEM		ILUSTRAÇÃO			
<p>Esta narrativa é autobiográfica.</p> <p>Aldrich descreve com realismo a vida na pacata cidade de Portsmouth.</p> <p>A visão trocista de Tom, juntamente com o humor do autor, traduz um comportamento pouco convencional, heróico e satírico de um rapaz expedito e atrevido (rapaz travesso).</p> <p>Mais tarde, já adulto, vai apresentar um tom mais lacónico, nostálgico e até desencantado com o passar do tempo e com a reflexão sobre a sua infância.</p> <p>Aliás, é um narrador adulto que faz um <i>flash-back</i> da sua vida passada desde o início desta história.</p>		<p>Frost consegue reproduzir a essência da América rural e idílica da época, a preto e branco, realçando com tom humorístico as contradições ideológicas e os problemas sociais que começavam a despontar na sociedade.</p>			
CONTEXTUALIZAÇÃO					
Espácio-Temporal	Sócio-Económica	Política	Familiar	Religiosa	Ecológica
<p>* Cidade de Portsmouth, New Hampshire.</p> <p>* Entre 1849 e 1852</p> <p>O protagonista consciencializa-se da inexorável passagem do tempo</p>	<p>O rapaz mau torna-se, mais tarde, um adulto responsável</p> <p>Grupos sociais: Solteironas Irlandeses Nativos Marinheiros e Estudantes</p>	<p>Sociedade escravagista em Nova Orleães, com os seus problemas ideológico-políticos</p>	<p>Valores morais e culturais de uma América da 2ª metade do séc. XIX</p> <p>Binny – rapaz travesso, mas bom</p>	<p>Religiosidade de Nova Inglaterra</p> <p>Funeral de Binny Wallace</p>	<p>Um pouco da paisagem</p>
CONCLUSÃO	<p>“No início e no fim, Tom Bailey não é, feitas as contas, um rapaz assim tão mau.” (p.299)</p> <p>«E o “Rapaz Mau” é aquele que prega partidas inofensivas e engendra aventuras emocionantes.»</p> <p>(contracapa)</p>				
OBSERVAÇÕES	<p>É um clássico da Literatura Americana do século XIX. E foi uma obra revolucionária para a época (1869).</p> <p>Mark Twain alude ao facto de ter sido influenciado por este livro para escrever “As Aventuras de Tom Sawyer e de Huckleberry Finn”, sete anos mais tarde.</p> <p>Rivermouth é uma localidade fictícia, a verdadeira é Portsmouth.</p>				

2.2 - “ O Boneco ” / “ Le Pantin ”

ANO / 1ªEdição	AUTOR	ILUSTRADOR	ANO / m. Edição	EDITORA
2002	Michel Alzéal (1970-) Francês	Michel Alzéal (1970-) Francês	2008	Kalandraka

SINOPSE

**Trata-se de uma obra em Banda Desenhada (BD), sem palavras – *Picture Book*.
Mas as ilustrações belíssimas substituem magnificamente as palavras
e pode-se perfeitamente seguir e perceber a história apenas recorrendo às imagens.**

E acontecem duas mortes, uma objetiva (avô) e outra subjetiva (Boneco).

**Esta história , além de ser comovente, e apesar de ter como protagonista um boneco
(metaforizado), pretende chamar a atenção para várias vertentes, como:**

- brinquedos de outrora *versus* brinquedos de agora (tecnologia)
- a “fidelidade” dos brinquedos do antigamente, construídos artesanalmente (em pano, madeira,...)
- a violência nos jogos atuais
- o individualismo dos jovens com os brinquedos atuais
- a velhice e a doença.

**A história – base assenta num avô que,
quando vê que vai ter de se ausentar para ir para um hospital,
entrega ao seu neto o seu brinquedo favorito que o acompanhou sempre – um boneco em pano.
O neto, obcecado pelos jogos da tecnologia de hoje, com sons e violência, ignora o Boneco.**

**Mas “a voz do sangue” fala mais alto
e o Boneco procura o seu antigo dono ou brinquedos iguais a ele.
Chega até a tentar a loja onde foi adquirido, que tinha brinquedos parecidos com ele,
mas agora também está dominada pelas preferências dos jovens de hoje:
monstros, robots, jogos electrónicos...**

**Após muitas vicissitudes, em que até chega a tentar suicidar-se afogando-se,
vislumbra no último instante o seu amigo de sempre.**

**Então, com grande esforço, consegue salvar-se e vai ter com ele,
precisamente quando ele está a acabar de dar o último suspiro.**

Talvez porque também viu o seu Boneco a suicidar-se...

**Este está presente no funeral e depois fica, desorientado, a guardar a campa e é, então,
que se dá um milagre:**

o seu grande amigo aparece-lhe para o levar consigo !

**É que entre o ancião e o seu companheiro, o Boneco, há um elo muito forte,
capaz de ultrapassar o tempo, o espaço e a própria morte...**

**É um livro para os mais novos, mas também para os jovens e até adultos =
para todas as idades.**

É uma obra para se ver, apreciar, meditar e guardar !

EXCERTOS DA OBRA

NÃO HÁ

A história inicia-se com este Avô a fazer as malas pois, devido à doença, vai para uma clínica. Mas a sua grande preocupação era o seu Boneco, aquele com quem tinha passado os melhores anos da sua vida. Fora sempre o seu cúmplice de todas as horas. Desde a infância do Avô, dormiam os dois juntinhos na mesma cama – assim, nunca se sentiam sozinhos, faziam companhia um ao outro. Acompanhava-o nas aulas, escondido debaixo da carteira. E quando o Boneco se descoseu, o Avô-Rapaz até chegou a cosê-lo para o consertar.

Andavam sempre juntos: ao sol, à chuva, à pesca...

Enfim, o Boneco fora sempre um grande compincha do ancião...

E quando a filha lhe vem lembrar que é o momento de partir, o ancião resolve oferecer o seu Boneco ao neto.

Todos da casa veem partir o Avô de ambulância; até o Boneco por trás dos vidros da janela fica triste a vê-lo ir embora. Imóvel, sem reação, fica à janela a ver a noite a cair sobre a cidade...

No dia seguinte, quando o neto acorda, o Boneco sobressalta-se de contentamento pensando que vai novamente ter um novo amigo para brincar. E de tanta satisfação, faz umas cabriolas, mas o neto trata logo de o pôr na linha, ou seja, sentadinho na prateleira da estante ao lado de uma fotografia do Avô com o seu neto.

Em seguida, o rapaz põe-se a brincar... E como? Metendo uma cassete-vídeo para ver um filme de desenhos animados na televisão. Depois, pega nuns monstros, umas máquinas esquisitas, uns bonecos com armas, uns carros telecomandados. E assim passa o tempo a distrair-se, ou sozinho ou com amigos. O Boneco ainda tenta ir para a frente do *écran*, para ver se o neto o vê e brinca com ele. Mas, bruscamente, o miúdo agarra-o e coloca-o atrás de si. O Boneco, tristemente, com a cabeça baixa, dirige-se para a janela.

E como está um dia bonito, resolve ir passear, conhecer a cidade, usufruir a sua liberdade. Apanha alguns pequenos sustos de coisas citadinas a que não estava habituado e finalmente chega a um parque. É então que vê muita malta nova a confraternizar. Ele tenta entrar nas brincadeiras, rebola, cabriola, faz piruetas, mas nada consegue. É que esta malta também é apologista dos mesmos brinquedos eletrónicos que o neto lá de casa. Eis senão quando vê uma menina sentada num banco a pentear, com todo o cuidado, a sua boneca Barbie. Tem, então, uma ideia luminosa: dar-lhe uma flor. Mas ela não só recusa a flor, como a companhia do Boneco, virando mesmo a cara para o outro lado.

Mais uma vez fora rejeitado...

Vê, por um acaso, no saco da jovem o nome de uma loja que não lhe é desconhecida. Imediatamente, vai confirmar no seu barrete o nome, e foi lá que ele foi comprado há uns anos atrás. Ainda se lembra que era um magnífico armazém repleto de brinquedos como ele, simpáticos, nada tecnológicos.

Percorre a cidade de lés-a-lés até que consegue encontrar a dita loja. Mas do antigamente, nada... Agora só havia robots, monstros, televisões, todo aquele aparato de brinquedos, semelhantes aos do neto e dos meninos do parque. Era a sua última esperança. Fica cabisbaixo, triste, desanimado e decide então suicidar-se.

Vai para a margem do rio e ata uma corda grossa à volta do pescoço que, por sua vez, está atada a uma pedra grande. Mas, no preciso momento em que está prestes a despedir-se desta vida, consegue vislumbrar o Avô de pijama numa janela. O pedregulho puxa-o para dentro da água e o Boneco mergulha nas águas profundas do rio. Mas já não é possível ao ancião fazer nada senão chorar de desgosto.

O Boneco bem tenta voltar à superfície para se salvar, mas o pedregulho era demasiado pesado e puxa-o para o fundo. A luta é grande até que o Boneco consegue soltar-se da corda ficando sem a cabeça. Guarda-a debaixo do braço, consegue voltar à tona e ajusta a cabeça. Não há tempo a perder. Corre para a casa onde tinha visto à janela o seu amigo de sempre. Mas quando chega e trepa à janela, o seu grande amigo acaba de morrer. O médico transpira, pois deve ter tentado reanimá-lo, mas foi em vão... O coração do Avô parou.

Provavelmente o ter presenciado a tentativa de suicídio do seu Boneco foi demais para a sua saúde.

Então ocorre o funeral do ancião, debaixo de um temporal e o nosso Boneco também está presente, mas escondido da família. Mal todos partem, ele vai colocar-se em cima da campa a chorar, alheio ao frio e à chuva. O ancião foi o único que sempre manteve com ele uma grande cumplicidade. Eis senão quando acontece um milagre: ele vê estrelinhas a saírem da campa e a seguir aparece, como por artes mágicas, o seu grande amigo, que pega nele com todo o carinho e os dois, envoltos numa halo de estrelas, sobem ao céu.

É a recompensa de terem tido sempre uma amizade verdadeira um pelo outro.

Finalmente, o Boneco sente-se feliz! Estão novamente e para sempre juntos !!!

(Texto nosso)

A MORTE				
Personagens	Origem /Causa	Significado(s)	Consequência(s)	Objetiva/ Subjetiva
a) O Boneco e b) O Avô	a) Desgosto b) Doença	a) Solidão a) Rejeição a) Angústia b) Sofrimento	Tanto o Boneco como o ancião sobem para o Céu, onde podem continuar a estar e a brincar juntos...	Subjetiva – Boneco Objetiva - Avô
LINGUAGEM			ILUSTRAÇÃO	
<u>NÃO HÁ</u>			<p>Mas a linguagem icónica - as ilustrações - substituem, na perfeição, as palavras nesta BD.</p> <p>Nada nesta obra é ao acaso; tudo tem um significado poderoso.</p> <p>Os momentos mais tristes, de morte, têm uma cor escura e contrastam com os momentos felizes da vida do Boneco, em que há mais colorido.</p> <p>As cenas de <i>flash-back</i> aparecem esbatidas, assemelhando-se a aquarelas.</p> <p>As expressões do próprio Boneco demonstram bem os estados de espírito dele ao longo da história: felicidade, alegria, tristeza, saudade, solidão, desespero e dor.</p> <p>Neste último, a ambiência cromática é verde escura, característica de um ambiente denso.</p> <p>Há um ênfase nos pormenores da imagem, como o rosto ou uma parte dele: expressão, olhar,...</p> <p>Neste livro, a imagem diz-nos mais que palavras; aqui as palavras sobram...</p> <p>É uma magnífica história que nos deixa “presos” ao destino do Boneco !</p> <p>Uma obra impregnada de magia !</p>	

CONTEXTUALIZAÇÃO					
Espácio-Temporal	Sócio-Económica	Política	Familiar	Religiosa	Ecológica
<p>* Numa cidade</p> <p>* Nos tempos de hoje: Jovens dedicados aos jogos eletrónicos, carros telecomandados ...</p>	Classe média		<p>Casal com um filho “tecnológico” e um avô doente que é internado (dono do Boneco)</p>	<p>Aparentemente Católica:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Funeral, - Cemitério, - Jazigos, - Cruzes, - Estrelas 	
CONCLUSÃO	<p>Obra para todas as idades e que chama a atenção dos jovens de hoje para os perigos do individualismo da tecnologia em detrimento dos sentimentos como a amizade !</p>				
OBSERVAÇÕES	<p>No fundo, é uma crítica aos “valores” inerentes aos brinquedos atuais: individualismo, solidão, egoísmo, barulho, ...</p> <p style="text-align: center;">=Como é um álbum, não é paginado.=</p>				

2.3 - “ O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá ”

ANO / 1ª Edição	AUTOR	ILUSTRADOR	ANO / m. Edição	EDITORA
1978	Jorge Amado (1912-2001) Brasileiro	Carybé (1911-1997) Argentino	2002	Dom Quixote
SINOPSE				
<p>É uma obra comovente que narra “uma história do amor” impossível entre um gato e uma andorinha.</p> <p>Mas nesta impossibilidade, também está inerente a diferença de classes: o Gato pobre, vagabundo e feio e a bela Andorinha, de classe social elevada. Mas a obra faz lembrar “Romeu e Julieta” pois demonstra que se pode morrer por amor... Não por não ser correspondido, mas pelo preconceito de serem de diferentes espécies. Tem, pois, um final triste com a morte voluntária do Gato Malhado. O enredo acompanha as quatro estações do ano e é precisamente no Inverno que o Gato morre com o desgosto.</p> <p>A narrativa mostra também como uma personagem má, o Gato, se pode transformar numa melhor com o sentimento do amor. Nota-se um forte cariz moralizante nesta obra de Jorge Amado: o mundo só vai melhorar quando as pessoas aceitarem as diferenças dos outros.</p>				
EXCERTOS DA OBRA				
<ol style="list-style-type: none">1) «A história que a Manhã contou ao Tempo (...) foi a do Gato Malhado e da Andorinha Sinhá; ela a escutara do Vento, sussurrada com enigmática expressão e alguns suspiros.» (p.25)2) «Quando a Primavera chegou, (...) o Gato Malhado estirou os braços e abriu os olhos pardos, olhos feios e maus. Feios e maus, na opinião geral. Aliás, diziam que não apenas os olhos do Gato Malhado refletiam maldade, e sim, todo o corpanzil forte e ágil, de riscas amarelas e negras.» (p.29)3) «Tratava-se de um gato de meia-idade, já distante da primeira juventude, quando amara correr por entre as árvores, vagabundear nos telhados, miando à Lua Cheia canções de amor, certamente picarescas e debochadas. Ninguém podia imaginá-lo entoando canções românticas, sentimentais.» (p.29)4) «Naquelas redondezas não existia criatura mais egoísta e solitária. Não mantinha relações de amizade com os vizinhos (...) Resmungava de mau humor e voltava a fechar os olhos como se lhe desagradasse todo o espectáculo em redor.» (pp.29,30)5) «Do Gato Malhado ninguém se aproximava.» (p.30)6) «Dizem que certa vez derrubara, com uma patada, um tímido lírio branco pelo qual se haviam enamorado todas as rosas. Não apresentavam provas mas quem punha em dúvida a ruindade do gatarraz?» (p.30)7) «Os pássaros ganhavam altura ao voar nas imediações do esconso onde ele dormia. Murmuravam inclusive ter sido o Gato Malhado o malvado que roubara o pequeno Sabiá, do seu ninho de ramos. Mamãe Sabiá, ao não encontrar o filho para o qual trazia alimento, suicidou-se enfiando o peito no espinho de um mandacaru. Um enterro triste e naquele dia muitas pragas foram pronunciadas em intenção do Gato Malhado. Provas não existiam, mas que outro teria sido? Bastava olhar a cara do bichano para localizar o assassino. Bicho feio aquele.» (pp.30,31)8) «Devo dizer, para ser exato, que o Gato Malhado não tomava conhecimento do mal que falavam dele. Se o sabia não se importava, mas é possível que nem soubesse que era tão mal visto, pois quase não conversava com ninguém, a não ser, em certas ocasiões, com a Velha Coruja. Aliás, a Coruja, cujas opiniões eram muito respeitadas devido à sua idade, costumava dizer que o Gato Malhado não era tão mau assim, talvez tudo isso não passasse				

- de incompreensão geral.» (p.32)
- 9) «O Pato Negro, que casualmente o olhava, quase caiu de espanto porque teve a impressão de que o **Gato Malhado** estava sorrindo. (...) Jamais o tinham visto rir. (...) Ria pela boca, e, o que era ainda mais inexplicável, ria pelos olhos pardos também.» (p.33)
- 10) «De repente rebolou-se na grama como se fora um jovem gato adolescente, soltou um miado que mais parecia um gemido. Foi uma emoção geral pelo parque.» (p.33)
- 11) « (...) O **Gato Malhado** rebolou-se sobre a grama e miou outro miado... Ai, meu deus, um miado romântico. Impossível!» (p.34)
- 12) «O **Gato Malhado** aspirou a plenos pulmões a Primavera recém-chegada.» (p.36)
- 13) «Procurou mais uma vez com os olhos pardos, mas não viu ninguém. Todos haviam fugido. Não, todos não. No ramo de uma árvore a Andorinha Sinhá fitava o **Gato Malhado** e sorria-lhe. Somente ela não havia fugido.» (p.36)
- 14) «Em torno era a Primavera, o sonho de um poeta. O **Gato Malhado** teve vontade de dizer algo semelhante à Andorinha Sinhá.» (p.41)
- 15) «Mas a Andorinha, enquanto a retiravam, ainda gritou para o **Gato**:
_ Até logo, seu feio...
Foi assim, com esse diálogo um pouco idiota, que começou toda a história do **Gato Malhado** e da Andorinha Sinhá.» (p.43)
- 16) «Apesar de todas essas relações e admirações, uma sombra anuviava a vida da Andorinha Sinhá, (...), pois a sombra era exatamente o **Gato Malhado**. Ou melhor: o fato dela nunca ter conseguido conversar com o **Gato**. Aquele sujeito caladão, orgulhoso e metido a besta bulia-lhe com os nervos. Habitara-se a vir espiá-lo quando ele dormia ou esquentava sol sobre a grama. Escondida no ramo de uma árvore, mirava-o durante horas perdidas, cismando nas razões por que o feioso não mantinha relações com ninguém.» (pp.49,50)
- 17) «Assim, quando deitou a gentil cabecinha sobre a pétala de rosa que lhe servia de travesseiro, havia decidido continuar a conversa no outro dia:
_ Ele é feio mas é simpático... - murmurou ao adormecer.» (p.60)
- 18) «Quanto ao **Gato Malhado**, também ele pensou na arisca Andorinha Sinhá, naquela primeira noite de Primavera, ao repousar a cabeça no travesseiro.» (p.60)
- 19) «Recolheu-se tarde. Antes, andara pelo parque, ao léu. (...) Ia alta a noite quando conseguiu dormir. Sonhou com a Andorinha, era a primeira vez que ele sonhava havia muitos anos.» (pp.60,61)
- 20) «Quanto ao que se passava no pequeno porém valoroso coração de Sinhá, não esperem que eu explique ou desvende. Não sou tão tolo a ponto de achar-me capaz de entender o Coração de uma mulher, quanto mais uma andorinha.» (p.62)
- 21) «Em verdade ele não se julgava ainda apaixonado. Tal ideia nem lhe ocorreu.» (p.62)
- 22) «Os pais de Sinhá haviam saído em busca de alimento. A Andorinha tinha visto o **Gato** vir vindo e o esperava sorridente. **Gato Malhado** pára embaixo da árvore, espia, descobre a Andorinha. Foi então que percebeu onde havia chegado, sem se dar conta. Dana-se. Que faço eu aqui?» (p.66)
- 23) «_ Vá lá... Pode me chamar de Sinhá se isso lhe dá prazer... E eu lhe chamarei de Feio.» (p.68)
- 24) «Por que diabo ele começa a achar graça?» (p.69)
- 25) «_ Não precisa ir embora. Não lhe chamo mais de feio. Agora só lhe trato de formoso.» (p.69)
- 26) «_ Não posso conversar com nenhum gato. Os gatos são inimigos das andorinhas.» (p.69)
- 27) «O **Gato** fez a cara mais triste do mundo.» (p.69)
- 28) «Por ora, apenas quero dizer que eles conversaram durante toda a Primavera, sem que jamais faltasse assunto. Foram se conhecendo um ao outro, cada dia um nova descoberta. E não apenas conversaram. Juntos, ele correndo pelo chão de verde grama, ela voando pelo azul do céu, vagabundearam por todo o parque, encontraram recantos deliciosos, (...), e uma alegria que talvez estivesse mais dentro deles que mesmo nas coisas em derredor.» (pp.70,71)
- 29) «Porque – eu vos digo – temos olhos de ver e olhos de não ver, depende do estado do coração de cada um. Quero acrescentar, finalmente, que já não se tratavam de você.» (p.71)
- 30) «Curto foi o tempo do Verão para o **Gato** e a Andorinha. Encheram-no com passeios vagabundos, com longas conversas à sombra das árvores, com sorrisos, com palavras murmuradas, com olhares tímidos porém expressivos, com alguns arrufos também...» (p.75)
- 31) «A Andorinha não compreendia a atitude do **Gato Malhado**, aquelas súbitas tristezas que se

prolongavam em silêncios difíceis. Entre ela e o **Gato** jamais havia sido trocada qualquer palavra de amor.» (p.76)

- 32) «Um dia – dia em que a aula de canto se prolongara além do tempo costumeiro – quando os bigodes do **Gato** estavam tão murchos que tocavam o solo, ela lhe pediu explicação daquela tristeza. O **Gato Malhado** respondeu:

_ Se eu não fosse um **gato**, te pediria para casares comigo...

A Andorinha ficou calada, num silêncio de noite profunda. (...) Mas tinha medo. Ele era um **gato** e os gatos são inimigos irreconciliáveis das andorinhas.» (p.76)

- 33) «*O pai da Andorinha disse zangado à mãe da Andorinha:* Nossa filha vai mal, nossa filha anda às voltas com o **Gato Malhado**. *A mãe respondeu:* Nossa filha é uma tola, precisa casar. *O pai perguntou:* Casar, mas com quem? *A mãe respondeu:* Com o Rouxinol que já me falou. (...) O Rouxinol é belo e gentil, sabe cantar, é da raça volátil, com ele bem pode a Andorinha casar. Casar só não pode com o **Gato Malhado**, andorinha com gato quem no mundo já viu?» (pp.80,81)

- 34) «A poesia não está somente nos versos, por vezes ela está no coração, e é tamanha, a ponto de não caber nas palavras.» (p.89)

- 35) «**Soneto do Amor Impossível**
Para a minha adorada Andorinha Sinhá

(A Andorinha Sinhá
A Andorinha Sinhô
A Andorinha bateu asas
E voou.
Vida triste minha vida,
não sei cantar nem voar,
não tenho asas nem penas,
não sei soneto escrever.
Muito amo a Andorinha,
com ela quero casar.
Mas a Andorinha não quer,
comigo casar não pode
porque sou **gato malhado**,
ai!)

a) **Gato Malhado**» (p.91)

- 36) «Envolto em tristeza e solidão, resolveu ir conversar com a Coruja.» (p.97)
- 37) «Como pudeste imaginar que a Andorinha viesse te aceitar como marido? Nunca houve caso.. Mesmo se ela te amasse – e quem te afirma que ela te ame? – jamais poderia casar contigo. Desde que o mundo é mundo, às andorinhas é proibido casar com gatos. Essa proibição é mais do que uma lei e está plantada com fundas raízes no coração das andorinhas. (...) E para romper uma lei, é preciso uma revolução...» (p.98)
- 38) «Não obstante, naquele primeiro dia de Outono encontrou a Andorinha. Ela estava séria, não sorria, não exibia a leve alegria de sempre, aquele ar de disponibilidade que era o seu maior encanto. Também o **Gato Malhado** não conseguia esconder a tristeza, pesavam-lhe no coração as palavras da Coruja. Andaram em silêncio (...) Uma ou outra vez trocavam palavras soltas, mas tinham ambos o ar de quem quer evitar um assunto que se impõe.» (p.99)
- 39) «Chegou a hora da Andorinha partir. O **Gato** entregou-lhe o soneto. Ela voou, muitas vezes voltou a gentil cabecinha para vê-lo, tinha lágrimas nos olhos.» (p.99)
- 40) «No dia seguinte – ai, foi o dia mais longo do Outono – ela não apareceu.» (p.99)
- 41) «No terceiro dia de outono, o Pombo-Correio atirou-lhe de longe (...) uma carta. O **Gato** a leu tantas vezes que até a aprendeu de memória. Uma carta triste e definitiva enviada pela Andorinha Sinhá. *Uma andorinha não pode jamais casar com um gato*. Dizia também que eles não deviam mais se encontrar. Em compensação falava que jamais fora feliz exceto no tempo em que vagabundeava com o **Gato Malhado** pelo parque. E terminava: *da sempre tua Sinhá*.» (p.100)
- 42) «No derradeiro dia do Outono, (...) a Andorinha quis ir a todos os lugares que haviam aprendido a amar na Primavera e no Verão. (...) Era a mesma Andorinha Sinhá da Primavera e do Verão, um pouco louca, e o **Gato Malhado** a contemplava comovido.» (p.101)

- 43) «Como já o fizera certo dia, voou sobre ele num vôo rasante, tocou-lhe com a asa esquerda – era a sua maneira de beijar – e ele não pôde desta vez ouvir o bater do pequeno coração da Andorinha, tão fracos eram os seus latidos.» (p.101)
- 44) «Este devia ser um capítulo longo porque o começo do Inverno foi um tempo de sofrimento.» (p.105)
- 45) «Enganava-se a Rosa-Chá quando pensava que o **Gato Malhado** vivia solitário e não tinha nada no mundo. Bem pelo contrário, ele tinha um mundo de recordações, de doces momentos vividos, de lembranças alegres. Não vou dizer que fosse feliz e não sofresse. Sofria, mas ainda não estava desesperado, ainda se alimentava do que ela lhe havia dado antes.» (pp.105,107)
- 46) «Um dia, de brando sol hibernal, realizou-se o casamento da Andorinha com o Rouxinol.» (p.107)
- 47) «No momento em que o cortejo nupcial, numa revoada, saía da capela, a Andorinha viu o **Gato** no seu canto. Não sei que jeito ela deu no voar que conseguiu derrubar sobre ele uma pétala de rosa, das rosas vermelhas do seu buquê de noiva. O **Gato** a colocou sobre o peito, parecia uma gota de sangue.» (p.107)
- 48) «Já não havia futuro com que alimentar seu sonho de amor impossível. (...) A música doía-lhe no coração. Canção nupcial para os noivos; para o **Gato Malhado**, canto funerário. Tomou da pétala de rosa: olhou mais uma vez o parque coberto pelo Inverno, saiu andando devagar. Conhece um lugar longínquo, onde vive apenas a Cobra Cascavel, que ninguém aceita nos parques nem nas plantações. O **Gato** tomou a direção dos estreitos caminhos que conduzem à encruzilhada do fim do mundo.» (pp.108,109)
- 49) «Quando passou em frente à casa da festa, viu os noivos que saíam. A Andorinha também o viu e adivinhou o rumo de seus passos. Qualquer coisa rolou então dos céus sobre a pétala que o **Gato** levava na mão. Sobre o vermelho de sangue da pétala de rosa brilhou a luz da lágrima da Andorinha Sinhá. Iluminou o solitário caminho do **Gato Malhado**, na noite sem estrelas.» (p.109)

A MORTE

Personagem	Origem / Causa	Significado(s)	Consequência(s)	Objetiva/ Subjetiva
Gato Malhado	Mal de Amor Preconceitos	Felicidade Sofrimento Desgosto Solidão (?)	Desistência da Vida / Opção pela Morte	Objetiva

LINGUAGEM

ILUSTRAÇÃO

Existe de tudo: diálogos, narração e descrição, lirismo, dramatismo.
Com expressões características brasileiras, habituais nas obras de Jorge Amado

As aguarelas são muito belas – tendo até um aspeto *naïve* encantador.
J. Amado disse que este livro foi “iluminado por Carybé”

CONTEXTUALIZAÇÃO					
Espácio- Temporal	Sócio- Económica	Política	Familiar	Religiosa	Ecológica
<p>* Num parque</p> <p>* Dura um ano: nas 4 estações do ano: - Primavera - Verão - Outono - Inverno</p>	<p>O Gato era pobre: Um vagabundo solitário e mal-humorado. Mas quando se apaixonou, modificou-se...</p>	<p>Seria preciso haver uma Revolução para contrariar as Leis da Natureza: um gato casar com uma ave!</p>	<p>O Gato era sozinho e não tinha amigos.</p> <p>Apenas a Coruja o ouvia e tentava desculpá-lo</p>		<p>A fauna e até a flora são profusamente referidas, “humanizadas”, pois a história decorre em plena Natureza, num parque</p>
CONCLUSÕES	<p style="text-align: center;">É como uma fábula esta história contada pelo Vento... Mas também uma alegoria dos diferentes tipos humanos de uma sociedade... O autor pretende demonstrar como duas criaturas diferentes podem conviver...</p>				
OBSERVAÇÃO	<p style="text-align: center;">Esta história foi um presente para o filho mais velho do autor, João Jorge, no seu 1º aniversário, a 25 de Novembro de 1948.</p>				

2.4 - “ A vendedora de fósforos ” / “ Das Madchen mit den Schwefelholzchen ”

ANO / 1ª Edição	AUTOR	ILUSTRADORA	ANO / m. Edição	EDITORA
1835 (?)	Hans Christian Andersen (1805-1875) Dinamarquês	Anastassija Archipowa (1955-) Russa	1999	Everest
SINOPSE				
<p style="text-align: center;">Andersen é dos mais reconhecidos autores mundiais de literatura tradicional, (Contos de Fadas), para o público infantil (a par dos Irmãos Grimm e Perrault). Ele mesmo dizia : “Muitas vezes estava completamente absorto nos meus pensamentos e sonhos, como se o mundo real não existisse”. (p.79) “Andersen começou a contar, como resultado das suas inúmeras viagens, as histórias que tinha vivido e escutado por esses caminhos, complementando-as com imagens que surgiam no seu mundo interior.” (p.79)</p> <p style="text-align: center;">Este conto triste relata a história de uma menina pobre que, na Véspera de Ano Novo, a mando do seu pai, tenta arranjar algum dinheiro vendendo fósforos. Mas as pessoas nem dão por ela e ela, através do sonho, consegue que a avó, que já morreu, a leve para o céu. É a libertação do sofrimento da pequena vendedora de fósforos: da fome, do frio, da solidão...</p> <p style="text-align: center;">Tal como Andersen que : “Viveu mergulhado, desde a infância, num mundo interior povoado de sonhos e de imagens fantásticas.” (p.79) Pretende-se que, ao menos no Natal, as pessoas se consciencializem das desigualdades sociais.</p>				
EXCEROTOS DA OBRA				
<ol style="list-style-type: none">1) «Na véspera de Ano Novo, na última noite do ano, fazia muito frio. As ruas da pequena cidade estavam completamente às escuras. (...) A neve caía.» (p.35)2) «Apenas uma jovem menina vagueava pelas ruas desertas. Os flocos de neve pousavam nos seus caracóis louros, os pés descalços estavam roxos por causa do frio.» (p.36)3) «Quando saíra de casa tinha calçado um par de sapatos mas, ao desviar-se de uma carruagem que passava apressada, perdera-os, pois estavam-lhe demasiado grandes. Um dos sapatos desapareceu e o outro foi apanhado por um pobre rapazinho que rapidamente se pôs em fuga, sem olhar para trás.» (p.36)4) «A menina trazia nas mãos um molho de fósforos e no bolso do avental tinha mais. Ninguém lhe tinha comprado nada nesse dia. Não tinha recebido uma moeda que fosse.» (p.39)5) «Mas ela não se atrevia a voltar para casa. Não tinha vendido nenhum fósforo, por isso não tinha dinheiro nenhum. De certeza que o pai ia ficar furioso e, além disso, em casa também estava frio, uma vez que o vento assobiava pelas fendas do telhado.» (p.39)6) «Num canto entre duas casas, uma mais saliente que a outra, a menina sentou-se e aninhou-se, encolhendo os pés contra o corpo. Estava gelada e tinha as mãos dormentes, devido ao frio.» (p.39)7) «“Vou acender um fósforo na parede”, pensou, “só para aquecer as mãos na chama.”» (p.41)8) « Colocou a mão por cima da chama. Sentiu-se como se estivesse sentada frente a um grande fogão de sala com uma fumegante chaleira de cobre em cima.» (p.41)9) «Esticou os pés, para os aquecer e, nesse momento, a chama apagou-se e a visão desapareceu.» (p.41)10) «“Vou acender outro fósforo”, pensou, “só para aquecer os pés.”». (p.41)				

- 11) «No sítio onde a luzinha incidia na parede, esta ficava transparente, como um véu. A **rapariga** conseguia ver para dentro da casa. A mesa estava coberta com uma toalha branca e sobre esta havia talheres reluzentes. O ganso assado fumegava e cheirava muito bem, recheado com maçãs e ameixas secas.» (pp.44,45)
- 12) «Então o fósforo apagou-se e ela voltou a ver a parede opaca, húmida e fria.» (p.46)
- 13) «Resolveu acender outro fósforo. E agora estava sentada debaixo de uma magnífica árvore de natal, um enorme pinheiro de um verde lindíssimo. (...) Milhares de velinhas ardiam nos ramos verdes do pinheiro.» (p.46)
- 14) «A **pequena** estendeu as mãos na direcção da árvore mas, então, o fósforo apagou-se.» (p.46)
- 15) «As luzinhas de Natal elevaram-se nas alturas e a **rapariga** via-as agora como estrelas no céu. No entanto, uma delas caiu, deixando um longo rasto de fogo. “Alguém morreu”, pensou a **pequena**. Fora a sua avó, que morrera há pouco, quem lhe ensinara isso. Avó, a única pessoa que a estimava, tinha-lhe dito: “Quando uma estrela cai do céu, há uma alma que sobe até Deus.”» (p.46)
- 16) «A **menina** riscou outro fósforo na parede. Fez-se claridade e, no caminho, surgiu a avó, luminosa e cintilante, doce e carinhosa.» (p.46)
- 17) «“Oh , avó, leve-me consigo!” pediu a **menina**. “Sei que quando o fósforo se apagar vai desaparecer (...). Não me deixes sozinha!” » (p.46)
- 18) «E a **menina** acendeu todos os fósforos que tinha, pois não queria que a avó desaparecesse. E os fósforos arderam numa chama tão forte e com tal intensidade que iluminava mais que o sol. (...) A avó nunca se sentira tão radiante.» (p.49)
- 19) «A **pequena** estendeu as mãozinhas e sentiu-se muito leve.» (p.49)
- 20) «A avó tomou-a nos braços e subiu, levando-a consigo pelas alturas. Lá em cima não havia frio nem fome. Continuaram a subir, cada vez mais alto, na direcção da luz e do calor, até ao céu.» (p.53)
- 21) «Na manhã seguinte, quando as pessoas começaram a sair das suas casas, encontraram numa ruela o pequeno corpo da **menina** sem vida, com as faces rosadas e um sorriso nos lábios.» (p.53)
- 22) «A pequenina mão rígida segurava os fósforos ardidos. “Procurava um pouco de calor” disse alguém, “e acabou por morrer de frio.”» (p.54)
- 23) «Ninguém suspeitava que ela tinha visto coisas muito belas e entrara de forma esplendorosa no Ano Novo, pela mão da avó.» (p.54)

A MORTE

Personagem(ns)	Origem / Causa	Significado(s)	Consequência(s)	Objetiva/ Subjetiva
A vendedora de fósforos A Avó	Pobreza Frio Fome Falta de amor Solidão	Libertação Do Sofrimento pelo sonho	Subida ao céu ou passaporte para outro mundo mais justo = Felicidade = Encontro com a avó	Objetiva / Subjetiva transfiguradora

LINGUAGEM

ILUSTRAÇÃO

<p style="text-align: center;">É dos contos mais tristes da sua obra ! Sente-se uma suave melancolia, não amargura, nesta história de rara sensibilidade. Sente-se subjacente uma fina ironia de como as pessoas ignoram a menina frágil naquela gélida Noite de Ano Novo. Retrata bem a indiferença da vida e da alma humanas, principalmente nesta época do ano.</p>	<p style="text-align: center;">Grande beleza pictórica. Tridimensional, pois para a ilustradora “toda a ilustração deve contar uma história”.</p> <p style="text-align: center;">A luz, o esfumado e os detalhes contribuem para uma ilustração harmoniosa e realista do sonho...</p>
---	---

CONTEXTUALIZAÇÃO					
Espácio-Temporal	Sócio-Económica	Política	Familiar	Religiosa	Ecológica
* Nas ruas de uma pequena cidade * No Natal – Véspera de Ano Novo	Menina muito pobre Anda a vender fósforos pelas ruas	Subentende-se uma crítica à indiferença social perante a realidade dura das crianças a quem a infância foi roubada	Pai tirano	Católica Quadra natalícia	
CONCLUSÃO	“As histórias de Andersen tocam tanto o coração das crianças como o dos adultos.” (p.79)				
OBSERVAÇÕES	A data do nascimento deste autor, 2 de Abril , passou a ser o Dia Internacional do Livro Infanto-Juvenil ! Este conto está inserido na coletânea “Contos de Natal” de Hans Christian Andersen.				

2.5 - “ Saga ” in « Histórias da Terra e do Mar »

ANO / 1ª Edição	AUTORA	ILUSTRADOR(A)	ANO / m. Edição	EDITORIA
1984	Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004)	_____	1998	Texto
SINOPSE				
<p>No fundo, este Conto “Saga” tem origem numa história nórdica e verídica, vivenciada, em parte, pelo bisavô paterno da autora, até porque a família paterna de Sophia de Mello Breyner Andresen tem origem dinamarquesa, embora ela nascesse no Porto, no seio de uma família aristocrática.</p> <p>O mar sempre fascinou esta autora e, mais uma vez, este conto relata o sonho de um jovem de 14 anos: ser marinheiro. Apesar dos dois irmãos terem morrido num naufrágio e de o pai ter para ele outras aspirações, Hans deseja a todo o custo ser um homem do mar.</p> <p>E, assim, parte à aventura. Após múltiplos acontecimentos, consegue, com sorte, tornar-se num próspero comerciante, constituir família, ter uma casa / quinta muito grande. Mas o seu grande sonho de voltar à terra natal, a Vig, e ser recebido pelos Pais nunca acontece, pois o pai nunca lhe perdoou e nunca o receberá.</p> <p>Quando chega a sua hora de morrer, já envelhecido e doente, Hans pede para ser enterrado com um navio naufragado por cima do seu jazigo. É que, afinal, apesar de no mar nunca ter naufragado, o seu grande desejo de voltar são e salvo a Vig é-lhe negado – é como um sonho que naufragou...</p>				
EXCEROTOS DA OBRA				
<ol style="list-style-type: none">1) «O mar do Norte, verde e cinzento, rodeava Vig, a ilha, e as espumas varriam os rochedos escuros.» (p.75)2) «Hans viu que se estava formando a tempestade. Mas ele não temia a tempestade e, com os fatos inchados de vento, caminhou até ao extremo do promontório. (...) Para resistir ao vento, estendeu-se ao comprido no extremo do promontório.» (pp.75,76)3) «Nuvens sombrias enrolavam os anéis enormes e, sob uma estranha luz, simultaneamente sombria e cintilante, os espaços se transfiguravam.» (p.76)4) «A família de Hans morava no interior da ilha. Ali, o rumor marítimo só em dias de temporal, através da floresta longínqua, se ouvia.» (p.76)5) «Mas ele vinha muitas vezes até à pequena vila costeira e, esgueirando-se pelas ruelas, caminhava ao longo do cais, ao lado de botes e veleiros, atravessava a praia e subia ao extremo do promontório. Ali, no respirar da vaga, ouvia o respirar indecifrado da sua própria paixão.» (pp.76,77)6) «Nesse dia, quando ao cair da noite entrou em casa, Hans curvou a cabeça. Pois aos catorze anos já tinha quase a altura de um homem e, em Vig, as portas de entrada são baixas.» (p.77)7) «Soren, pai de Hans, era um homem alto, magro, com os olhos cor de porcelana azul, os traços secos e belas mãos sensíveis que mais tarde, durante gerações, os seus descendentes herdaram. Nele, como na igreja luterana, havia algo de austero e solene, apaixonado e frio.» (p.77)8) «De certa forma Soren reconhecia o risco que corria: sabia que é no silêncio que se escuta o tumulto, é no silêncio que o desafio se concentra. Mas ele impunha a si mesmo e aos outros uma disciplina de responsabilidade e de escolha dentro da qual cada um ficava terrivelmente livre.» (pp.77,78)9) «Os seus irmãos mais novos – Gustav e Niels – tinham morrido no naufrágio de um veleiro que lhe pertencia.» (p.78)10) «Mal a notícia do naufrágio foi confirmada pelo cargueiro inglês que dois dias depois recolhera ao largo os destroços do veleiro desmantelado – o mastro partido, as bóias, o bote virado –				

- Soren vendeu os seus barcos e comprou terras no interior da ilha.» (pp.78,79)
- 11) «Dizia-se mesmo que nunca mais olhara o mar. Dizia-se mesmo que nesse dia tinha chicoteado o mar.» (p.79)
 - 12) «No entanto **Hans** suspirava e nas longas noites de Inverno procurava ouvir, quando o vento soprava do sul, entre o sussurrar dos abetos, o distante, adivinhado, rumor da rebentação. Carregado de imaginações queria ser, como os seus tios e avós, marinheiro.» (p.79)
 - 13) «Queria navegar para o Sul. Imaginava as grandes solidões do oceano, o surgir solene dos promontórios, as praias onde baloiçavam coqueiros e onde chega até ao mar a respiração dos desertos. Imaginava as ilhas de coral azul que são como os olhos azuis do mar. Imaginava o tumulto, o calor, o cheiro a canela e laranja das terras meridionais.» (p.79)
 - 14) «Queria ser um daqueles homens que a bordo do seu barco viviam rente ao maravilhamento e ao pavor, um daqueles homens de andar baloiçado, com a cara queimada por mil sóis, a roupa desbotada e rija de sal, o corpo direito como um mastro, os ombros largos de remar e o peito dilatado pela respiração dos temporais.» (pp.79,80)
 - 15) «Pois o Elseneur era o melhor navio de Vig e a sua tripulação era formada por gente da ilha, homens jovens que ela conhecia desde o berço, ou velhos lobos do mar que a conheciam desde a própria infância.» (p.81)
 - 16) «Porém, nessa noite, enquanto **Hans** dormia, o Elseneur naufragou contra os rochedos negros das falésias. Nenhum homem se salvou.» (p.81)
 - 17) «-Esta manhã fui ao lugar do naufrágio, à ponta do Norte. Fui acompanhar Knud que ia em busca do corpo dos seus dois filhos. O mar já tinha atirado muitos dos corpos para a praia. Mas estavam quase todos completamente desfigurados de tanto terem sido batidos contra os rochedos da falésia. (...) Knud só pôde reconhecer os filhos pelo anel de prata que ambos usavam no terceiro dedo da mão direita. Disse: "Maldito seja o mar". Não há-de ser marinheiro, **Hans**. Escolhe outro ofício. (...)» (p.83)
 - 18) «Em Agosto, chegou a Vig, vindo da Noruega, um cargueiro inglês que se chamava Angus e seguia para o Sul. (...) Foi no "Angus" que **Hans** fugiu de Vig, alistado como grumete.» (p.84)
 - 19) «Navegaram primeiro com bom tempo e o veleiro corria esticado no vento. (...) Depois atravessaram as tempestades da Biscaia. (...) Mas **Hans** sentia a elasticidade do barco, a sua precisão de extremo a extremo e o equilíbrio que, entre vaga e contra-vaga, não se rompia.» (pp.84,85)
 - 20) «O navio demorou-se vários dias no cais, carregando e descarregando. Na véspera da partida entre **Hans** e o capitão levantou-se uma furiosa querela.» (p.86)
 - 21) «No porão o capitão chicoteou **Hans** em frente dos homens calados.» (p.87)
 - 22) «Mas nessa madrugada, em segredo, **Hans** abandonou o navio.» (p.88)
 - 23) «Caminhou ao acaso na cidade desconhecida, perdido no som das palavras estrangeiras, perdido na diferença dos sons, da luz, dos rostos e dos cheiros, carregando o seu pequeno saco, procurando nas ruas o lado da sombra.» (p.88)
 - 24) «Foi então que um inglês chamado Hoyle que morava para o lado do rio o encontrou, a chorar, encostado ao muro da sua quinta e lhe bateu com a mão no ombro e o levou consigo e o recolheu.» (p.89)
 - 25) «Hoyle era armador e negociava no transporte de vinho para os países do Norte. Vivia naquela cidade há trinta anos (...) As suas relações e amizades eram só com ingleses, só falava bem inglês, só lia jornais ingleses e comia só comida inglesa.» (p.89)
 - 26) «**Hans** ficou a viver nessa casa, em parte como empregado, em parte como filho adoptivo.» (p.90)
 - 27) «**Hans** escreveu para casa: pediu com ardor perdão da sua fuga, dizia as suas razões, as suas aventuras, o seu paradeiro. Prometia que um dia voltaria a Vig e seria o capitão de um grande veleiro. A resposta só veio meses depois. Era uma carta da mãe. Leu: "Deus te perdoe, **Hans**, porque nos injuriaste e abandonaste. Manda-me o teu pai que te diga que não voltes a Vig pois não te receberá."» (pp.90,91)
 - 28) «Depois dessa carta, **Hans** sonhou com Vig muitas vezes.» (p.91)
 - 29) «Os anos passaram e **Hans** aprendeu a arte de navegar e a arte de comerciar. (...) Aos 21 anos, já **Hans** era capitão de um navio de Hoyle e homem de confiança nos seus negócios.» (pp.91,92)
 - 30) «Assim, desde muito cedo, **Hans** conhecera as ilhas do Atlântico, as costas de África e do Brasil, os mares da China. Manobrou velas e dirigiu a manobra das velas, descarregou fardos e dirigiu o embarque e desembarque de mercadorias.» (p.92)
 - 31) «E à noite, já a bordo, escrevia para casa uma longa carta (...) contando a noite, o mar, o

- luar.» (p.93)
- 32) «(...) as cartas da mãe, em resposta às notícias que do cabo do mundo mandara, eram sempre a mesma mensagem: “Deus te proteja e te dê saúde. Mas não voltes a Vig porque o teu pai não te quer receber.”» (p.94)
- 33) «Quando estava já passada a sua primeira mocidade, um dia, à volta de uma das suas viagens, **Hans** encontrou o inglês doente.» (p.94)
- 34) «Deixou de ser empregado de Hoyle e tornou-se seu sócio.» (p.94)
- 35) «As suas viagens iam-se tornando rápidas e espaçadas. (...) Escreveu ao Pai. Disse-lhe que não era mais um navegador entre as ondas e o vento. Que era um homem estabelecido, em terra firme e que queria voltar a Vig. Foi a Mãe que respondeu à sua carta dizendo que o pai não o receberia.» (pp.95,96)
- 36) «Associado ao inglês, **Hans** começou a construir uma fortuna pessoal que nunca tinha projectado. (...)
Algun tempo depois casou com a filha de um general liberal que desembarcara no Mindelo e cuja espada, mais tarde, transitando de herança em herança, se conservou na família.» (p.96)
- 37) «Pouco antes do seu casamento Hoyle morrera e **Hans** fundara a sua própria firma cuja prosperidade crescia. Era agora um homem rico e também respeitado e escutado. A sua honestidade era célebre e a sua palavra era de ouro.» (p.97)
- 38) «E foi no tempo das últimas camélias (vermelhas, pesadas e largas) que nasceu o seu primeiro filho.» (p.97)
- 39) «Tudo se preparava para a festa quando, na madrugada no sexto dia, o recém-nascido adoeceu. Foi baptizado de urgência recebendo o nome de Soren. Foi **Hans** quem, dobrando o seu corpo, colocou no caixão o pequeno corpo deitado nas suas mãos abertas.» (pp.97,98)
- 40) «Nasceu o seu segundo filho no tempo das primeiras camélias, em Novembro do seguinte ano.» (p.98)
- 41) «Os anos foram passando e a riqueza de **Hans** continuava a crescer. Nasceram-lhe mais cinco filhos, três rapazes e duas raparigas.» (pp.98,99)
- 42) «E de novo se multiplicaram as suas viagens. Mas não eram já os aventureiros caminhos da sua juventude: eram viagens de negociante que vai estudar mercados, abrir sucursais, estudar contratos e contactos.» (p.99)
- 43) «Em rigor ele já não era quem era e tinha encajado em sua própria vida.» (p.99)
- 44) «A sua antiga fuga de Vig fora, de certa forma, inútil.» (p.99)
- 45) «Quando a Mãe morreu, mais uma vez ele escreveu ao Pai. Mas do Pai nunca veio resposta e foi então que **Hans** compreendeu que jamais regressaria a Vig.» (p.100)
- 46) «Passados alguns meses comprou uma quinta que do alto de uma pequena colina descia até ao cais de saída da barra.» (p.100)
- 47) «Entretanto, à medida que a vida ia cumprindo os seus ciclos (...) Os filhos tinham crescido. As quatro estações giravam. De súbito, **Hans** não reconhecia o tempo. (...) assim agora ele se espantava como se não tivesse à passagem reconhecido os dias e, por descuido, tivesse deixado passar os anos sem comparecer à sua própria vida.» (p.103)
- 48) «E no canto do átrio vazio cismava vagamente, nem sequer sabendo que cismava, debruçado sobre papeladas, contas e jornais ingleses. Mas de súbito estremecia e passava para além do próprio cismar: a memória de Vig subia à flor do mar. Os nevoeiros marítimos invadiam a sua respiração» (p.105)
- 49) «No fundo da quinta, para os lados da barra, **Hans** mandou construir uma torre. Segundo disse para ver a entrada e a saída dos seus barcos.» (p.107)
- 50) «E os anos começaram a passar muito depressa. E uma certa irrealidade começou a crescer. **Hans** agora já não viajava. Estava velho como um barco que não navegava mais e prancha por prancha se vai desmantelando. Tinha as mãos um pouco trémulas, o azul dos olhos desbotado, fundas rugas lhe cavavam a testa, os cabelos e as compridas suíças estavam completamente brancas.» (p.108)
- 51) «Quando adoeceu para morrer, ia Novembro perto do fim. (...) A incerteza do diagnóstico era, de certa forma, uma misericórdia. Quase até ao fim todos esperaram que o homem robusto sacudisse a doença.» (p.109)
- 52) «Ao cair da noite, **Hans** – que durante longas horas parecera semi-adormecido – abriu os olhos e chamou.
A mulher e os filhos debruçaram-se sobre ele para o ouvir.
- Quando eu morrer – pediu **Hans** – mandem construir um navio em cima da minha sepultura.
- Um navio? – murmurou o filho mais velho. – Um navio como?»

<p>- Naufragado – disse Hans. E, até morrer, não falou mais.» (pp.109,110)</p> <p>53) «Talvez Hans estivesse já delirante quando pronunciou as últimas palavras, pensou-se. No entanto o pedido foi cumprido. » (p.110)</p> <p>54) «Em pedra e bronze, com mastros quebrados e velas rasgadas, o navio foi construído sobre a campa de Hans. Este estranho jazigo que entre lápides, bustos, anjos de pedra, canteiros e piedosas cruzeiras tinha algo de arrebatado e selvático, tornou-se depressa um dos monumentos famosos da cidade e vinha gente das redondezas para o ver.» (p.110)</p> <p>55) «(...) é nesse navio que, nas noites de temporal, Hans sai a barra e navega para o Norte, para Vig, a ilha.» (p.111)</p>					
A MORTE					
Personagem(ns)	Origem / Causa	Significado(s)	Consequência(s)	Objetiva/ Subjetiva	
Hans . 2 irmãos de Hans . 1º filho de Hans . Mãe de Hans . 2 filhos de Knud	Velhice Desgosto	“Sonho(s) naufragado(s)” = não cumpriu os seus desejos	Navio naufragado sobre a sua sepultura	Objetiva	
LINGUAGEM			ILUSTRAÇÃO		
Poética, descritiva com imagens evocativas, simbólicas, intimistas, utilizando recursos de estilo, como a metáfora, a alegoria, a adjetivação, a comparação, mas tudo isto num tom de reflexão, de grande transparência e simplicidade. Temas como a dicotomia vida # morte, a separação, a Natureza – O Mar – e o Tempo inexorável...			<u>NÃO HÁ</u>		
CONTEXTUALIZAÇÃO					
Espácio-Temporal	Sócio-Económica	Política	Familiar	Religiosa	Ecológica
* Vig, no Norte (ilha na Dinamarca) e outras terras, no Sul. * Estações do ano, meses, e tempo atmosférico	De classe média, passando por grumete, a um riquíssimo homem de negócios		Pais ausentes, Mulher, Sete filhos (o primeiro morreu)	Acabou num jazigo num cemitério, entre anjos, cruzeiras e canteiros de flores	O MAR em todo o seu esplendor (como é habitual com esta autora) = Mar revolto do N e Mar calmo do S
CONCLUSÕES	No fundo, há como que dois sonhos “naufragados”: primeiro, Hans quer ser marinheiro e conhecer mundo, o Sul. Parte contra a vontade do pai. Bem depressa se torna num abastado homem de negócios que passa a maior parte do tempo em terra. E segundo, quer voltar à sua ilha, mas o seu pai nunca o quererá receber. Entretanto, ele envelhece e morre sem ter cumprido os seus grandes sonhos.				

OBSERVAÇÃO	<p>A “Saga” teve a sua origem, na realidade, numa história de família da autora – o seu bisavô paterno veio de uma ilha da Dinamarca, embarcado à aventura, chegando assim ao Porto.</p> <p>Alguns episódios narrados são fatos verídicos: a zanga com o capitão do navio, o abandono do navio,...</p> <p>Mas, claro, que há uma fusão entre o universo verdadeiro e o universo ficcional de Sophia.</p>
-------------------	--

2.6 - “ A Fita Vermelha ” in « O Sol e o Menino dos Pés Frios »

ANO / 1ª Edição	AUTORA	ILUSTRADOR(A)	ANO / m. Edição	EDITORA
1971	Matilde Rosa Araújo (1921-2010)	—	1998	Livros Horizonte
SINOPSE				
<p>Na obra de Matilde, aprende-se a Vida e também a Morte ! Aprende-se a ser / sentir a Criança que há dentro de nós ! É evidente que o reflexo da sua profissão de Professora se nota neste conto. Assim como reflexões pedagógicas, humanas, sócio-económicas e até políticas.</p> <p>Esta história, vivenciada pela autora, nos primórdios do seu percurso de Professora, relata-nos a doença mortal de uma das suas alunas, Aurora, que tem de ir para o hospital. A professora promete visitá-la, mas ela morre antes de a professora a ir ver. A professora era nova, a Primavera despontava, e ela resolveu adiar a visita para outro dia, mas já não foi a tempo de visitar a “sua” Aurora. A aluna esperou todo o dia, enfeitada com uma fita vermelha nos cabelos para estar mais bonita para a “sua” Professora.</p> <p>Matilde escreve este texto com amargura, tristeza, mas ao mesmo tempo, com doçura, dando aos leitores conselhos sábios para que nunca adiem as suas promessas.</p> <p>É um texto belíssimo, com uma sensibilidade que transparece em cada palavra – é um texto triste, mas Matilde resolve, no final, dar uma reviravolta e divagar sobre a Vida e a Morte e sobre as nossas atitudes – nunca as devemos adiar. E até chega a referir que: “ Procurar alguém que sofra, que precise de nós, nem sequer é um gesto generoso, deve ser um gesto natural que se não adia.” (p.28)</p>				
EXCERTOS DA OBRA				
<ol style="list-style-type: none">1) «Eu tinha começado a ensinar. Era muito nova então. Quase tão nova como as meninas que eu ensinava. E tive um grande desgosto. (...) Sei que foi o maior desgosto da minha vida de professora.» (p.25)2) «Se vos conto este desgosto tão grande, não é para vos entristecer. Mas para vos ajudar a compreender, como só então eu pude compreender, o valor da vida. (...) O valor de um gesto de amor. O seu “preço”, que dinheiro algum consegue comprar.» (p.25)3) «A escola era muito triste. Feia. Mas eu entrava nela, ou digo antes, em cada aula, e todo o sol estava lá dentro. Porque via aqueles rostos, trinta meninas, olhando para mim, esperando que as ensinasse.» (p.25)4) «Mas, desde o primeiro dia, compreendi que teria nas alunas a maior ajuda. (...) Porque, mais que português e francês, havia uma bela matéria a ensinar e a aprender.» (p.26)5) «Eu convivia com jovens (...) que no princípio de Outubro me eram desconhecidas. (...) Todas eram folhas de um longo livro por mim começado a conhecer. Não há ser humano que seja desconhecido de outro ser humano. Só é precisa a leitura.» (p.26)6) «Mas um dia. Eu conto como aconteceu o pior. E conto-o hoje, a vós, jovens, que me podem julgar. Julgar-me sabendo este meu erro. E evitem, assim, um erro semelhante para vós mesmos.» (p.26)7) «Já era quase Primavera. (...) Numa turma uma aluna faltava há dias. Era a Aurora. Morena, de grandes olhos cheios de doçura. Talvez triste.» (p.26)8) «A Aurora estava doente. Num hospital da cidade, numa enfermaria. Num imenso hospital.» (p.26)9) «Olhei o retratinho dela na caderneta. (...) Tão cheia de doçura a Aurora! Doente, do				

hospital tinha-me mandado saudades.
_ Vou vê-la no próximo domingo – anunciei às companheiras.
E tencionava ir vê-la mesmo no próximo domingo.» (pp.26,27)

10) «Mas o próximo domingo foi cheio de Sol. Sol do próprio astro, quente, luminoso. (...) E eu, a professora, ainda jovem, que gostava do sol, fui passear. Ver mar? Campos verdes? Flores?
Já nem me lembro. E da **Aurora** me lembraria se a tivesse ido visitar.» (p.27)

11) «Adiei a visita naquele próximo domingo, para outro dia, para outro próximo domingo.» (p.27)

12) «Hoje sei que o amor dos outros se não adia.
Aurora esperou-me toda a tarde de domingo, na sua cama branca, de ferro. Tinha posto uma fita vermelha a segurar os cabelos escuros. Esperava-me, esperava a minha visita, cuja promessa as companheiras lhe haviam transmitido.» (p.27)

13) «Veio a família: mãe, pai, irmãos, amigos, as colegas.
_ Estou à espera da professora...» (p.27)

14) «No dia seguinte a doença foi mais poderosa que a sua juventude, a sua doçura, a sua esperança. A cabeça escura, sem a fita vermelha, adormeceu-lhe profundamente na almofada, talvez incómoda, do hospital.» (p.27)

15) «Sabemos todos já, amigos, que há vida e morte. Também isso temos de aprender. Não fiquem tristes por isso. Vejam como as flores nascem quase transparentes da terra, como as podemos olhar à luz do Sol, e morrem, para de novo nascerem.» (p.27)

16) «Lembrem-se como de um ovo de pássaro podem sair asas que voem tão alto em dias de Primavera. E morrem, também, e todas as primaveras nascem de novo.» (p.28)

17) «E não adiem os vossos gestos. Procurar alguém que sofra, que precise de nós, nem sequer é um gesto generoso, deve ser um gesto natural que se não adia.» (p.28)

18) «**Aurora** ensinou-me para sempre esta verdade.
As lágrimas que por ela chorei já não lhe deram aquela visita do próximo domingo. Nem a mim a alegria de a encontrar sorrindo, cheia de doçura, com uma fita vermelha a prender os cabelos escuros. Vermelha de sangue, como a vida. O Sol. Flores vermelhas.» (p.28)

19) «**Aurora** era o seu nome. E a sua vida uma manhã apenas que, na minha distração ou egoísmo, não tive tempo de olhar. Uma manhã com uma fita vermelha. Que lágrima nenhuma pode reflectir.» (p.28)

A MORTE

Personagem	Origem / Causa	Significado(s)	Consequência(s)	Objetiva/ Subjetiva
Aurora	Doença mortal	Inexorabilidade da Vida	Desgosto Reflexão Pedagogia	Objetiva

LINGUAGEM		ILUSTRAÇÃO			
<p style="text-align: center;">Escrever acerca das crianças tem a ver com o fato da autora não ter vivido a sua infância em contacto com as outras crianças – estudou em casa com professora particular, mas também pela sua profissão de professora.</p> <p>Esta história verídica é narrada com afeto e emoção e com reflexões profundas e explicações simples mas com grande sensibilidade poética acerca do valor da vida... Matilde vive os dramas das suas alunas = elas personificam a inocência em estado puro. Isto nota-se na utilização dos diminutivos, dos vocativos, e na constante interpelação ao leitor – há uma maior proximidade entre a autora e os leitores.</p>		<u>NÃO HÁ</u>			
CONTEXTUALIZAÇÃO					
Espácio-Temporal	Sócio-Económica	Política	Familiar	Religiosa	Ecológica
<p>* Uma cidade</p> <p>* Primavera a despontar;</p> <p>* Talvez décadas de 40 ou 50 do séc. XX (carroças puxadas a cavalos)</p>	Modesta	A Escola estava a precisar de obras	Pais Irmãos	Há uma alusão à vida depois da morte	A Natureza resplandecente foi uma das duas causas da Professora ter faltado ao prometido
CONCLUSÕES	<p style="text-align: center;">A presença das crianças e dos adolescentes, não infantilizados, na sua obra é uma constante, talvez pelo seu percurso de Professora.</p> <p style="text-align: center;">O sofrimento, assim como a morte, são duas vertentes habituais nas narrativas desta autora, o que não era habitual nos anos em que foram escritas. = = Matilde R. Araújo foi uma precursora destas temáticas.</p>				
OBSERVAÇÕES	<p style="text-align: center;">Esta narrativa é baseada numa <u>história verídica</u>, vivenciada pela autora.</p> <p style="text-align: center;">E ouvi-la ler este conto, em voz alta, pela própria autora, no Seminário de Vilar no Porto, foi um dos momentos mais significativos da nossa vida!</p>				

2.7 - “ Smara ”

ANO / 1ª Edição	AUTORA	ILUSTRADORA	ANO / m. Edição	EDITORA
2006	Paula Carballeira (1972-) Espanhola	Carole Hénaff (1973-) Francesa	2008	Kalandraka
SINOPSE				
<p>Esta obra é uma compilação de pequenas histórias, todas passadas no deserto do Sahara ocidental. Em todas elas perpassam a força da tradição, do imaginário, da magia e do misticismo da cultura Africana.</p> <p>Há como que um reviver do modo tradicional de contar histórias, com um diálogo sempre presente.</p> <p>Resulta da vivência pessoal da autora no Norte de África e do contato com o povo e a cultura dessas regiões.</p> <p>Dando ênfase à tradição oral, o conto recria os últimos momentos da vida da Avó Ugago, morta devido a uma profecia, como contadora de histórias.</p> <p>É uma obra narrada numa visão retrospectiva, quando o menino, o protagonista-narrador desta história, já é mais velho.</p>				
EXCEROTOS DA OBRA				
<ol style="list-style-type: none">1) «Ao fazer onze anos, pedi-lhe que me levasse com ele numa viagem. (...) Suponho que depois de baralhar as cartas do destino, decidi que o acompanharia até ao grande deserto do Sara.» (p.7)2) «Não me lembro que impressão me causou Smara de noite, eu só tinha olhos para aquela Lua gigantesca. Gostava do nome: Smara! Ao acordar, na manhã seguinte, tudo cheirava a cravinho e a fumo, a perfume de mulher.» (p.8)3) «Enquanto o meu pai fazia o seu trabalho, eu aguardava-o em Smara, ao cuidado da velha Ugago. Todos os meninos e meninas de Smara lhe chamavam Avó Ugago, e eu também passei a chamá-la assim, apesar de nos parecermos tanto como um ovo e uma banana.» (p.9)4) «Lembro-me de tudo, como se o tempo não tivesse passado. Apesar disso, do que mais me lembro é da minha derradeira noite com a Avó Ugago.» (p.9)5) «Dois dias antes do nosso regresso, a Avó Ugago pediu-nos que a deixássemos sozinha, que procurássemos outro lugar para dormir. Olhámo-nos com estranheza.» (p.9)6) «Mas eu não adormeci. Durante toda a noite escutei as histórias da Avó Ugago e guardei-as até hoje sem esquecer uma só palavra. O meu pai veio buscar-me de manhã e o nosso avião descolou dois dias mais tarde, depois do funeral da Avó Ugago.» (p.10)7) «Disse a Avó Ugago: “Amanhã morro, pequeno. Ouvi o meu nome nos ganidos dos cães que rondam Smara. Ficaria sozinha esta noite, a pensar nos caminhos que a morte escolhe para chegar até nós, mas aqui estás tu, um estrangeiro no deserto, um miúdo. Se calhar é coisa do destino que sejas precisamente tu quem escuta as minhas histórias.” » (p.11)8) «Deves saber que prometi à morte esperá-la a contar as histórias verdadeiras que só a ela podem interessar. Serão contos de magia, antigas lendas, estrelas que fogem na noite dos tempos.» (...) (p.11)9) «E, claro, guardarei a melhor história para o fim, quando sentir os passos da morte a aproximarem-se da minha porta. Tu não sabes nada acerca do nosso povo. Chamavam-nos <i>Filhos das Nuvens</i> por andarmos sempre a perseguir qualquer nuvem que aparecesse no céu azul. Onde havia nuvens, havia água para os nossos camelos.» (p.11)10) «Eu guardo os segredos do Sara e vou contar-tos a ti, que tens os olhos claros, que tens a pele branca, que és novo ao passo que eu já sou velha. Sei coisas que te farão rir, coisas que te farão chorar, coisas que não te deixarão dormir.» (p.11)				

- 11) «Se queres ser meu neto, ouve e cala-te. Numa noite como esta, a calma e o silêncio farão sentido. Vou dizer-te porque é que morro amanhã.» (...) «Serei comida pelos cães selvagens.» (pp.11,12)
- 12) «A antiga Smara era uma cidade fantasma no meio do deserto. Os habitantes do Sara eram os únicos que a conseguiam encontrar.» (p.13)
- 13) «Naquele tempo, eu era uma feiticeira poderosa.» (...) «Vivíamos bem em Smara... Até que, uma noite, choveu. As pessoas saíram das suas casas para sentirem as pingas na cara, como um milagre.» (...) «Mas eu sabia que essa chuva não era boa. A água cheirava a enxofre e as pingas eram leves e pegajosas como moscas.» (p.13)
- 14) «Fora das casas só ficaram os cães, que uivaram maldições assim que a chuva os tocou e se tornaram selvagens. Desde então, nenhum sariano quer ter um cão ao seu lado.» (pp.13,15)
- 15) «Então chegou a Smara um estrangeiro.» (...) “Era um homem branco todo vestido de negro. Tinha um modo de caminhar desafiador, como se marcasse o terreno a cada pegada.» (p.15)
- 16) «_ Sou um mago, um feiticeiro do Norte. Farei com que chova até enlouquecerem. A única coisa que vos pode salvar é saírem desta terra. Smara vai ser para mim e para a minha gente. Gostamos de Smara. Gostamos do seu nome.» (p.15)
- 17) «_ Pois eu sou **Ugago**. Fomos nós que demos o nome a Smara. No dia em que eu sair daqui, ficará marcada a data da minha morte. Se tu trouxeres a chuva, eu trarei o sol.» (p.15)
- 18) «Ficou combinado travarmos, eu e ele, uma luta entre feiticeiros que decidisse quem ficava em Smara.» (p.15)
- 19) «_ Toma – ofereci-as ao estrangeiro -. Aqui tens as chaves de Smara.
_ Guarda-as para ti, **Ugago**. Nós traremos as nossas próprias chaves. Traremos também um novo nome para esta terra, levem vocês o nome de Smara para onde quer que vão. De entre todo o vosso povo, só tu podes ficar comigo se quiseses, pois assim evitarás a tua morte. Deves saber que morrerás quando os cães uivarem o teu nome.» (p.18)
- 20) «E foi assim que deixámos a antiga Smara e criámos esta, numa terra que ninguém quer.» (p.21)
- 21) «Os meninos lançavam-lhe pedras e riam às gargalhadas. O burro aguentava tudo com paciência, até que lhe começavam a puxar o rabo.» (...) «O burro morreu de velho e dirigiu-se direitinho ao céu porque bem o tinha merecido, mas ao mostrar o focinho viu o que nem sequer em sonhos tinha imaginado: o céu estava cheio de crianças.» (...) «O burro decidiu então não entrar no céu. Devagarinho, com toda a sua paciência, deu meia volta e foi à procura dalgum sítio onde pudesse descansar tranquilamente. É por isso que aqui os burros têm o focinho branco, assim como as patas da frente, as únicas partes que entraram no céu. O resto do corpo é cinzento. E nunca, nunca, verás uma criança a afagar um burro.» (pp.23,24)
- 22) «Disse a **Avó Ugago**: “Fala, meu menino, fala, não quero ouvir os cães.”
Disse eu: “Foi por isso que prometeste à morte recebê-la a contar histórias? Para não a ouvires a chamar-te?”». (p.33)
- 23) «“Sem saber muito bem porquê, Ibrahim voltou a Smara com umas quantas moedas de ouro e uma cagadela de camelo escura, pequena e redonda.” (...) “Assim viveu mais anos do que ninguém e ainda continua vivo, apesar de isto ter acontecido há muito, muito tempo.”». (p.40)
- 24) «A viagem ao País dos Mortos é perigosa, muito perigosa. Qualquer mortal deve estar sempre prevenido para fugir dali, se não quiser ficar como escravo dos defuntos.» (p.50)
- 25) «Posso jurar com a mão sobre qualquer livro sagrado que ouvi os passos da morte, tal como os ouviu a **Avó Ugago**.» (p.55)
- 26) «A **Avó Ugago** beijou-me na testa e deu-me o amuleto para o eu deixar em cima de qualquer pedra do deserto. Depois gritou: “Fora! Andor! Vai-te embora! Este momento é só meu!”». (p.55)
- 27) «Os chamados netos e as chamadas netas da **Avó Ugago** fizeram-lhe uma bonita festa de despedida. Não encontraram o seu corpo. “Comeram-no os cães”, diziam, mas isso não nos convenceu.» (p.57)
- 28) «Eu e o meu pai não falámos muito até estarmos no avião, a caminho de casa.
_ Queres perguntar-me alguma coisa? – disse-me de repente.
_ Eu não, e tu?
_ Eu quero – respondeu-me acariciando-me a cabeça -. Estiveste com a **Avó Ugago** quando morreu?
“Não” - dir-lhe-ia -. “Não vi nada, só ouvi. Ouvi os passos da morte a aproximar-se devagar, para lhe dar tempo de se preparar. Também ouvi o seu riso, o riso da morte, que parecia o

<p>pranto de um corvo. Ouvi tudo isso e tive medo, e corri até que me abraçaste como uma criança”.</p> <p>Porém, não disse nada disso ao meu pai. Simplesmente, não lhe respondi à pergunta. Agora passou muito tempo desde a morte da Avó Ugago. Não voltei a Smara, nem penso voltar.» (p.59)</p>					
A MORTE					
Personagem	Origem / Causa	Significado(s)	Consequência(s)	Objetiva/ Subjetiva	
Avó Ugago	O uivo dos cães a gritar o nome da Avó Ugago para a comerem (profecia)	Morte Desaparecimento	Saberes novos: Cultura Tradição Vida / Morte	Subjetiva / Simbólica	
LINGUAGEM			ILUSTRAÇÃO		
<p>“Contadora de histórias de invulgar qualidade, a autora de livros para crianças parece conseguir, mesmo através da escrita, comunicar com os seus pequenos leitores numa linguagem especial, quase mágica, falando-lhes aos sentidos e ao coração” (Ramos, A. M. e Rodríguez, M. N., 2009, p.49)</p> <p>Tem base num diálogo entre duas personagens de idades e culturas diferentes: a ingenuidade infantil do interlocutor mais novo contrasta com a sabedoria e a magia da personagem mais velha.</p>			<p style="text-align: center;">Muito expressiva.</p> <p style="text-align: center;">As próprias cores (amarelo, castanho, ocre) retratam a ambiência local: as paisagens e o próprio clima africano do Sahara</p> <p style="text-align: center;">Tanto as imagens de página inteira como os pequenos apontamentos ilustrativos recriam cenas e personagens sugeridas pelas histórias variadas ao longo da obra.</p>		
CONTEXTUALIZAÇÃO					
Espácio-Temporal	Sócio-Económica	Política	Familiar	Religiosa	Ecológica
<p>* Deserto do Sahara ocidental na África Smara</p> <p>* Quando o protagonista tinha 11 anos</p>	<p>A Avó Ugago, de cabelos brancos, tinha sido uma feiticeira poderosa.</p> <p style="text-align: center;">Vivia bem.</p>		Era como a avó de todas as crianças	Não a católica, mas sim a dos espíritos, da Natureza e das magias africanas	As várias sensações estão presentes na descrição da Natureza de Smara
CONCLUSÃO	<p>Como que segue, «o exemplo de “As Mil e Uma Noites” ou “O Principezinho”, recuperando uma forma tradicional de contar histórias, proporcionando uma viagem, no espaço e no tempo, até lugares recônditos e gente carregada de memórias».</p> <p style="text-align: right;">(Revista <i>Malasartes</i>, Nº18, 2009)</p>				
OBSERVAÇÕES	<p style="text-align: center;">O tema da multiculturalidade está bem presente neste conto.</p> <p style="text-align: center;">Livro galardoado pelas melhores ilustrações e incluído na prestigiada “The White Ravens”.</p>				

2.8 - “ Espanta-Pardais ”

ANO / 1ª Edição	AUTORA	ILUSTRADOR	ANO / m. Edição	EDITORA
2001 (1961)	Maria Rosa Colaço (1935 – 2004)	Albino Moura (1940-)	2006	Vega
SINOPSE				
<p>Esta obra é como uma “odisseia poética” de um pobre Espanta-Pardais que tem um sonho e que o consegue realizar após várias aventuras na Estrada-Larga.</p> <p>Em resumo, um espantalho tem um sonho: ser uma pessoa real e poder caminhar na Estrada-Larga. Consegue realizá-lo com a ajuda de amigos, como a Maria Primavera e o Pássaro Verde. Mas só após várias vicissitudes é que ele compreende o que significa a Estrada-Larga e o que devemos fazer para a alcançar, para atingirmos a felicidade. Nem sempre é fácil... mas há que ter sempre esperança...</p> <p>Há uma intenção pedagógica, juntamente com o simbólico e o maravilhoso, nesta obra da autora.</p>				
EXCEROTOS DA OBRA				
<ol style="list-style-type: none">1) «Espanta-Pardais era um boneco humilde que vivia no meio da seara.» (p.9)2) «Tinha dois grandes braços sempre abertos à espera que alguém os fechasse com amizade, um casaco cheio de remendinhos de todas as cores, um cachecol muito comprido e um chapéu preto com uma flor lá no alto.» (p.9)3) «A única coisa que o Espanta-Pardais queria era poder caminhar na Estrada-Larga.» (p.9)4) «E digam lá se ele não tinha razão: é tão triste uma pessoa nascer e morrer no mesmo sítio.» (p.9)5) «Tanta coisa, que o Espanta-Pardais nunca vira, nem podia, por isso, imaginar bem como era.» (...) «e, sozinho, ali continuava dias e noites, noites e dias, de vez em quando tinha vontade de chorar.» (p.10)6) «Também não fui eu que escolhi o meu nome: Espanta-Pardais! A verdade é que não espanto ninguém e muito menos os pássaros. Quando estou mais triste pousam-me no chapéu velho e cantam-me canções. Eles é que me ensinaram o que é ser livre e semearam no meu coração o desejo da Estrada- Larga. Tinham agora medo de um pobre boneco feito de palha como eu!» (pp.11,12)7) «_ Estou farto, pronto! De estar sozinho, aqui, de braços abertos a coisa nenhuma, destes braços que nunca abraçaram ninguém e jamais se fecharam à volta do corpo de um amigo.» (p.12)8) «Maria Primavera, sentindo aquele interesse tão grande, começou a contar: _ A Estrada-Larga é longe. No caminho para lá vêm-se campos e campos. Nos campos trabalham pessoas que têm uma vida dura» (...) «para que não falte o pão e outros alimentos a muitas pessoas, sobretudo às que moram nas cidades.» (p.14)9) «São casas e casas e casas.» (...) «Gente com muita pressa, pessoas que se empurram, que não se conhecem, que quase não têm tempo de reparar umas nas outras.» (p.14)10) «_ Quase todos trabalham. As pessoas que trabalham é que tornam mais perto o caminho para a Estrada-Larga.» (p.16)11) «Nem todos são felizes. Perto das casas altas também há pessoas quase sem casa, que ainda vivem como se fossem animais tristes, e crianças com fatos aos remendinhos.» (p.16)12) «Há muitos homens que lutam, escrevem, gritam nas paredes e morrem nas prisões para que essas pessoas tristes, de hoje, sejam mais felizes amanhã.» (p.16)13) «_ Amanhã é longe?				

- _ É mesmo ali, onde a esperança dos homens nasce.
_ E o que é a esperança?
_ É como uma estrela distante. (...) É uma estrela da Terra. Uma estrela de cinco pontas. Como se fossem cinco dedos quentes, cinco dedos de uma mão muito amiga e muito grande a unir os homens do mundo inteiro, os homens de todas as raças, os que cavam a terra e os que descem às minas; os que escrevem os livros e os que têm as mãos sujas do óleo das fábricas. É uma estrela-sinal-de-amor, entendes?» (pp.16,17)
- 14) «Dá muito calor. É ela quem aquece nos dias mais tristes os que têm fome e sede e frio e doença. E também os que procuram um amigo ou esperam a verdade.» (p.17)
- 15) «Maria Primavera olhou, quase no mesmo instante, a perna de pau do **Espanta-Pardais**. E imaginou, como devia ser difícil caminhar, com uma perna só, na Estrada-Larga.» (p.17)
- 16) «_ Senhora Figueira! Podia dar-me um bocadinho de atenção? (...) Para mim, juro-lhe que não quero nada. Mas vinha pedir um ramo seco, desses que tem aí nos seus braços e já não lhe fazem falta. Era para fazer uma perna para o **Espanta-Pardais**.» (p.19)
- 17) «Todos nós podemos, se o desejarmos muito, mudar a nossa vida. Até agora, ele não saiu do mesmo sítio porque não pode andar. Mas sonha, dia e noite, com uma viagem. (...) Ele sonha com a Estrada-Larga.» (p.19)
- 18) «Quando o Pássaro-Verde chegou com o ramo seco, Maria Primavera ficou cheia de alegria.» (p.20)
- 19) «É a primeira vez que me deito no chão desta seara! Tão bom! Oh! Como o céu é azulinho, tão azulinho, tão azulinho que se eu batesse nele com um ramo, se calhar ficava todo às ondas como o mar que vocês contam e eu nunca vi. O mar é um céu ao contrário, não é?
_ É. E tu és um **Espanta-Pardais** poeta e vais estar muito quietinho para a tua perna nova ficar muito bem pregada. Mais uma pancadinha aqui, outra ali.» (p.24)
- 20) «_ Ai, se não fossem os meus amigos de que valia estar vivo e ter sonhos?
_ A amizade é que empurra as pessoas e dá sentido aos dias.» (p.24)
- 21) «_ Oh! O **Espanta-Pardais** a dançar, com duas pernas, a caminhar, livre!» (p.25)
- 22) «_ Bendita seja a Terra onde há asas que voam, flores que crescem, sonhos que vivem e, às vezes (poucas, eu sei), se tornam verdade.» (p.25)
- 23) «_ ADEUS AMIGOS, VOU PARA A ESTRADA-LARGA!» (p.28)
- 24) «O caminho parecia cada vez mais longo e o **Espanta-Pardais** começava a ficar cheio de tristeza sem saber porquê. Sentia por todo o corpo bocadinhos de palha que espreitavam e tinha saudades das horas sossegadas da seara.
Era grande o seu sonho, é verdade. Mas, agora, já não lhe parecia tão fácil alcançá-lo. Doía-lhe o corpo (...) e nada de avistar a Estrada prometida.
A Menina e o Pássaro eram seus amigos. Eram. A Menina até o ajudava a caminhar. Mas... que coisa esquisita: em certos momentos era como se ele estivesse sozinho sobre a terra e nada houvesse à sua volta. E isso era tão triste, tão triste, que lhe dava muita vontade de chorar.» (p.30)
- 25) «_ Eu devia calcular que eles acabariam por aborrecer-se. Sou um pobre **Espanta-Pardais** de pernas duras de pau. Não sei dizer nada. Desconheço quase tudo deste mundo tão complicado. Só queria (desde que nasci que o desejo) encontrar a Estrada-Larga, onde me disseram que não há fome, nem guerras, nem desemprego, nem ódio, onde todos são felizes, livres e amigos. Afinal era tudo mentira. Era tudo sonho.» (p.32)
- 26) «O Menino-Abelha tentava consolá-lo:
_ Não é nada disso que estás para aí a dizer. A Estrada-Larga existe. Mas, para se chegar lá tem que se fazer qualquer coisa de útil ou belo. Temos que fazer, nós, sozinhos, percebes? (...) Por isso, Maria Primavera partiu mas deixou recado a dizer-te para continuares. Ela espera lá por ti.» (pp.33,34)
- 27) «Então, sentando-se no chão de terra dura, mais triste que toda a tristeza do mundo, começou a chorar baixinho, enquanto falava só para si: ... agora, como posso eu chegar à Estrada Larga? (...) Mas como? Por onde? E com quê? Com estas pernas fingidas, de pau seco, onde mal me seguro? Sinto-me tão ridículo, tão infeliz! (...) Nunca fui útil. A minha vida nunca serviu para nada. Fizeram-me **Espanta-Pardais** para guardar a seara e, afinal, nem para afastar os pássaros servi. Tão lindos, a voar junto do Sol, livres! Eram meus amigos. A minha única companhia.» (p.35)
- 28) «E tanto chorou, tanto chorou que molhou completamente a palha do seu corpo e para ali ficou a apodrecer, estendido no chão.» (p.36)

- 29) «Lembrou-se da seara, das papoilas, do canto dos camponeses, ao longe, quando ceifavam o trigo. Teve saudades. “Vou morrer” - pensou. Sinto o corpo todo a abrir-se.» (p.36)
- 30) «_ **Espanta-Pardais!** Companheiro! Se me desse uma palhinha do seu corpo... Estou a fazer o meu ninho, sabe?
_ Estão todas molhadas, amigo. Já não servem. Nunca servi para nada. (...) Só as palhinhas do meu coração é que ainda estão enxutas. Se as tiro, acabou-se. Nada mais ficará do **Espanta Pardais**.
De súbito, pensou: « Já que não servi para nada, ao menos que o pardalito dê um destino a estas palhinhas inúteis que foram o meu coração. Para que serve um coração, que não tem lugar em parte alguma?» (p.37)
- 31) «E abrindo o casaco de remendinhos, ofereceu à ave o seu coração de ternura e palhinhas enxutas.» (p.38)
- 32) «**Espanta-Pardais** sentiu a seguir um grande sono.» (p.40)
- 33) «E o **Espanta-Pardais** pensou ainda que, apesar de tudo, era bom adormecer para sempre, ouvindo a voz dum água mansa que ele não conhecera lá na seara e aquela paz, tão boa, no corpo todo.» (p.42)
- 34) «Passaram os dias e as noites. E vieram as estações do ano.» (p.43)
- 35) «Já as árvores tinham folhas e flores e as searas estavam outra vez maduras, quando um homem montado numa bicicleta cor de rosa disse:
_ Olha uma figueira pequenina, entre as pedras do caminho. Vou levá-la para junto da minha casa e hei-de vê-la crescer.» (p.43)
- 36) a figueira cresceu. Deu folhas verdes e frutos doces que os filhos do homem gostavam de comer. E deu sombra a quem passava, cansado. E abrigo aos pássaros.» (p.44)
- 37) «_ Quando adormeceste lá no monte, depois de teres dado as palhinhas do teu coração ao pardalito, a tua perna – que era dum ramo de figueira – ficou entalada entre duas pedras. Um dia, passei por lá, vi-a e dei-lhe um beijo. No mesmo instante, a tua perna cobriu-se de folhinhas verdes.
_ Mas... porquê tu?
_ Porque eu sou a Maria Primavera! Onde toco com a minha alegria, faço crescer as folhas, as flores, voar os pássaros e nascer a luz.» (...)
_ E eu que pensava que me tinhas esquecido. Mas, no meu sonho antigo, havia uma Estrada Larga.
_ Aqui. Aqui é A ESTRADA-LARGA!» (p.46)
- 38) «_ Era preciso sofrer para encontrares um sentido. (...)
_ Vejamos se percebi: quando sofremos pelos outros, quando nos esforçamos para torná-los felizes, quando descobrimos que a nossa luta tem que chegar a todos os lugares da Terra para se conquistar a paz, o trabalho, a amizade, a nossa vida tem um sentido. É para isso que nascemos e devemos estar. É isto?
_ É quase isso.
_ Que fiz eu, então, de útil para chegar onde sonhei?
_ Deste as palhinhas do teu coração ao pardal, sem pensares em ti nem no que te ia acontecer.» (p.47)
- 39) «_ Nunca morremos. E todos os dias somos outra coisa diferente porque todos os dias sonhamos.» (p.48)
- 40) «Feliz, a árvore abriu os seus ramos à manhã que nascia.» (p.48)
- 41) «Tanta beleza que acontece todos os dias! Coisas pequeninas mas tão importantes. E quase nunca reparamos.» (p.48)
- 42) «Todos os caminhos vão dar à Estrada-Larga. Basta procurar.» (p.50)

A MORTE					
Personagem	Origem / Causa	Significado(s)	Consequência(s)	Objetiva/ Subjetiva	
Espanta-Pardais (espantalho)	Ida para a Estrada-Larga (Liberdade) “Morte”	Solidão Desencanto Esperança Amizade Aventura	Dádiva / Entrega Renascimento Felicidade Alegria	Subjetiva (simbólica)	
LINGUAGEM			ILUSTRAÇÃO		
Coloquial, com muitas interrogações, repetições e recursos de estilo, como comparações, repetições Várias mensagens dadas pela Natureza com sensibilidade			Ilustrações muito bonitas, quase infantis, mas muito sugestivas		
CONTEXTUALIZAÇÃO					
Espácio-Temporal	Sócio-Económica	Política	Familiar	Religiosa	Ecológica
* Seara, Campos: Natureza Talvez o Alentejo, (terra querida da autora) * T. indeterminado	Há alusão aos desfavorecidos: À pobreza fome sede frio doença prisão tristeza		A personagem principal estava sozinha, embora tivesse amigos		O próprio Espanta-Pardais é um espantalho. A Natureza é sinónimo de liberdade!
CONCLUSÕES	Há uma apologia à Natureza – nela tudo se renova ! E também se subentende uma aposta nos mais jovens, que nunca deixem de ter esperança (tal como o protagonista desta história).				
OBSERVAÇÕES	É uma obra intemporal, com grandes mensagens universais! É considerada “a maior obra infantil da literatura portuguesa do século XX.”				

2.9 - “ O Beijo da Palavrinha ”

ANO / 1ª Edição	AUTOR	ILUSTRADORA	ANO / m. Edição	EDITORA
2008	Mia Couto (1955-) Moçambicano	Danuta Wojciechowska (1960-) Canadiana	2008	Caminho
SINOPSE				
<p>É uma obra repleta de encantamento e magia ! E simbolismo ! É uma história que pretende pôr em destaque África e suas características: - o imaginário na forte tradição oral - a sabedoria dos mais velhos (Tio Litorânio) - a magia da palavra (mar) - a morte como passagem para uma outra vida melhor - o ritual, nas cenas finais, quando a menina consegue “ver” o mar - o mar como meio de liberdade, evasão... (morte)</p> <p>Trata da história de uma menina Africana, Maria Poeira, pobre, que adoece repentinamente. Até os seus sonhos eram “pequenos” – sonhava que “se convertia em rio e seguia com passo lento, (...) arrastando um manto feito de remoinhos, remendos e retalhos. (...) E o rio secava, engolido pelo chão.” É o irmão, Zeca Zonzo, que, no leito da morte, a faz “ver” o mar, escrevendo a palavra e ajudando-a a senti-lo com os dedos ao passar em cada letra: M é feito de ondas; A é uma ave, uma gaivota e o R é de rocha, mas também é de remoinhos, remendos e retalhos que constituem o manto sob o qual ela, gaivota branca, parte seguindo pelas águas...</p> <p>Rumo a uma outra vida isenta de doença – foi uma libertação daquela vida injusta - com a concretização dos seus sonhos...</p>				
EXCEROTOS DA OBRA				
<ol style="list-style-type: none">1) «Era uma vez uma menina que nunca vira o mar. Chamava-se Maria Poeirinha. Ela e a sua família eram pobres, viviam numa aldeia tão interior que acreditavam que o rio que ali passava não tinha nem fim nem foz.» (p.6)2) «Poeirinha só ganhara um irmão. O Zeca Zonzo, que era desprovido de juízo.» (p.6)3) «Até Poeirinha tinha sonhos pequenos, mais de areia do que castelos. Às vezes sonhava que ela se convertia em rio e seguia com passo lento, como a princesa de um distante livro, arrastando um manto feito de remoinhos, remendos e retalhos. Mas depressa ela saía do sonho, pois seus pés descalços escaldavam na areia quente. E o rio secava, engolido pelo chão.» (pp.6,8)4) «Um certo dia, chegou à aldeia o Tio Jaime Litorânio, que achou grave que os seus familiares nunca tivessem conhecido os azuis do mar. Que a ele o mar lhe havia aberto a porta para o infinito. Podia continuar pobre mas havia, do outro lado do horizonte, uma luz que fazia a espera valer a pena. Deste lado do mundo, faltava essa luz que nasce não do Sol mas das águas profundas. A fome, a solidão, a palermice do Zeca, tudo isso o Tio atribuía a uma única carência: a falta de maresia. Há coisas que se podem fazer pela metade, mas enfrentar o mar pede a nossa alma toda inteira. Era o que dizia Jaime. _ Quem nunca viu o mar não sabe o que é chorar!» (p.10)5) «Certa vez, a menina adoeceu gravemente. Num instante, ela ficou vizinha da morte. O Tio não teve dúvida: teriam que a levar à costa.» (p.12)6) «Para que se curasse, disse ele. Para que ela renascesse tomando conta daquelas praias de areia e onda. E descobrisse outras praias dentro dela.» (p.12)				

- 7) «_ Vocês não entendem? – respondia ele. – Não há tempo a perder. Metam a **menina** no barco que a corrente a leva em salvadora viagem.» (p.12)
- 8) «Contudo, a **menina** estava tão fraca que a viagem se tornou impossível. (...) A mãe pegou nas mãos da **menina** e entoou as velhas melodias de embalar. Em vão. A **menina** apenas ganhava palidez e o seu respirar era o de um fatigado passarinho.» (p.14)
- 9) «Já se preparavam as finais despedidas quando o irmão Zeca Zonzo trouxe um papel e uma caneta.
_ Vou-lhe mostrar o mar, **maninha**.» (p.14)
- 10) «Todos pensaram que ele iria desenhar o oceano. (...) Mas não. Zonzo apenas rabiscou com letra gorda a palavra **mar**
Apenas isso: a palavra inteira e por extenso.» (p.16)
- 11) «_ Não vale a pena, mano Zonzo. Eu já não distingo letra, a luz ficou cansada, tão cansada que já não se consegue levantar.
_ Não importa, **Poeirinha**. Eu lhe conduzo o dedo por cima do meu.» (p.16)
- 12) «Os pais chamaram o moço à razão, ele que poupasse a **irmã** daquela tontice e que a deixasse apenas respirar. Mas Zeca Zonzo fingiu não escutar. Ele tomou na sua mão os dedos magritos de **Maria Poeirinha** e os guiou por cima dos traços que desenhara.» (p.18)
- 13) «_ Estou tocando sombras, só sombras, só.» (p.18)
- 14) «_ Experimente outra vez, **mana**. Com toda a atenção. Agora, já está sentindo?
_ Sim. O meu dedo já está a espreitar.» (p.18)
- 15) «_ E que letra é?
_ É um **m**.» (p.20)
- 16) «E sorriram os dois, perante o espanto dos presentes. Como se descobrissem algo que ninguém mais sabia. E não havia motivo para tanto espanto. Pois a letra **m** é feita de quê?
É feita de vagas, líquidas linhas que sobem e descem.» (p.20)
- 17) «_ É isso, manito. Essa letra é feita por ondas. Eu já as vi no rio.» (p.20)
- 18) «_ E essa outra letrinha, essa que vem a seguir?
_ Essa a seguir é um **a**.
_ É uma ave, uma gaivota pousada nela própria, enrodilhada perante a brisa fria.» (pp.21,22)
- 19) «Em volta todos se haviam calado. Os dois em coro decidiram não tocar mais numa letra para não espantar o pássaro que havia nela.» (p.22)
- 20) «_ E a seguinte letrinha?
_ É uma letra tirada da pedra. É o **r** da rocha.» (pp.24,25)
- 21) «E os dedos da **menina** magoaram-se no **r** duro, rugoso, com suas ásperas arestas.» (p.25)
- 22) «O Tio Jaime Litorânio, lágrima espreitando nos olhos, disse:
_ Calem-se todos: já se escuta o marulhar!» (p.25)
- 23) «Então do leito de **Maria Poeirinha** se ergueu a gaivota branca, como se fosse um lençol agitado pelo vento. Era **Maria Poeira** que se erguia? Era um simples remoinho de areia branca? Ou era **ela** seguindo no rio, debaixo do manto feito de remoinhos, remendos e retalhos?» (p.26)
- 24) «Ainda hoje, tantos anos passados, Zeca Zonzo, apontando o rosto da sua **irmãzinha** na fotografia, clama e reclama:
_ Eis minha **mana Poeirinha** que foi beijada pelo mar. E se afogou numa palavrinha.» (p.28)

A MORTE

Personagem	Origem / Causa	Significado(s)	Consequência(s)	Objetiva/ Subjetiva
Maria Poeirinha	Doença súbita e mortal	* Pobreza das gentes moçambicanas * Solidão * Sofrimento	Desejo Concretização do desejo: “ver” / sentir O Mar: * Libertação = Viagem * Novo nascimento / Nova Vida	Subjetiva / Poética Onírica (sonhos) / Metafórica

LINGUAGEM		ILUSTRAÇÃO			
<p>Obra impregnada de lirismo – É uma prosa poética ! (Aliás, Mia Couto escreve também Poesia)</p> <p>A força da palavra = a palavra funciona como magia (tradições africanas e, no próprio texto da obra, a palavra mar: há uma analogia entre a palavra, a sua grafia e a sua semântica).</p> <p>O narrador faz uma série de interrogações que têm como objetivo demonstrar que a morte de Poeirinha é como uma viagem mágica para uma outra vida de sonhos, sem doença, pobreza, e até nos mostra que o irmão, Zeca Zonzo, ao ter aquela ideia fantástica de escrever a palavra mar, passa a ser reconhecido pela família como um ser normal e não retardado.</p>		<p>As ilustrações recriam as duas vertentes principais da narrativa: uma realista e a outra metafórica / onírica, havendo mesmo uma interligação entre as duas. Há mesmo momentos de transparências e opacidades. Aparecem elementos pontuais, mas simbólicos com significado na história. Predomina a dicotomia das duas cores: amarelo e azul, símbolos da terra e do mar: o amarelo associado à aridez da Terra Africana e o azul ao mar, à evasão, aos sonhos.</p> <p>Estas ilustrações magníficas dizem tanto ou mais que as palavras... São por si pura poesia !</p>			
CONTEXTUALIZAÇÃO					
Espácio- Temporal	Sócio- Económica	Política	Familiar	Religiosa	Ecológica
<p>* Terra interior, árida de África (Moçambique)</p> <p>* “Era uma vez...”: como começam as narrativas de tradição oral</p>	<p>Extrema pobreza: Fome Seca Doença Morte</p>	<p>Contraste entre as dificuldades do interior africano e as facilidades das terras do litoral</p>	<p>Pais com 2 filhos: - A Poeirinha e Zeca Zonzo (que não tem nada de “atrasado”) - Relação afetiva entre os 2 irmãos - E o Tio Litorânio que vem do litoral</p>	<p>Crença nas origens africanas: * Sabedoria dos mais velhos (Tio Litorânio) * Vida para além da morte</p>	<p>Bipolaridade entre Terra (aridez, pobreza) e Mar (Vida, Sonhos)</p>
CONCLUSÃO	<p>A última expressão “E se afogou numa palavrinha” não está em consonância com a história, segundo o nosso ponto de vista.</p> <p> A palavra afogou é demasiado realista, dura, para um texto tão poético e mágico. Além disso, achamos mais aceitável e plausível voou ou desvaneceu, pois “do leito de Maria Poeirinha se ergueu a gaivota branca”. (p.26)</p>				
OBSERVAÇÕES	<p>Esta obra, viu, pela primeira vez, a luz em 2006 e foi ilustrada por Malangatana. É uma história reescrita por Mia Couto, a partir de um conto da tradição oral africana. O autor pretende chamar a atenção para a dura realidade árida do povo moçambicano...</p> <p>Mia Couto foi agraciado com o Prémio Camões este ano, 2013.</p> <p>(Revista <i>Malasartes</i>, Nº18, 2009)</p>				

2.10 - “ O elefante cor de rosa ”

ANO / 1ª Edição	AUTORA	ILUSTRADOR	ANO / m. Edição	EDITORA
1974	Luísa Dacosta (1927-)	Francisco Santarém	1996	Civilização
SINOPSE				
<p>Nesta obra, predomina o sonho, a imaginação – a liberdade é o mote para se poder sonhar e ser feliz! É uma grande lição de vida!</p> <p>Um elefante cor de rosa, levado a sair do seu planeta, onde a poluição matou toda a vida aí existente, vai de boleia num cometa para o planeta Terra. Mas, sendo cor de rosa, cor dos sonhos das crianças, é no meio delas que fica a viver e não no meio dos homens que só lhe podiam fazer mal. Além disso, ficará para sempre na imaginação de um menino e, assim, nunca morrerá e terá sempre amigos nas crianças.</p> <p>A Ecologia está bem presente neste livro e a Felicidade também. Mas esta só se consegue depois de se ter passado pela morte, sofrimento, tristeza e solidão.</p> <p>Há uma apologia à Criança! Ela, sim, continua a ter a pureza, a bondade e um coração capaz de acreditar sempre! Tal como o elefante cor de rosa da nossa história, ingénuo e criança (até nas interrogações que ele faz).</p> <p>O maravilhoso e a magia percorrem toda a obra, quanto mais não seja na própria cor e descrição do elefantezinho, no seu voo num cometa e, no final da narrativa, quando fica a viver na memória / sonho de um menino.</p>				
EXCERTOS DA OBRA				
<ol style="list-style-type: none">1) «No sonho, a liberdade...»2) «Era uma vez um elefante cor e rosa... Mas não existem elefantes cor de rosa !»3) «Não é inteiramente verdade, a verdade é outra: não existiam na Terra elefantes cor de rosa, o que é muito diferente. Mas noutra planeta, fora da nossa galáxia, num mundo pequenino, forjado no bafo de outras estrelas e aquecido por outro sol, havia elefantes cor de rosa.»4) «Viviam em florestas dum verde muito verde, entre pássaros azuis e manhãs de cristal.»5) «E dançavam grandes rodas, dando-se as trombas, até altas horas de muitas luas, porque não havia sofrimento e por isso o tempo não podia medir-se.»6) «As folhas agitavam contentamento, as flores brancas, as flores eram todas brancas de tanto luar, pareciam rir e os pássaros prolongavam, no seu canto, o eco de tanta felicidade.»7) «Todos os dias, sempre, havia festa. (...) Todos os dias a vida era alegre e companheira.»8) «Um dia, porém, o elefantezinho cor de rosa, o nosso elefantezinho, sentiu uma esquisita sensação, quando viu que uma flor branca murchava, sob os seus olhos fixos de espanto. A flor ia morrer!»9) «Aflito, chamou os companheiros que vieram, fizeram uma roda e, de rabinhos pendentes, começaram a soprar pelas trombas um ventinho de amizade e de carinho, que sustivesse a flor. Mas a flor morreu.»10) «Dançaram nessa noite, à luz das três luas, dando-se as trombas, mas estavam tristes.»11) «O elefantezinho deu pela primeira vez conta de que tinha coração e que nele havia um espinho.»12) «As flores brancas tinham morrido todas. A manhã também não era um cristal claro, estava como que empanada por ameaçadores				

- farrapos de algodão, que o elefantezinho, que nunca vira nuvens, desconhecia. (...) **A água estava também suja** do mesmo algodão ameaçador, que fizera desaparecer o esplendor, luzente, doutros mundos.»
- 13) «Ao outro dia a manhã não nasceu laranja e ouro.»
- 14) «Que estava a acontecer? Era ainda noite? Era um dia diferente?
Os elefantezinhos não sabiam dizê-lo. (...) Estavam apenas agitados, inquietos. Esqueceram as danças e os risos.»
- 15) «Havia motivos graves para isso. Na floresta verde, que eles podavam para se alimentar, havia **galhos mortos, sem folhas** e no chão, frouxas e **sem vida, as asas azuis dum pássaro.**»
- 16) «Os elefantezinhos não sabiam chorar, sentiam, porém, uma dor muda e terrível.»
- 17) «Precisavam fugir daquela ameaça que sobre eles se suspendia. Mas para onde?»
- 18) «Redondos e incomunicáveis, são todos os mundos.»
- 19) «E agora que já sabiam medir o tempo em sofrimento parecia-lhes interminável ter de esperar aquela noite que apagava a alegria do planeta (...)»
- 20) «O elefantezinho sentia que o **ar estava mais pesado** e que arrefecia. **Arrefecia realmente**, porque o sofrimento faz frio e porque o **planeta estava a morrer.**»
- 21) «Entretanto por toda a parte a sombra da desolação estendia-se, enorme: nem asas azuis, nem flores brancas, nem folhas verdes, nem águas claras.»
- 22) «Em breve, o elefantezinho não teve dúvidas. Estava sozinho. Chamava e não havia resposta.»
- 23) «E passava o tempo, indiferente, de olhos fechados, na esperança de forçar a vinda daquela noite a que não podia fugir.»
- 24) «E uma vez que assim estava, só no sozinho, sentiu, através das pálpebras cerradas, que uma torrente de fogo aquecia os ares. O mundo renascia? Curioso, abriu os olhos tristes e cansados. Era uma cavalgada de cometas, que emigravam para outra galáxia.»
- 25) «_ Adeus! _ gritou o elefantezinho, mas súbito lembrou-se e pediu:
_ Levem-me! Levem-me convosco! (...)
_ Dá-me a tromba! E agarra-te à minha cauda... mas com força.»
- 26) «O elefantezinho cumpriu as recomendações do cometa e sentiu-se aliviado. Estava salvo!»
- 27) «_ Qual é a tua rota? – perguntou.
_ Tocarei a Terra.
_ O que é isso?
_ É um planeta da galáxia da Via Láctea, pequenino e pobre, que só tem uma lua, mas que é habitado. Se queres posso lá deixar-te...
_ Que bom! Assim terei companheiros. A solidão é difícil de suportar.
Tenho a certeza que gostarei da Terra – afirmou o elefantezinho.
_ Não sei se será o lugar ideal para ti. Tenho ouvido dizer que os homens caçam elefantes, mas essa é a minha rota e só posso deixar-te na Terra. (...) Quer dizer que os homens prendem os elefantes dentro de jaulas.»
- 28) «_ E se eu ficasse para sempre contigo, cometazinho?
_ Seria um problema para os sábios, que teriam muita dificuldade em admitir um cometa terminado por um elefante cor de rosa. E não creio que possas aguentar, para sempre, o fogo da minha cauda.»
- 29) «Há talvez outra e melhor solução... Vou deixar-te na Terra, mas não entre os homens. Descerás na imaginação dum criança. Assim não morrerás nunca e terás sempre companheiros.
_ Excelente ideia, cometazinho!...
Mas quem me garante que as crianças me aceitarão? Lembra-te que nunca ninguém viu um elefante cor de rosa...
_ Isso não tem importância para as crianças e além disso a tua cor é exactamente igual à dos sonhos que elas respiram. Entre as crianças serás bem recebido.»
- 30) «E foi assim que o elefantezinho cor de rosa, vindo do planeta feliz na cauda dum cometa cansado, aterrou na imaginação dum menino.»
- 31) «_ Shiu! – fez o menino. (...)
_ Ah! Como é lindo!»
- 32) «E todos viram o elefantezinho cor de rosa, que passou a habitar a Terra e a unir uma roda de meninos.»

A MORTE				
Personagens	Origem / Causa	Significado(s)	Consequência(s)	Objetiva/ Subjetiva
<p>Planeta poluído: Elefantes cor de rosa e restante Fauna Flora Águas = tudo morre!</p> <p>Elefante metaforizado</p>	<p>Morte lenta dum Planeta:</p> <p>Poluição Destruição</p> <p>Só sobrevive um elefante que viaja para o planeta Terra na cauda de um cometa</p>	<p>Não há Vida num Planeta Morto:</p> <p style="text-align: center;"> Morte Solidão Tristeza</p>	<p>O Elefante cor de rosa salvou-se – foi para a Terra e entrou na imaginação de um menino pelo Sonho Felicidade</p>	<p>Subjetiva / Simbólica</p>
LINGUAGEM			ILUSTRAÇÃO	
<p>As palavras da autora transportam poesia, lirismo.</p> <p>Usa bastantes diminutivos, sobretudo quando se refere ao elefante, além de terem uma conotação carinhosa, são um hábito entre as crianças mais novas.</p> <p>As metáforas são uma das componentes da sua escrita – tornam-na mais leve e poética. Dão-nos imagens de grande beleza.</p> <p>Os jogos de palavras também contribuem para um maior realismo.</p> <p>Os diálogos transmitem vivacidade, ingenuidade.</p> <p>Assim como o gosto pelos pormenores, pela descrição com as cores, a forma e o movimento.</p> <p>Há mesmo uma aproximação com os leitores, muita sensibilidade, quando se refere ao “nosso elefantinho”...</p>			<p>Sobressai o arranjo gráfico da obra.</p> <p>O grafismo em letras maiores pretende chegar mais depressa ao público infantil.</p> <p>Além disso, resumem perfeitamente a história.</p> <p>A ilustração parece cinematográfica: as imagens de duas páginas pretendem dar movimento ao elefante.</p> <p>A incidência cromática, de duas páginas, é verde escura e violeta.</p> <p>O elefantinho é muito gracioso, cativante.</p> <p>A cor Rosa do elefante é uma cor habitual dos sonhos das crianças.</p> <p style="text-align: center;"> </p> <p>É o faz-de-conta habitual nas obras desta autora.</p>	

CONTEXTUALIZAÇÃO					
Espácio-Temporal	Sócio-Económica	Política	Familiar	Religiosa	Ecológica
<p>* Em 2 planetas: O do Elefante e a Terra e através do Espaço</p> <p>* O Tempo é indeterminado ...</p>	<p>Era uma vida boa, em plena Natureza, até esta ser assolada pela Poluição = Morte</p>	<p>Em primeiro lugar, há uma crítica à Poluição que pode destruir todo um Planeta... Há também uma crítica velada aos homens que, na Terra, caçam animais para depois os aprimorar e até matar... No fundo, há uma apologia aos Direitos dos Animais!</p>	<p>Todos os elefantes eram felizes e unidos: cantavam e dançavam juntos no seu planeta idílico</p>		<p>Bastante ecológica.</p> <p>Aponta para a destruição e morte de um Planeta.</p> <p>O meio- ambiente condiciona até a vida do elefante: Ele parte para outro planeta – a Terra.</p>
CONCLUSÕES	<p>Esta obra para a infância (e não só) destaca muitas temáticas: Morte, Infância, Sonho, Solidão, Amizade, Solidariedade, União, Poluição, Ecologia E, acima de tudo, a busca da Felicidade !</p>				
OBSERVAÇÕES	<p>Subentende-se uma <u>crítica subtil</u> à Poluição e uma <u>apologia</u> à Diferença e à Defesa dos Direitos dos Animais e onde as Questões Multiculturais já são uma realidade !</p> <p>=Como é um álbum, não é paginado.=</p>				

2.11 - “ O Menino Eterno ”

ANO / 1ª Edição	AUTOR	ILUSTRADOR	ANO / m. Edição	EDITORA
1994	José Jorge Letria (1951-)	Henrique Cayatte (1957-)	1994	Civilização
SINOPSE				
<p>“É uma história em prosa com sabor a poesia.”</p> <p>Apesar de haver uma luta pelo poder, em que os camponeses são as vítimas de tanta ambição, esta obra remete-nos para um universo de sensibilidade, de beleza e de eternidade.</p> <p>Esta história é relatada como uma lenda oriental.</p> <p>A história de Pi Wang transporta-nos a um mundo imortal.</p> <p>O autor faz uma apologia à Natureza, à simplicidade, à harmonia, à amizade, à gratidão, à sabedoria, à paciência, à dignidade, à felicidade, ao sonho e, acima de tudo, ao desejo de ser eternamente criança, pois as crianças “têm nos olhos toda a sabedoria do mundo, veem o mundo com olhos mais doces.”</p> <p>E é que ser criança é um modo de ser eterno, imortal...</p> <p>Também a eternidade está presente no poder da Natureza se renovar ao longo do ano...</p> <p>O Eterno está bem presente neste livro.</p>				
EXCEROTOS DA OBRA				
<ol style="list-style-type: none">1) «Havia, entre os camponeses daquela região, um que era mais estimado e mais ouvido que todos os outros. Chamava-se Pi Wang e a fama da sua imensa sabedoria já tinha chegado às principais cidades do império.» (p.4)2) «_ Explicai ao vosso senhor que eu sou um pobre camponês que, a bem dizer, nada sabe. Tudo o que aprendi foi com as estrelas, com as plantas e com os pequenos animais que buscam abrigo nos tufos de erva que nascem do chão.» (p.4)3) «Se alguém havia a quem o sábio camponês nada recusava, eram as crianças. “Elas têm nos olhos – explicava ele – toda a sabedoria do mundo. Quando gostam de uma coisa ela torna-se brilhante, luminosa, eterna. Quando gostam de alguém não o sabem nem o querem esconder. Por isso eu gostava de ser sempre criança e de viver num mundo onde só houvesse crianças.” Mas Pi Wang e os camponeses que como ele sentiam sobre os ombros o peso da idade sabiam que isso era impossível, porque as pessoas, tal como os animais e as plantas, os peixes e os astros, nascem, crescem e morrem. É uma lei natural que nenhum poder conseguiu alguma vez contrariar. Pi Wang sabia-o bem, mas não parecia resignar-se.» (p.5)4) «Diz-se mesmo que, embora não soubesse ler nem escrever, ditava aos mais jovens, aos que sabiam juntar as letras e os algarismos, belos poemas que muita gente leu e aprendeu de cor para depois recitar aos filhos e aos netos. Nesses poemas Pi Wang também não dava conselhos, porque achava que não é para isso que serve a poesia. Limitava-se a falar das coisas pequenas e belas que existem neste mundo e a descrevê-las com palavras transparentes e sonoras como a água dos rios que atravessavam a região e a tornavam verdejante e fértil.» (p.5)5) «_ De onde vem toda a tua sabedoria, se não sabes ler nem escrever? – perguntou uma vez uma criança a Pi Wang (...): _ Vem da maneira como olho as coisas que existem à minha volta, principalmente aquelas que, por serem insignificantes, não merecem a atenção de ninguém.» (p.5)6) «_ Mas vêm agradecer-me o quê? _ inquiriu ele espantado. _ Eu nada fiz para que a Primavera se apressasse. Apenas esperei por ela com a paciência que sempre tive e que a Natureza sempre teve comigo.» (p.7)7) «No fim do Outono foi nomeado um novo governador para a região onde vivia Pi Wang. (...) Para mostrar que contava com importantes apoios, convidou Pi Wang para passar uns dias no seu palácio, mas o velho camponês recusou com a delicadeza habitual, mandando dizer				

- lhe que o seu lugar era junto dos outros **camponeses** (...)» (p.10)
- 8) «Se para todos os impostos eram pesados, para **Pi Wang** ainda o eram mais porque, alquebrado pela velhice, já poucas forças tinha para amanhoar a terra e tirar dela a riqueza que lhe era exigida.» (p.10)
 - 9) «Sentia que lhe começavam a faltar as forças, mas nem por isso diminuía o seu gosto de pensar e de imaginar coisas fantásticas, cidades azuis e brancas onde desse prazer viver.» (p.12)
 - 10) «_ Viemos (...) para te ajudar. Sempre pudemos contar contigo e chegou o momento de poderes contar **connosco**. Seremos nós a pagar os teus impostos e continuaremos a fazê-lo porque sabemos que estás demasiado velho e cansado para trabalhar.» (p.12)
 - 11) «_ Tudo aquilo que aprendi ao longo da minha vida – murmurou – é pouco, quase nada, para vos compensar por aquilo que acabaram de me fazer. Mas prometo que ainda um dia vos hei-de pagar.» (pp.12,13)
 - 12) «O que ninguém sabia é que **Pi Wang** guardava há muitos, muitos anos, um segredo bem guardado, um segredo que só podia partilhar com os astros e com as pedras.» (p.13)
 - 13) «_ Eu sei (...) que lá em baixo, no vale, se vão viver **momentos terríveis**, horas de sofrimento e de tristeza. Mas nada posso fazer para as evitar.» (p.16)
 - 14) «Tinha por companheiro, no sossego da montanha, um falcão que só o deixava quando precisava de se alimentar. Era com ele que falava sempre que sentia necessidade de desabafar.» (p.17)
 - 15) «Enquanto esmagava as ervas e as sementes num cadinho de jade, murmurava algumas palavras mágicas que um velho peregrino muitos anos antes lhe ensinara.» (p.17)
 - 16) «_ Nunca te esqueças destas palavras, (...) porque com elas alcançarás poderes nunca imaginados e há-de tornar real um sonho que há muito tempo existe no espírito dos homens.» (p.17)
 - 17) «_ Se tudo resultar como eu espero – confidenciou **ele** ao falcão – voltarei a ter a idade de brincar e de correr, de saltar e de jogar, enquanto a minha imagem de velho triste e cansado se há-de esfumar de vez no meio das nuvens que correm para as bandas do poente empurradas pelo vento.» (pp.17,18)
 - 18) «Não tardou a sentir o efeito. (...) Recuara mais de setenta anos. Não tinha agora mais de nove ou dez. Era finalmente **a criança** em que há muito desejava transformar-se.» (p.21)
 - 19) «Quando chegou à aldeia ninguém o conheceu. Todos pensaram que se tratava de mais uma das muitas crianças que tinham ficado sem casa e sem família no meio do **desastre da guerra**.
Falando com outras crianças, soube que a maior parte dos **camponeses** tinha morrido em **batalhas** onde não houvera vencidos nem vencedores, onde o único triunfo for a o da morte sobre a vida. Soube também que os **campos tinham sido queimados** e que os **celeiros estavam vazios**, que havia **muita fome** e **muita tristeza**.» (p.24)
 - 20) «_ Temos de ajudar a reconstruir as nossas casas, de limpar os campos e fazer novas sementeiras, de inventar jogos e brincadeiras que sejam capazes de trazer a alegria de volta. As crianças estiveram de acordo e não tiveram dificuldade em organizar-se para lhe darem a ajuda que ele pedia. Em poucos meses a aldeia parecia outra. Tornara-se de novo bonita e habitável. Quase se tinha esquecido o pesadelo da guerra.» (p.24)
 - 21) «Mas havia um problema: **aquela criança** de quem todos gostavam não crescia como as outras crianças. Mantinha-se sempre com a mesma idade. Não podia, não era capaz de envelhecer.» (pp.25,26)
 - 22) «Outra coisa que não conseguiam explicar era a grande sabedoria que tinha e a maneira como se dava com a Natureza e com aqueles que a habitavam (...). Só ele falava a linguagem indecifrável dos elementos naturais.» (p.26)
 - 23) «Morava dentro dele aquilo que mais desejava: o segredo de ser eternamente criança.» (p.27)
 - 24) «_ Mas **esta criança** – replicaram os **camponeses** – é uma criança diferente de todas as outras. Ajudou a reconstruir a nossa aldeia, tornou mais estudiosos e aplicados os nossos filhos, ensinou aos adultos coisas que eles nunca tinham sonhado e, para além disso, não envelhece. Quem melhor do que ela poderá exercer o cargo e manter-nos afastados da guerra e da cobiça dos poderosos?» (p.28)
 - 25) «Morava numa pequena cabana perto do rio azul onde nadavam castores e peixes prateados e sabia como ninguém ler nos astros (...). Era, toda a gente dizia, uma **criança sábia**. Uma **criança eterna**.» (pp.28,29)
 - 26) «**Pi Wang**, na sua minúscula cabana, foi avisado por um bando de estorninhos da

aproximação dos soldados e das intenções com que vinham. Achou que tinha chegado o momento de partir. Por esses dias deveria riscar o céu um enorme cometa que há mais de cem anos não era visto naquelas paragens.» (p.29)					
A MORTE					
Personagens	Origem / Causa	Significado(s)	Consequência(s)	Objetiva/ Subjetiva	
Camponeses e soldados Pi Wang (camponês sábio)	Guerra Ódio	Desejo de poder e cobiça A Vida renova- se: é como voltar a ser Criança	<ul style="list-style-type: none"> • Morte dos habitantes: orfãos, viúvas; • Destruição da natureza, cidades devastadas: Sofrimento, Tristeza, Solidão, Fome 	Objetiva	
LINGUAGEM			ILUSTRAÇÃO		
Linguagem poética: “Uma escrita de rara beleza e superior qualidade.” Com uma sensibilidade que emociona...			As ilustrações são de uma beleza singular e remetem o leitor infanto-juvenil para o mundo do fantástico, do Oriente. Mas, ao mesmo tempo, as da capa e da contracapa para o Menino Eterno da Bíblia...		
CONTEXTUALIZAÇÃO					
Espácio- Temporal	Sócio- Económica	Política	Familiar	Religiosa	Ecológica
* 4 Estações do ano * Ano longínquo	Camponeses oprimidos de uma aldeia	Os camponeses eram explorados pelos governantes	Todos os habitantes se comportam como uma grande família. Amizade acima de tudo	Na capa e contracapa, há como que uma alusão a fatos bíblicos.	A obra desenrola-se ao longo de 4 capítulos / 4 estações do Ano – a Natureza renova-se ao longo do ano Na Natureza vive Pi Wang que sabe falar com ela; é ela que comanda as colheitas.
Esta é uma história intemporal, para todas as idades					
CONCLUSÃO	Esta é uma história intemporal, para todas as idades !				
OBSERVAÇÃO	O autor foi premiado com esta obra!				

2.12 - “ As mais belas coisas do mundo ”

ANO / 1ª Edição	AUTOR	ILUSTRADOR	ANO / m. Edição	EDITORA
2010	Valter Hugo Mãe (1971-) Angolano	Paulo Sérgio BEJu (1971-)	2010	Alfaguara
SINOPSE				
<p>Esta obra é uma verdadeira poesia! A criatividade e a sensibilidade entrecruzam-se com uma certa ingenuidade do menino-narrador que é o protagonista. É como um livro de memórias. Possivelmente autobiográfico.</p> <p>A história tem por base as recordações que um neto se lembra de conversar com o avô, lembranças essas acerca dos afetos e das reflexões / aprendizagens sobre a vida, além de, poeticamente, nos dizer como lidar com a morte de alguém que se ama e com quem se tem grande cumplicidade. No meio da obra, aparece a pergunta que o avô faz ao neto, e que está configurada no título da mesma. E o neto fica a ter consciência de que não são as coisas visíveis – e neste particular assemelha-se ao “O Principezinho” – as mais belas coisas do mundo, mas as “grandemente invisíveis”. A história termina com uma homenagem ao avô, em forma de promessa, pois ele era especial, sensível, e fez o neto descobrir muitas coisas úteis sobre os sentidos e os sentimentos de cada um.</p>				
EXCERTOS DA OBRA				
<ol style="list-style-type: none">1) «O meu avô sempre me dizia que a melhor parte da vida haveria de ser ainda um mistério e que o importante era viver procurando.» (p.4)2) «O meu avô queria dizer que não devemos ficar parados à espera de que algo aconteça. A magia de estarmos vivos vem da possibilidade de fazermos acontecer.» (p.4)3) «Por causa dos mistérios, o meu avô inventava sempre motivos para me sugerir uma pesquisa, uma busca, um problema qualquer que arranjava para me pôr a pensar melhor acerca de um qualquer assunto. Umás vezes, eu tinha de desmontar as pistas que me deixava e que me levariam a um doce, a um brinquedo, a um livro ou a um novo jogo.» (p.6)4) «(...) e como aprendi também que a minha avó ficou doente e precisou de morrer.» (p.8)5) «A minha mãe explicou-me que, por causa de estar muito doente, a minha avó precisara de morrer para ficar sossegada. Nós não lhe poderíamos falar mais, mas ela seria assim um património dentro de nós, uma recordação que, com o pensamento, podíamos manter viva.» (p.10)6) «Eu perguntei se o avô não ia ficar triste, e a minha mãe disse-me que sim, que íamos todos ficar tristes. Mas o meu avô, (...), veio dizer-me que haveríamos de procurar os dois juntos uma maneira de descobirmos onde se escondia a felicidade naqueles tempos difíceis.» (p.10)7) «Hoje, eu sei que o meu avô precisava de companhia e que a minha companhia era já a felicidade possível para ele.» (p.10)8) «Um dia, o meu avô perguntou-me quais eram as coisas mais belas do mundo, e eu não soube o que dizer. (...) Perguntou-me se o mais belo do mundo não seria fazer-se o que se sabe e pode para que a vida de todos seja melhor.» (p.12)9) «Eu fiquei muito espantado com a sua resposta. Pensara eu em coisas de verdade, e ele falava-me mais de modos de ser, falava-me desses ingredientes complexos que fazem a receita da nossa personalidade, a maneira como somos e como sentimos tudo.» (p.12)10) «Percebi que para aumentar a magia de viver podemos fazer acontecer algo apenas com a força do pensamento.» (p.14)11) «Eu brincava com as palavras e o meu avô, que adorava ler depois o que eu escrevia, dizia				

que eu tinha aprendido a sonhar, porque sonhar é achar que estamos a fazer algo que se passa só na nossa cabeça. Eu estava a aprender a sonhar de dia, e quem sonha de dia transforma sempre a sua vida, transforma o mundo. (...)
As coisas que se passam no coração, isso aprende-se com o tempo, são as mais importantes de todas.» (p.16)

- 12) «Quando eu fiz dez anos, o **meu avô** precisou de morrer. O meu pai levou-me a passear, como se fôssemos mais uma vez dar nomes aos pássaros e distinguir as árvores (...). Mas isso já eu tinha aprendido muito bem e não esqueceria.» (p.18)
- 13) «O meu pai disse-me que o **avô** estava muito feliz por mim e gostava muito de passear comigo e ensinar-me tudo o que havia para aprender, mas ficara já muito velho e tão cansado que morrer foi como ficar sossegado.» (p.18)
- 14) «Sempre uma recordação guardada no nosso pensamento e no nosso coração. A sonhar de dia e de noite, eu poderia falar dele, e com ele, nas minhas poesias e nas minhas histórias, e poderia fazer com que a sua vida ainda acontecesse, assim à força de continuar a amá-lo.» (p.18)
- 15) «O meu pai perguntou-me se eu me sentia bem. Eu disse que estava muito triste mas que ia andar à procura da felicidade, como dizia o **avô** que tinha de ser.» (p.18)
- 16) «Quando me levaram a ver o lugar onde o puseram, vi como estava coberto de flores. Levei algo também, algo que queria garantir que ele veria.
Levei uns desenhos para lhe contar como uma história tão simples podia conter as coisas mais belas do mundo.» (p.20)
- 17) «O **meu avô** dizia que cada ser é feito para o que tiver força. Ensinou-me que devo ser forte também e procurar sempre a minha natureza.» (p.24)
- 18) «Eu pensei que o **meu avô** era como todas as coisas mais belas do mundo juntas numa só, e que haveria sempre de ser uma árvore frondosa sobre mim, onde os pássaros descansam e o vento sopra, por onde a chuva se coa e a noite esconde as estrelas.» (p.30)
- 19) «Eu pensei que o **meu avô** me tinha mostrado como entender o coração e como sonhar com o coração para nele guardar cada momento, porque só os momentos nos pertencem verdadeiramente, tudo o resto pertence à natureza.» (p.30)
- 20) «Eu pensei que o **meu avô** era quem melhor definia a amizade, o amor, a honestidade e a generosidade, o ser-se fiel, educado, o ter-se respeito por cada pessoa e cada coisa.» (p.30)
- 21) «Eu, enquanto viver, quero nunca me esquecer dele para que, um dia, alguém possa lembrar-se de mim exactamente assim, feito das coisas mais belas do mundo, guardadas dentro de mim, como se também eu fosse um mistério de profunda sabedoria e beleza que é importante descobrir.» (p.30)

A MORTE

Personagem(ns)	Origem / Causa	Significado(s)	Consequência(s)	Objetiva/ Subjetiva
O Avô e A Avó	Cansaço / Velhice Doença	Tristeza Saudade	Reflexão Sonhar com coração Feliz recordação Aceitação	Objetiva

LINGUAGEM		ILUSTRAÇÃO			
<p style="text-align: center;">Poética e muito bela. Aparentemente simples – trata-se de uma criança de 10 anos que narra o texto: há um repetir constante de “o meu avô” - e que vai gradualmente conduzindo o leitor pelo prazer da descoberta...</p> <p>A incidência das minúsculas no título da obra remete já para a importância das coisas mais belas do mundo serem as invisíveis, as mais simples, as que se sentem...</p>		<p style="text-align: center;">Parecem telas. Sobressaem duas cores fortes nas páginas de texto: o vermelho e o azul. Aliás, o azul só aparece quando se trata da morte do avô.</p> <p>Cada página só tem uma imagem bem destacada e que está (ou não) em conformidade com o texto.</p> <p>As suas cores também andam entre o azul anilado e o vermelho. Algumas são um pouco metafóricas, não muito elucidativas.</p>			
CONTEXTUALIZAÇÃO					
Espácio-Temporal	Sócio-Económica	Política	Familiar	Religiosa	Ecológica
<p>* Ilha da Madeira (Curral das Freiras)</p> <p>* Avô morreu quando o neto tinha 10 anos</p>	<p>Família com cultura e sensibilidade</p>		<p>Família bem estruturada:</p> <p>Avós Neto Pais</p> <p>Grande cumplicidade entre Avô e Neto</p>		<p>Apologia à Natureza (como coisas belas do mundo):</p> <p>Flores Árvores Mar Sol Lua Estrelas Nuvens Vento Chuva Fauna</p>
CONCLUSÃO	<p>É uma obra que pode ser lida em todas as idades !</p>				
OBSERVAÇÃO	<p>O autor já foi distinguido com o Prémio José Saramago em 2007.</p>				

2.13 - “ O segredo da menina morta ” in « Três histórias de amor »

ANO / 1ª Edição	AUTOR	ILUSTRADOR	ANO / m. Edição	EDITORA
2003	Álvaro Magalhães (1951-)	António Modesto (1957-)	2009	Asa
SINOPSE				
<p>Nesta obra, perpassam três temas: o Amor, a Vida e a Morte.</p> <p>Dois adolescentes, Sara e João Maria, o protagonista, vivenciam um amor perturbado por causa da alma de Inês, uma menina que já morreu, mas que possui um segredo.</p> <p>Segredo esse que faz com que a sua alma não se eleve ao Céu e que continue presa na Terra. Só quando consegue que o protagonista da história lho solucione, é que se libertará das amarras terrenas, sem antes realizar um desejo: beijar um rapaz: João Maria!</p> <p>Este conto destaca-se pela originalidade e criatividade do tema e do modo como é abordado. A força do imaginário, a magia e o mistério também contribuem para a adesão dos jovens a esta história!</p>				
EXCERTOS DA OBRA				
<ol style="list-style-type: none">1) «Para o João Maria, ser filho do guarda do cemitério não era uma desvantagem. Pelo contrário. A casa era pequena mas o cemitério era um imenso e silencioso jardim perfumado que, a partir das cinco da tarde, quando o pai fechava os portões, lhe pertencia por inteiro.» (p.9)2) «Os mortos? Era tudo gente boa, inofensiva, muito comedida, a quem apenas faltava qualquer coisa, talvez um pouco mais de vida. Mesmo os que em vida haviam sido mais agitados e nervosos, ou os que passaram essa vida a guerrear, encontraram no cemitério a calma eterna e não tinham agora outro remédio senão repousar em paz.» (p.9)3) «Porém, havia uma sepultura, ao fundo do Sector F, onde o João Maria sempre parava e se demorava, depois de lá pousar as mais belas flores que ia recolhendo nas outras sepulturas.» (p.10)4) «Inês, a rapariga que morrera há cerca de um mês, com apenas doze anos, também não lhe respondia. Isto digo eu, mas talvez a ouvisse o João Maria que ali ficava a falar horas a fio, sempre com os olhos pregados na fotografia redonda onde a Inês para sempre sorria. Não se podia dizer que namorassem, a não ser na imaginação do João Maria, e talvez na dela, se a tivesse ainda, mas havia um compromisso. Lá isso havia.» (p.10)5) «Até que um dia o João Maria, ao atravessar o largo, a caminho da escola, se cruzou com a filha dos novos donos da Confeitaria do Largo.» (p.10)6) «Ele ficou parado no meio do passeio, de boca aberta, muito espantado, a vê-la entrar mais adiante na porta da confeitaria e, ao fim da manhã, quando regressava a casa, voltou a vê-la à varanda. Acenou-lhe então a medo, discretamente. Ela voltou a sorrir e ele teve a sensação de que nada existia para além daquele sorriso a não ser a noite escura.» (pp.10,11)7) «Talvez por isso, nesse dia, o João Maria não visitou a sepultura da Inês.» (p.11)8) «Quando saiu para o largo pareceu-lhe ver o nome dela escrito no ar por um rebanho de nuvens – Sara – e percebeu que era um aviso para a sua alma.» (p.11)9) «Nos dias que se seguiram, não saiu de casa. Nem vinha ao largo, à procura do sorriso da Sara, nem ia visitar a Inês à sua última morada. Confuso, dividido, paralisado, sentia-se como se também estivesse morto e à sua volta tudo vivo, tudo a mexer-se e pronto a seguir com a vida, sem ele.» (p.11)10) «Por fim, decidiu-se por uma visita à Inês. Já estaria ao corrente? E, nesse caso, estaria zangada e com ciúmes? E ele? Deveria dizer-lhe a verdade? Ou mentir-lhe para não a magoar? Todas estas perguntas dançavam na cabeça do João Maria quando ele se sentou na pedra da sepultura da Inês, que, nessa tarde, lhe pareceu mais gelada do que nunca.» (p.12)				

- 11) «Incomodado pelo frio, levantou-se e viu que desaparecera o sorriso dela na fotografia. Ou seria impressão sua? Uma alucinação?» (p.12)
- 12) «E, no instante a seguir viu uma luzinha esverdeada que se ergueu da sepultura da **Inês**, se enrolou sobre si mesma e desapareceu depois no ar, como se quisesse fugir dali para não ter de o ouvir.» (p.12)
- 13) «_ Desculpa. Eu não queria apaixonar-me. Juro que não. Aconteceu-me.
O João Maria calou-se de repente. Acabara de sentir aquele aroma das bolachas de baunilha acabadas de cozer. Voltou-se de repente e viu a Sara. Trazia um vestido impecavelmente branco e o tal sorriso onde começava e acabava o mundo.» (p.12)
- 14) «la jurar que estavas a falar para a fotografia desta rapariga. Conhecia-la?
_ Não. Só a conheço daqui. (...)
_ Eu conheci-a. Andava na minha escola. Chorei tanto no dia da **morte** dela. Não houve aulas nessa semana. Mas agora que está **morta**, não te pode responder.» (p.14)
- 15) «A Sara sentou-se na pedra da sepultura da **Inês**, mas levantou-se logo a seguir, como se tivesse sido empurrada por uma mola.
_ Queimei-me – disse ela. – Isto está quente como tudo. (...) Foi como se me tivesse sentado em cima de um fogão.
O João Maria apalpou a pedra e sentiu que ela estava fria, como sempre estivera. A Sara também confirmou a medo que a pedra continuava gelada e ficou confusa, muito assustada.» (p.14)
- 16) «_ Há bocado, queimou-me – garantiu ela. – Isto é estranho. Além disso, ia jurar que também vi sair daqui uma nuvem luminosa, esverdeada, Seria a alma dela?
_ O meu pai diz que são gases que se libertam dos corpos – explicou o João Maria.» (p.15)
- 17) «A Sara voltou-se e nesse momento sentiu que a empurravam para diante e caiu na poeira da alameda.
_ Foste tu? – perguntou ela a levantar-se.
_ Eu? – queixou-se o João Maria, ofendido. (...)
Talvez fosse uma rajada de vento.
_ Isto é cada vez mais esquisito (...) Uma rajada de vento num dia destes. Nunca mais cá volto. Afinal, isto é um cemitério. Está cheio de mortos, almas, espíritos. Não sei como consegues viver aqui. Adeuzinho.» (p.15)
- 18) «A mãe parou de lavar a louça e voltou-se para ele:
_ E o que queres saber agora? (...)
_ É sobre as luzinhas esverdeadas que saem e entram de algumas sepulturas. São as almas daquelas pessoas, não são?
_ Valha-me Deus! – disse a mãe. – Não queria nada que tivesses medo. Custa-me tanto que tenhas de viver aqui.
_ Eu não me importo de viver aqui, mãe. Até gosto. Só quero saber a verdade. São as almas deles, não são? (...)
_ E se forem? – disse ela. – As almas são inofensivas. Nunca nenhuma se meteu com ninguém. Às vezes dão por aí umas voltas no ar mas lá acabam por ir à vida delas.» (p.16)
- 19) «Então ouve. Há almas que têm coisas que as prendem à Terra e ficam aqui mais algum tempo, pesadas, incapazes de se elevarem.
_ Que coisas, mãe?
_ Sei lá, alguma coisa que deixaram de fazer, por exemplo, ou um assunto importante que ficou por resolver. Os mortos têm de esquecer quem foram para as suas almas poderem subir na direcção do céu. Quando se lembram de alguma coisa a sua alma cai na Terra à procura do corpo. (...) Alguma coisa que deixaram de fazer, por exemplo, ou um assunto importante que ficou por resolver.» (p.17)
- 20) «O João Maria foi para o quarto e sentou-se em frente à mesinha de madeira onde costumava estudar. Viu então uma luzinha esverdeada a entrar pela janela. (...) Tinha a forma de uma nuvem, (...) curvou-se, recurvou-se, alargou-se e estendeu-se no ar como a massa de um bolo, e depois avançou para ele de repente e atravessou-o de lado a lado.» (pp.17,18)
- 21) «O João Maria levantou-se, assustado, e procurou a luzinha, que desaparecera de repente. Pelo menos ele não a via. (...) Sentou-se e, sem saber porquê, pegou num lápis e começou a escrever numa folha branca. Mas o lápis não escrevia o que ele queria escrever, só o que a ele, o lápis lhe apetecia:
(...) _ És tu, **Inês**? – murmurou o João Maria. – Estás dentro de mim, a escrever com os meus dedos?

- “Como queres que fale contigo?”, escreveu o lápis.” E agora lê o que vou escrever a seguir. É muito importante. No dia da minha morte zanguei-me com os meus pais. Eu queria acampar com as minhas amigas, eles queriam que estudasse para o teste da semana seguinte. Fiquei cheia de raiva, só queria que me acontecesse qualquer coisa, uma desgraça qualquer, um incêndio em casa, por exemplo. Imaginava-me morta e eles, culpados, a lamentarem não me terem feito a vontade. Sabes como é, todos os jovens têm dessas fantasias. Há alturas em que vemos os nossos pais como seres estranhos que só existem para contrariar os nossos desejos. (...) Ora bem, dessa vez estava tão revoltada que pensei em me suicidar só para os meus pais se sentirem culpados e escrevi uma carta a dizer o que ia fazer. Quando a acabei já tinha perdido a vontade de morrer, tanto que a guardei na última gaveta da mesinha de cabeceira. Saí para a rua e quando cheguei lá fora só queria estar viva e até pensei que os pais tinham razão. Mas acabei por ser atropelada quando atravessava a rua, distraída, a pensar nisto tudo. Aconteceu.”» (pp.18,19)
- 22) «“Os meus pais nunca mais entraram no meu quarto, que foi fechado à chave desde o dia da minha **morte**. É para lá que a minha alma voa todas as noites. Queria tanto destruir aquela carta, mas há coisas que nenhuma alma pode fazer. Agora custa-me partir sabendo que mais cedo ou mais tarde eles vão encontrar a carta e pensar que me suicidei. Já imaginaste? Vão sentir-se culpados toda a vida, sofrer ainda mais do que o que estão a sofrer. Talvez se culpem um ao outro e acabem por se separar.» (...) «Agora já sabes o que torna a minha alma pesada e não a deixa elevar-se. Preciso da tua ajuda. Quero que vás ao meu quarto e destruas a carta antes que eles a encontrem. Não te preocupes, eu estarei contigo, como estou agora.”» (pp.19,20)
- 23) «“Faz o que te peço e poderei partir de vez. Amanhã de manhã, depois dos meus pais saírem para o emprego.” » (p.22)
- 24) «Ele passou o resto da noite acordado. E agora sim, estava assustado. (...) Depois esperou em frente à casa da **Inês** que os pais dela saíssem para o emprego. (...) Aí saltou o muro baixinho, deslizou silenciosamente através do quintal e trepou até à varanda do quarto da **Inês**, no primeiro andar. Não conhecia o caminho mas ela guiava-o no escuro bafiento do quarto. (...) Talvez por isso, deu tão depressa com a carta, uma folha de papel branco dobrada em quarto. (...) Voltou à varanda, fechou as janelas e regressou à rua pelo mesmo caminho.» (pp.22,23)
- 25) «_ Onde estás, **Inês**? – perguntou a olhar em volta. – Vou queimar a carta para veres que ninguém a poderá ler.
O João Maria acendeu um fósforo e chegou-o a uma pontinha da folha e depois largou-a para o chão e ficou ali de guarda até ela não ser mais do que um montinho de cinzas.» (p.23)
- 26) «Não apareceu a alma de **Inês**, mas apareceu a Sara.
Não falaram. Apenas deram as mãos naturalmente, como se sempre o tivessem feito e caminharam assim, em silêncio, até à sombra protectora do maior plátano do largo.» (p.23)
- 27) «Ele beijou-a. E não se sabe ao certo quanto tempo durou aquele beijo. Durou até ao momento em que alguém chamou:
_ Sara!
Era uma voz que chegava do fim do tempo, de um mundo para além daquele.
_ Sara! – ouviu-se mais alto. E eles separaram-se, aturdidos, como se tivessem finalmente acordado de um longo encantamento.» (p.24)
- 28) «Embora a alma da **Inês** não pudesse falar, desta vez o João Maria sentia o que ela estava a dizer:
_ Adeus, João, E obrigada. Não voltes a procurar-me lá no cemitério porque já vou a caminho. Não sei para onde vou, mas vou. Também me custava partir sem ter beijado um rapaz uma única vez.
_ Sempre eras tu – murmurou ele, aflito. – Estavas dentro da Sara e obrigaste-a a fazer o que fez. (...)
_ Que queres? Sabia que este era o meu último dia na Terra antes que fechem outra vez a porta negra sobre mim. Sabia que esta noite poderia planar sobre a cidade pela última vez e entrar noutros rapazes e raparigas para lembrar como era ser uma rapariga de 12 anos que quer ser beijada numa manhã de Junho. Mas olha que não a obriguei. Não tive de fazer nada. Ela queria tanto ou mais do que eu. Gosta de ti. Tanto ou mais do que eu gostaria se estivesse viva.» (p.25)
- 29) «_ Vou lembrar-me sempre de ti – murmurou o João Maria, quase sem voz. E sentiu uma compaixão enorme. Não era justo que uma **menina tão nova** estivesse morta naquela manhã

<p>de Junho.» (p.25)</p> <p>30) «Ficou ali parado, a ver a mancha recurvada de luz a elevar-se, e sentiu-se culpado por estar tão vivo e animado. Entretanto, a Sara regressou e ele voltou os olhos para a terra.» (p.26)</p> <p>31) «Sob a sombra do plátano, as suas duas sombras misturaram-se. (...) E, por sobre tudo isso, o João Maria ouviu também claramente a voz de uma menina a cantar uma canção melodiosa:</p> <p style="text-align: center;">_ <i>Como é bom ter um amor</i> <i>E voar da terra ao Céu.</i>» (p.26)</p> <p>32) «Olharam-se em silêncio com olhos cintilantes. Depois beijaram-se. Sem pressas, como se todo o tempo lhes pertencesse. E o João Maria, só ele, ouviu pela última vez a voz quase apagada da menina morta, que passou através de tudo como uma agulha de prata:</p> <p style="text-align: center;">_ <i>Roubaram-me um rapaz encantador.</i> <i>Um rapaz a quem dei um beijo.</i>» (p.27)</p>					
A MORTE					
Personagem	Origem / Causa	Significado(s)	Consequência(s)	Objetiva/ Subjetiva	
Inês (12 anos)	Atropelamento na rua, por distração	Sofrimento Desgosto Solidão dos pais	A sua alma ficou presa na Terra, não subiu ao céu, pois deixou cá um assunto / mistério por resolver...	Objetiva / Subjetiva	
LINGUAGEM			ILUSTRAÇÃO		
<p>O autor relata-nos uma história de Amor, Vida e Morte de um modo sensível e poético.</p> <p>Nota-se vivacidade no discurso e os diálogos são apropriados às personagens.</p> <p>Embora o imaginário achesse este conto, o autor é realista, direto na utilização da linguagem:</p> <ul style="list-style-type: none"> * Cemitério * Mortos * Pedra da Sepultura * Gases (que se libertam dos corpos) * Alma / luzinha esverdeada * Porta Negra * Menina Morta 			<p>Há um colorido forte nas poucas ilustrações do conto.</p> <p>No entanto, há uma preocupação na utilização de pequenos elementos simbólicos inseridos nas raras ilustrações que até parecem “desgarradas” da história.</p> <p>Mas que não são:</p> <ul style="list-style-type: none"> * Flores * Campa com flores * Cemitério <p>* Lápis e Dedos (coração ou ramo de flores?)</p> <p>É um conto repleto de ambiguidade, aliás, uma das linhas-de-força do seu autor.</p>		
CONTEXTUALIZAÇÃO					
Espácio- Temporal	Sócio- Económica	Política	Familiar	Religiosa	Ecológica
<p>* Talvez numa vila</p> <p>* Na época atual</p>	<p style="text-align: center;">Classe média Casa de 2 andares com quintal</p>		<p style="text-align: center;">Pais sem filha</p>	<p style="text-align: center;">A menina teve um funeral</p>	

CONCLUSÃO	“A filha, a infância vivida, lembrada, reinventada, são linhas bem presentes na obra de Álvaro Magalhães.”
OBSERVAÇÃO	Este autor já foi, por diversas vezes, premiado pela sua diversificada obra.

2.14 - “ História do Sábio fechado na sua Biblioteca ”

ANO / 1ª Edição	AUTOR	ILUSTRADORA	ANO / m. Edição	EDITORA
2009	Manuel António Pina (1943 - 2012)	Ilda David' (1955 -)	2009	Assírio & Alvim
SINOPSE				
<p>Esta obra é uma brilhante metáfora de um Sábio (que personifica a Sabedoria) fechado na sua Biblioteca e, por conseguinte, “fechado” a tudo o que acontece lá fora, na Vida: alegria, solidariedade, compaixão e amor.</p> <p>Só quando ele vivencia o significado destes sentimentos, estados de espírito, que eram das poucas coisas que não sabia no seu microcosmos da Biblioteca, rodeado de livros,</p> <p>é que ele, desinteressado e cansado de viver sozinho, caminha voluntariamente para a Morte.</p> <p>Mas, afinal, ele já tinha morrido no início desta história (em estrutura dramática), apenas sonhara com tudo e, assim, morrerá sem se dar conta.</p>				
EXCERTOS DA OBRA				
<p>1) «NARRADOR – Era uma vez um velho Sábio que tinha lido todos os livros e sabia tudo.» (p.5)</p> <p>2) «Conversava com os animais e com as plantas e conhecia o passado, o presente e o futuro. Até sabia que um dia, hoje, a esta hora...» (p.7)</p> <p>3) «NARRADOR – Deixem lá, são as horas que forem... Dizia eu que o Sábio até sabia que um dia, hoje, a esta hora (sejam lá que horas forem), eu estaria aqui a contar-vos esta história.» (p.8)</p> <p>4) «Como sabia todas as coisas e não tinha nada de novo para saber e conhecer, a sua vida era muito triste e desinteressante. Era uma vida sem espanto, onde nada de novo e surpreendente acontecia e todos os dias eram iguais a todos os dias.» (p.10)</p> <p>5) «Às vezes apetecia ao Sábio não saber qualquer coisa, poder perguntar a alguém qualquer coisa que não soubesse. (...) Mas vivia fechado na sua Biblioteca e não tinha ninguém a quem perguntar nada. E, mesmo se tivesse, mal acabava de pensar numa pergunta, já sabia a resposta antes que lhe respondessem.» (p.10)</p> <p>6) «Até que um dia, bateu à porta da Biblioteca um Estrangeiro.» (p.13)</p> <p>7) «ESTRANGEIRO – Venho buscar-te. SÁBIO – Eu sei. És a Morte. ESTRANGEIRO – Não sou nada a Morte, sou um Estrangeiro. SÁBIO – Eu sei tudo, e sei que és a Morte. ESTRANGEIRO – Enganas-te. Venho da parte do Imperador que quer falar contigo porque está a morrer e ouviu dizer que só tu sabes como são os lugares para onde se vai quando se morre. SÁBIO – Não me iludes, Morte. Vieste buscar-me para me levar ao Reino das Sombras e não ao Palácio do Imperador.» (pp.13,14)</p> <p>8) «NARRADOR – A Morte ficou zangadíssima por ter sido reconhecida, pois tinha tido um trabalho a disfarçar-se de Estrangeiro. Mas, como a Morte é muito teimosa, passados alguns dias, disfarçou-se de novo e voltou a bater à porta da Biblioteca.» (p.14)</p> <p>9) «PALHAÇO – Venho buscar-te. SÁBIO – Eu sei. És outra vez a Morte. PALHAÇO – Estás enganado, venho buscar-te para te levar a uma festa. A cidade tem muito orgulho em ter um homem tão sábio e tão ilustre entre os seus habitantes e o Governador decidiu organizar uma grande festa em tua honra. SÁBIO – Não, Morte, não me enganas. Eu sei que vieste buscar-me para me levar ao Reino das Sombras e não à Festa do Governador. PALHAÇO – Se não acreditas em mim, vou-me embora. Mas o Governador vai ficar muito aborrecido com a tua recusa...» (p.17)</p>				

- 10) «NARRADOR – A **Morte** estava cada vez mais zangada, porque estava escrito algures (...) que o **Sábio** deveria morrer sem reconhecer a **Morte** e sem saber que morria.» (p.18)
- 11) «Por isso, alguns meses depois, voltou a aparecer-lhe, desta vez disfarçada de uma linda Rapariga. (...)
RAPARIGA – Venho pedir-te em casamento. Vem comigo, os convidados já chegaram, a boda já está servida...
SÁBIO – Aceito o teu noivado, **Morte**, e irei contigo.
RAPARIGA – Enganas-te. Eu não sou a **Morte**, sou aquela que há muitos anos amaste, lembras-te?
SÁBIO – Sim. Como poderia esquecer-me de ti? Há quanto tempo te esperava, **Morte!**
RAPARIGA – Também eu, durante todos estes anos não te esqueci. Por isso venho agora buscar-te para te levar comigo e sermos felizes para sempre.
SÁBIO – Não, **Morte**. Eu sei tudo e sei que, sob essa máscara, se esconde o rosto da **Morte**. Vens buscar-me porque queres levar-me contigo para o **Reino das Sombras**. E eu irei contigo de bom grado porque já aprendi tudo o que há para aprender e a vida, para mim, já não tem interesse algum.
RAPARIGA (Tristemente) – Vejo que te esqueceste de mim. E que estás tão velho que confundes Amor e **Morte**.» (pp.18,21)
- 12) «NARRADOR (tirando a máscara de Rapariga e, sob ela, tirando também a da **Morte**, e lançando ambas ao chão) – A **Morte** ficou muito contrariada por ter sido de novo descoberta e, por isso, não poder levar consigo o **Sábio**.» (p.22)
- 13) «Ora, ao fim de tantos anos de vida, a verdade é que o **Sábio** estava cansado de viver. Ainda por cima uma vida tão triste e tão aborrecida, sem nada dela que não soubesse, fechado na Biblioteca rodeado de livros que já lera mil vezes. Como sabia tudo, sabia que só poderia morrer se não reconhecesse a **Morte** quando ela chegasse, mas sabia também que a reconheceria de todas as vezes que ela lhe batesse à porta.» (p.22)
- 14) «**SÁBIO** – Ai de mim! Estou tão velho e tão cansado! Li todos os livros do Mundo, (...), conheço todos os mistérios da vida e da morte. Mas tudo o que sei é inútil e silencioso, sem amigos e sem ninguém com quem conversar, porque as pessoas têm medo de mim e não se aproximam, temendo que eu conheça os seus segredos e não podendo suportar isso. Até morrer me está vedado, porque nem mesmo a **Morte**, com os seus mil disfarces, me pode surpreender! (...)
Oh, quanto gostaria de a conhecer por fim! Mas vivo enclausurado, sou prisioneiro do que sei e do que aprendi. (...) Como eu gostaria de sair da minha Biblioteca, mas, para isso, teria que sair de mim, porque eu próprio sou a Biblioteca. Como ela, não estou vivo nem estou morto, estou fechado dentro de mim como num labirinto ou como se fosse um livro antigo escrito numa língua desconhecida, que ninguém, nem mesmo a **Morte**, é capaz de ler.» (pp.23,25)
- 15) «NARRADOR – Então o **Sábio**, como a **Morte** não podia alcançá-lo, e porque estava cansado de viver e de saber tudo, decidiu ir ele à procura do **Reino das Sombras**.» (p.25)
- 16) «Durante meses e meses fez cálculos matemáticos, estudou mapas, traçou rotas. Até que acabou por descobrir o lugar exacto onde era o tal **Reino das Sombras**.» (p.25)
- 17) «Viajou durante muito, muito tempo. (...) Até que um dia, numa vereda, se lhe dirigiu um velho coberto de andrajos.
MENDIGO – Tenho fome. Dá-me, por Deus, alguma coisa de comer.
NARRADOR – O **Sábio** estremeceu. Nos seus livros, fechado na sua Biblioteca, tinha muitas vezes lido coisas sobre a fome. Mas nunca tinha tido fome. E agora, de repente, tudo o que aprendera nos livros parecia-lhe pouco.» (p.26)
- 18) «**SÁBIO** – Desculpa, bom homem, mas comigo só trago livros.
MENDIGO – Aceito os teus livros. Talvez alguém me dê qualquer coisa por eles e eu possa comprar que comer. (...) Vejo que também tens fome. Vou à aldeia vender os teus livros e voltarei com alguma coisa para comermos ambos.» (pp.29,30)
- 19) «NARRADOR – O **Sábio** sentiu uma estranha alegria apossar-se dele e, quando o Mendigo regressou com alguns bocados de pão, comeram ambos sofregamente. (...)
SÁBIO – Obrigado, bom homem. Ensinaste-me hoje algo que não se aprende em livro nenhum.» (p.30)
- 20) «NARRADOR – O **Sábio** prosseguiu a sua longa viagem em direcção ao **Reino das Sombras**, feliz por saber que, afinal, havia alguma coisa que não sabia. (...)
Mais adiante encontrou, deitado sob uma árvore, um homem que gritava cheio de dores. (...) O **Sábio** pegou-lhe na mão. A mão estava húmida e febril e o **Sábio** sentiu-se subitamente

inquieta. Nunca antes tinha tocado a mão de outro homem. A mão do homem apertou a mão do **Sábio** com toda a força, e o **Sábio** sentiu uma impressão estranha no coração, (...) E então recordou que lera há muito tempo, num velho livro, algo sobre um sentimento confuso e angustiante, chamado compaixão, e percebeu que o seu coração estava cheio de compaixão. (...)

SÁBIO – Tem coragem. Conheço todos os segredos da Medicina e tentarei minorar o teu sofrimento.» (pp.33,34)

- 21) «NARRADOR – O **Sábio** colheu umas ervas e fez com elas um chá que deu a beber ao doente e este sentiu-se logo melhor. (...) O **Sábio** sentiu uma felicidade que nunca tinha sentido.» (pp.34,37)
- 22) «O **Sábio** despediu-se do doente, abraçando-o, e partiu de novo. Sentia-se estranhamente leve e tranquilo como se, em vez de andar, flutuasse. (...) “Deve ser isto a alegria. Que estranho sentimento! De repente, fiquei de bem comigo, como se estivesse zangado e tivesse feito as pazes comigo.” E recordou-se então de quando era criança, e a mãe, à noite, antes de adormecer, lhe aconchegava os lençóis e se debruçava sobre ele para lhe dar um beijo. (...) E, sem saber porquê (que bem que se sentia por não saber finalmente qualquer coisa!), tudo à sua volta, o mundo, a vida, ele próprio, lhe pareceu então fazer sentido (...)» (pp.37,38)
- 23) «Por um momento, pensou em desistir de continuar o seu caminho ao encontro do **Reino das Sombras**. Mas a ideia de regressar à Biblioteca era-lhe agora mais insuportável que nunca e logo retomou a viagem.» (p.41)
- 24) «Continuou a andar durante muitos dias e muitas noites até que, fatigado, se sentou numa pedra à beira da estrada e adormeceu de cansaço.» (p.47)
- 25) «Então, em sonhos, apareceu-lhe de novo a Rapariga.
A Rapariga agora não é uma máscara, é uma personagem real.
RAPARIGA – Lembras-te de mim?
SÁBIO – Lembro, meu amor. E tu, lembras-te de mim?
RAPARIGA – Como te podia esquecer? Lembras-te de quando passeávamos de mãos dadas junto ao rio?
SÁBIO – Fugíamos à escola e íamos nadar. (...)
E o teu rosto é ainda belo como era. E os teus olhos doces. E o teu cabelo liso e macio.
RAPARIGA – Não, meu amor. Também eu envelheci. Passaram muitos anos, casei, tive filhos e netos (...)
SÁBIO – Procurei-te durante tanto tempo!
RAPARIGA – E eu a ti. E só te encontrava nos meus sonhos.
SÁBIO – Sabes que há muitos anos que eu não sonhava? Na verdade, nem sequer dormia, fechava os olhos mas tinha medo do sono e de tudo o que se esconde atrás das suas portas. Sobretudo dos sonhos. Temia sonhar contigo e acordar e tu não estares ao meu lado.
RAPARIGA – Mas agora estou aqui e nunca mais te deixarei. Não acordes, não acordes...
SÁBIO – Não, não quero acordar.
RAPARIGA (Dando-lhe a mão) – Anda, vem comigo. Vamos de novo passear à beira-rio. Agora nada nem ninguém poderá separar-nos.» (pp.48,51,52,53)
- 26) «**Sábio** e Rapariga, de mãos dadas, desaparecem no **Reino das Sombras**.
NARRADOR – O **Sábio** abriu os olhos e verificou então, surpreendido, que estava na sua Biblioteca, sentado, como sempre, à sua mesa de trabalho.
Como era muito sábio, depressa concluiu que tinha morrido. Tinha morrido precisamente no momento em que soube a última coisa de todas as coisas que havia para saber e, desde aí, não mais vivera. Apenas sonhara, sem saber que tinha morrido.
Até a sua longa viagem ao **Reino das Sombras** tinha sido, também ela, um sonho.
Sem saber que tinha morrido... Afinal sempre tinha morrido sem saber que morria como estava escrito no Livro onde estão escritas, diz-se, todas as coisas da Vida e da **Morte**.» (pp.59,60,63)

A MORTE					
Personagem	Origem / Causa	Significado(s)	Consequência(s)	Objetiva/ Subjetiva	
Sábio	Desinteresse Cansaço / Velhice Morte Pré-determinada	Soube coisas que não sabia no Caminho das Sombras: tornou-se solidário, adquiriu amigos, deixou de ser egoísta = sonho =	Morreu sem dar conta, a sonhar...	Subjetiva (?)	
LINGUAGEM			ILUSTRAÇÃO		
<p>É um texto dramático interativo, pois o narrador interpela o público.</p> <p style="text-align: center;">Toda a obra é uma metáfora, pois o Sábio, de tanto viver sozinho, já está morto desde o início da história – a sua sabedoria, aliada à sua solidão, transformaram-no num ser egoísta.</p> <p>Texto muito bem construído, com uma linguagem simples, revelando grande dose de imaginação e criatividade por parte do autor.</p>			<p>Parecendo ilustrações a <i>crayon</i>, há um contraste entre as imagens avermelhadas e as mais diáfnas, com o intuito de contrastar a Vida e a Morte e o Sonho. É uma imagística curiosa – parecem esboços – mas diz bastante, retrata bem a história do conto: morte, sonho...</p> <p>Também no próprio texto aparecem as cores vermelho (para a Morte) e azul escuro (para as outras situações).</p>		
CONTEXTUALIZAÇÃO					
Espácio-Temporal	Sócio-Económica	Política	Familiar	Religiosa	Ecológica
* Na Biblioteca e Caminho para o Reino das Sombras * Não há referências ao tempo cronológico	Sábio = sabia tudo sobre o que existia e não existia...		Não tinha ninguém: Vivia fechado na sua Biblioteca Aliás, ele era a própria Biblioteca		
CONCLUSÃO	<p>Há uma lição a tirar: não podemos nem devemos viver sozinhos, sem haver uma partilha com os Outros, pois seremos com toda a certeza seres infelizes, egoístas... Morreremos sozinhos sem alguém para nos confortar e acompanhar...</p>				
OBSERVAÇÃO	<p>Esta narrativa dramática foi escrita para comemorar o 30º aniversário da Companhia de Teatro Pé de Vento, e estreado no Teatro da Vilarinha, Porto, em Junho de 2008.</p>				

2.15 - “ O Príncipezinho ” / “ Le Petit Prince ”

ANO / 1ª Edição	AUTOR	ILUSTRADOR	ANO / m. Edição	EDITORA
1943	Antoine de Saint-Exupéry (1900-1944) Francês	Antoine de Saint-Exupéry (1900-1944) Francês	1946	Caravela
SINOPSE				
<p>O narrador, “preso” no deserto do Sahara, conhece um ser extraterrestre, um menino que é príncipe.</p> <p>Este Príncipezinho provem de um pequeno asteróide designado B 612.</p> <p>E neste asteróide só existem três vulcões – um deles está extinto - , uma rosa e embondeiros.</p> <p>Um dia, curioso para conhecer outros lugares, decide explorar outros asteróides.</p> <p>Visita vários e em cada um deles trava conhecimento com personagens diferentes, excêntricas, originais.</p> <p>Finalmente, um geógrafo sugere-lhe que visite a Terra; é, então, aí que ele encontra o narrador.</p> <p>E é no diálogo com o narrador, a par das magníficas ilustrações do autor, que reside a beleza, a ingenuidade e, ao mesmo tempo, o enigmático deste conto intemporal: a lição de vida deste clássico da literatura juvenil /(até adulta) mundial.</p> <p>Decide morrer – ser mordido por uma serpente – por sofrer por amor.</p> <p>O aviador e o príncipezinho são um desdobramento do próprio autor.</p> <p>É o pequeno príncipe que simboliza os seus sonhos e as suas interrogações de criança.</p> <p>E é a consciência que o impele a buscar resposta para os enigmas e para a procura dos seus anseios.</p> <p>Esta obra, cheia de simbolismo, possui um significado universal !</p>				
EXCEROTOS DA OBRA				
<ol style="list-style-type: none">1) «As pessoas grandes nunca percebem nada sozinhas e uma criança acaba por se cansar de ter que estar sempre a explicar-lhes tudo.» (p.10)2) «Evidentemente que, pela vida fora, tive uma data de contactos com uma data de gente importante. Vivi muito tempo no mundo das pessoas grandes. Vi-as de bem perto. Não fiquei com muito melhor opinião delas.» (p.10)3) «Foi assim que vivi sempre sozinho, sem ter ninguém com quem falar, mas falar a sério, até ao dia em que, há seis anos, tive uma avaria em pleno deserto do Saara.» (p.11)4) «Mas o meu rapazinho não parecia nem perdido, nem morto de cansaço, nem morto de medo.» (p.12)5) «O príncipezinho pôs um ar muito sério e disse: _ Não faz mal. O meu sítio é tão pequenino... É talvez com uma ponta de melancolia, acrescentou: _ Sempre a direito não se pode ir lá muito longe...» (p.18)6) «As crianças têm de ser muito indulgentes para as pessoas grandes.» (p.20)7) «Porque eu não gostava que este livro fosse lido levianamente. Custa-me tanto lembrar estas coisas! O meu amigo já se foi embora há seis anos com a sua ovelha. Se o tento descrever, é só para não me esquecer dele. É tão triste esquecermo-nos de um amigo! Nem toda a gente teve um amigo na vida!» (p.20)8) «_ Sabes... quando se está muito, muito triste, é bom ver o pôr do Sol...» (p.27)9) «_ Amar uma flor de que só há um exemplar em milhões e milhões de estrelas basta para uma pessoa se sentir feliz quando olha para elas. Porque pensa: “Ali está ela, lá no alto, a minha flor...” Mas se a ovelha comer a flor, para essa pessoa é como se as estrelas se apagassem todas de uma vez!» (p.30)10) «Sentia-se muito infeliz.» (p.33)11) «Não fui capaz de entender nada. Devia tê-la avaliado não pelas suas palavras, mas pelos seus atos. Ela perfumava-me e dava-me luz! Eu nunca devia ter fugido.» (...) «As flores são				

- tão contraditórias! Mas eu era novo de mais para a saber amar.» (p.34)
- 12) «_ O teu planeta é muito bonito – disse a serpente – Mas o que é que tu vieste cá fazer?
_ Foi por causa de uma flor – disse o **príncipezinho**.» (...) «Onde é que estão os homens?» (...) “No deserto está-se um bocado sozinho...
_ Também se está sozinho ao pé dos homens – disse a serpente.» (p.60)
- 13) «_ Mas sou mais poderosa do que o dedo de um rei – disse a serpente». (...) «Posso levar-te mais longe do que um navio. (...) Quando toco em alguém, devolvo-o imediatamente à terra de onde veio. Mas tu és puro e vieste de uma estrela...» (...) «Um dia, se tiveres muitas saudades do teu planeta, eu posso ajudar-te.» (p.62)
- 14) «_ Sejam meus amigos, que eu estou sozinho – disse o **príncipezinho**.» (p.63)
- 15) «Sim, laços – disse a raposa, - Ora vê: por enquanto, para mim, tu não és senão um **rapazinho** perfeitamente igual a outros cem mil rapazinhos. E eu não preciso de ti. E tu também não precisas de mim. Por enquanto, para ti, eu não sou senão uma raposa igual a outras cem mil raposas. Mas, se tu me prenderes a ti, passamos a precisar um do outro. Passas a ser único no mundo para mim. E, para ti, eu também passo a ser única no mundo...» (p.68)
- 16) «A raposa calou-se e ficou a olhar durante muito tempo para o **príncipezinho**.»
_ Por favor... prende-me a ti! – acabou finalmente por dizer.
_ Eu bem gostava – respondeu o **príncipezinho** – mas não tenho muito tempo. Tenho amigos para descobrir e uma data de coisas para conhecer...» (p.69)
- 17) «_ Adeus _ disse a raposa _ Vou-te contar o tal segredo. É muito simples: só se vê bem com o coração. O essencial é invisível para os olhos...» (p.74)
- 18) «E o **príncipezinho** acrescentou:
_ Mas os olhos são cegos. Deve-se é procurar com o coração.» (p.82)
- 19) «Mas eu não consegui ficar descansado. Lembrava-me da raposa. Quando nos deixamos prender a alguém, arriscamo-nos a chorar de vez em quando...» (p.83)
- 20) « Dei um salto! O que ali estava, de cabeça esticada para o **príncipezinho**, era uma daquelas serpentes amarelas que não demoram trinta segundos a executar uma pessoa!» (p.84)
- 21) «_ À noite, pões-te a olhar para o céu e, como eu moro numa delas (estrelas), como eu me estou a rir numa delas, para ti, é como se todas as estrelas se rissem! Vais ser a única pessoa do mundo que tem estrelas capazes de rir!» (...)
- 22) «E quando te tiveres consolado, há-de sentir-te muito contente por me teres conhecido. Há-de ser sempre meu amigo. Vai-te apetecer rir comigo. E, às vezes, sem mais nem menos, vai te dar para abrir a janela, só porque é bom...» (p.88)
- 23) «_ Esta noite... Vê lá se percebes... Não venhas comigo.
_ Vou! Vou! Não te quero abandonar!
_ Mas há-de parecer que me dói muito... Há-de parecer que eu estou a morrer. Tem de ser assim. Não venhas ver uma coisa dessas que não vale a pena.» (...)
- 24) «_ Se digo isto, também é por causa da serpente. Não quero que ela te morda. As serpentes são más. São capazes de morder as pessoas só por gosto...» (...)
«_ Também é verdade que elas já não têm veneno para a segunda mordidela...» (pp.88,89)
- 25) «Vai parecer que eu estou morto e não é verdade...» (...)
- 26) «_ Percebes?... É que é muito longe e eu não posso levar este corpo... É pesado de mais...» (...)
«É como uma velha casca abandonada. As cascas velhas não são uma coisa triste...» (p.90)
- 27) «Ainda hesitou durante um bocadinho, mas sempre acabou por se levantar.
Deu um passo. Eu, eu não consegui sequer fazer um gesto.
Foi só um clarão amarelo no seu tornozelo. Ficou parado por um instante. Não gritou. Caiu de mansinho, como caem as árvores. Nem sequer fez barulho, por causa da areia.» (p.91)
- 28) «Mas tenho a certeza de que o **príncipezinho** voltou lá para o seu planeta porque, ao nascer do dia, não encontrei o seu corpo. Afinal, não era um corpo tão pesado como isso...» (pp.91,92)
- 29) «Se passarem por este sítio, suplico-vos: não tenham pressa, fiquem um bocadinho à espera mesmo por baixo da estrela! Se vier um **menino** ter convosco, um **menino** que se está sempre a rir, com cabelos cor de ouro e que nunca responde quando se lhe faz uma pergunta, já sabem quem ele é. E então, por favor, sejam simpáticos! Não me deixem assim triste: escrevam-me depressa a dizer que **ele** voltou...» (p.95)

A MORTE					
Personagem	Origem / Causa	Significado(s)	Consequência(s)	Objetiva/ Subjetiva	
O Pequeno Príncipe	Depressão Mal de Amor (pela rosa)	Amor Solidão	Desaparecimento Morte Ressurreição	Objetiva/ Subjetiva	
LINGUAGEM			ILUSTRAÇÃO		
Simples, mas impregnada de simbolismo. Nas perguntas do Príncipezinho há ingenuidade e sabedoria.			Ilustrações belíssimas, muito <i>naïves</i> , do próprio autor		
CONTEXTUALIZAÇÃO					
Espácio-Temporal	Sócio-Económica	Política	Familiar	Religiosa	Ecológica
* Planeta Terra * Tempo indeterminado	Há como que uma crítica que o narrador faz à superficialidade e ao materialismo do mundo dos adultos. Está errado avaliar as pessoas em função da situação sócio-económica	É um Menino: Príncipe do Asteróide B612	Não tem família		Há alguns laivos: rosa
CONCLUSÕES	<p style="text-align: center;">É uma reflexão acerca do modo de nos tornarmos adultos, preocupados com o dia-a-dia, esquecidos da criança que fomos e somos.</p> <p style="text-align: center;">Várias máximas se podem extrair desta reflexão acerca dos valores essenciais da existência:</p> <p>*O essencial é invisível para os olhos; tem de se aprender a ver com o coração</p> <p>*A felicidade não se alcança sem uma aturada procura e com ajuda dos outros.</p> <p>*É necessário “ressuscitar” a criança que existe em cada um de nós</p> <p>*Deve evitar-se a acomodação, deve recomeçar-se sempre e nunca desistir</p> <p>*O sonho de um mundo melhor deve orientar a vida de cada um</p> <p>*Sem verdadeira liberdade, nunca se chegará à completa realização pessoal</p>				
OBSERVAÇÃO	<p style="text-align: center;">No fundo, é uma história de amor, dor e solidão, mas escrita com candura !</p> <p style="text-align: center;">É uma história com uma mensagem universal, para todas as idades!</p>				

2.16 - “ Clarissa ”

ANO / 1ª Edição	AUTOR	ILUSTRADOR(A)	ANO / m. Edição	EDITORA
1933	Érico Veríssimo (1905-1975) Brasileiro	Não há ilustrações	1947	Livros do Brasil
SINOPSE				
<p style="text-align: center;">Retrato de uma adolescente de 13/14 anos em vésperas de se transformar numa mulher e que está ainda a descobrir-se.</p> <p style="text-align: center;">Na década de 1930, Clarissa, curiosa, sonhadora e otimista, vai morar na pequena pensão da Tia Zina em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, no Brasil.</p> <p style="text-align: center;">E é aqui que ela vai despertar para o mundo e para a vida, na descoberta dos seres e das coisas que a rodeiam.</p> <p style="text-align: center;">Essa aprendizagem, maturidade, no plano psicológico, faz-se em contacto com os outros pensionistas e vizinhos, entregues às suas preocupações e dramas do dia-a-dia.</p> <p>E é um desses vizinhos, um menino deficiente e sofredor, o Tonico, com quem ela vai conviver e que lhe vai proporcionar o contacto com a fragilidade, a deficiência e a morte.</p> <p style="text-align: center;">Obra impregnada de um realismo e de um lirismo impressionantes, que se pode considerar um romance escrito numa prosa poética.</p>				
EXCEROTOS DA OBRA				
<ol style="list-style-type: none">1) «O menino doente está na sua cadeira de rodas; o sol bate-lhe no rosto pálido, pondo-lhe nos cabelos manchas de ouro polvilhado.» (p. 5)2) «No pátio vizinho, o menino doente começa a choramingar: _ Tatá! Ó Tatá! Tem uma voz sumida e trémula. Agita os braços, num esforço desesperado para mover a sua cadeira.» (p.7)3) «Tia Zina é assim. (...) E, então, quando se junta com a D. Tatá da casa vizinha, as lamentações e as queixas não têm fim. D. Tatá conta as suas desgraças. O eléctrico cortou-lhe a perna do filho de sete anos.» (p.29)4) «No pátio da casa vizinha, o menino doente brinca com os seus soldadinhos de chumbo. É pálido e tristonho. Parece feito de cera. Olhos fundos, muito redondos, baços e desencantados. Tonico não tem amigos. A mãe nem sempre lhe pode fazer companhia. O pequeno fica por muitas horas no pátio, tomando Sol, movimentando os seus soldados, imaginando batalhas e paradas fantásticas. Às vezes, quando o avião passa, os seus olhos (...) seguem-no ansiosos, inquietos, transfigurados. Tonico gosta dos aviões, gosta dos soldados, gosta de histórias de guerra. Tinha vontade de ser militar, quando crescesse. Quando na rua passam batalhões, ao som de clarins e tambores, o menino doente fica tomado dum frenesi violento, agita-se – olhos momentaneamente brilhantes – sacode os braços ao ritmo da charanga, faz um esforço desesperado para se levantar e, por fim, impotente põe-se a golpear com os punhos fechados a guarda da sua cadeira de rodas, frenético, numa raiva histérica.» (pp.29,30)5) «Clarissa pensa no Tonico. Todas as coisas tristes fazem que ela pense no Tonico. Se ela fosse Deus, daria uma perna sã para o filho da viúva (...)» (p.53)6) «Ali, em cima daquela cadeira, todo o santo dia, sem se poder levantar, sem poder ir brincar com os outros meninos da idade dele...» (p.63)7) «O coração de Clarissa bate apressado. Ela sofre. Está perturbada, olhos húmidos de lágrimas. (...)» (p.75)8) «_ Tonico, eu vim p’ra te contar histórias... _ Não quero, não quero, não quero! (...) _ Tonico, seja bonzinho, eu vou contar uma história bonita como tu nunca ouviste... uma				

- história de....de...
- Tonico** põe-se a bater freneticamente nos braços da cadeira. (...)
_ De guerra! De guerra! De tiro! De soldado!
(...) Clarissa cala-se por um instante. (...) Anima-se. Sorri. Gesticula e conta a história do coronel Couto. (...)
- Tonico** revolve-se, desinquieto. Os seus olhos brilham por um instante. (...) E o **menino doente** acompanha Clarissa na onomatopeia do combate:
_ Pum! Pum! Tá-tá-tá-tá!
- Tonico** quase salta da cadeira, contorce os braços, infla as narinas, dá punhadas no ar, pisca, grita, frenético.» (pp.76,77)
- 9) «Clarissa marcha. O entusiasmo do **menino** cresce.
De súbito, num desespero, **Tonico** começa a gritar:
_ Eu também quero marchar! Eu também quero marchar! (...)
_ Não, **Tonico**, tu és o general, tens de ficar sentado...
Mas **Tonico** não a escuta. Está transfigurado. (...) ergue-se na cadeira, estica a perna, procurando descer. O corpo todo lhe treme. Mais um esforço desesperado...
_ Eu quero marchar!
O corpinho magro perde o equilíbrio. **Tonico** cai ao chão com um grito. Clarissa corre para o companheiro...
O **menino mutilado** está deitado de borco, a cara magra colada à terra, braços estendidos, corpo sacudido por soluços profundos, longos, trémulos.
D. Tatá aparece na porta. (...)
Clarissa sente uma angústia mortal. (...)
A viúva toma o **filho** ao colo, beija-lhe a testa, acaricia-lhe a cabeça. (...)
Clarissa, cabeça baixa, leva a mão aos olhos, onde as lágrimas lhe brotam, grossas.» (pp.77,78)
- 10) «Clarissa sente um arrebatamento, algo de estranho lhe invade o ser. (...)
(...) O **Tonico** sofre muito, muito. A D. Tatá, também, por causa do filho e por causa da falta de dinheiro.» (p.111)
- 11) «Vai fazer uma visitinha à D. Tatá. O **Tonico** está muito mal.
Clarissa sente um choque. (...)
_ Parece caso perdido...
Por cima do problema, no livro, Clarissa vê agora o pobre **vizinho aleijado**, na sua cadeira de rodas.
Tem na cabeça um chapéu de bicos, feito de papel. Levanta no ar a espada de pau. Foi assim que ela o viu a última vez, no pátio... (...)
Caso perdido. **Tonico** vai morrer. (...)
A morte... _ pensa Clarissa _ A gente nunca se lembra da Morte. Mas um dia ela vem, assim de repente. (...)
Se o **Tonico**, morrer, nunca, nunca mais ninguém, o vê no pátio, na cadeira de rodas. Nunca mais...»(pp. 169,170)
- 12) «Anoitece e Tio Couto vem dizer em voz baixa que o **Tonico** está agonizante. (...)
_ Talvez não passe desta noite... (...)
_ Mais um **anjinho** vai entrar no reino de Deus.» (...)
Clarissa está comovida, mãos enlaçadas postas em cima da mesa, respiração difícil, olhos húmidos. **Tonico** vai morrer... (...)
“Ninguém mais o verá de tarde, apanhando Sol no pátio, esperando, inquieto, a hora do avião. Nunca mais! E tudo ali seguirá no mesmo: os homens e os bichos. (...)
Todos continuarão vivendo, rindo, comendo, caminhando. Mas o **Tonico** estará morto. Morto...» (pp. 178,179)
- 13) «Morreu ao anoitecer, o **pobrezinho**... _ diz uma mulher sardenta, com ar compungido.» (p.184)
- 14) «Dentro dum caixão coberto de pano roxo, **Tonico** está deitado entre flores, mais branco que os jasmíns. Tem o corpo escondido sob rosas, margaridas e glicínias. Só lhe aparece a cabeça: o rosto magro e comprido, nariz afilado, lábios sem cor. (...)
À cabeceira do **defunto**, um Cristo grande de prata, braços sangrando presos na cruz preta tem a cabeça caída sobre o peito e uma expressão de sofrimento no rosto. O vento agita a chama das velas: há reflexos móveis no corpo do crucificado. No meio das flores, **Tonico** parece apenas adormecido.» (pp.184,185)

- 15) «Clarissa olha para o caixão. **Tonico**... Ali, sem vida, parado, silencioso. Não mais poderá ir para fora, tomar Sol, pôr em formatura os seus soldadinhos de chumbo, dar ordens de combate, esperar o avião... Morto para sempre, irremediavelmente... E... porquê? Por que será que a vida é assim? Daqui a pouco, aparecem uns homens indiferentes, tiram as flores do caixão, chamam D. Tatá para se despedir do **filho**. Ela vem, chora, grita, abraça o **cadáver**; os homens arrastam-na dali, fecham o esquife, erguem-no pelas alças, levam-no lentamente pela rua, vão à igreja, o padre canta uma cantiga triste numa língua que não se entende; o enterro continua a marchar, entra no cemitério, os homens descem o caixão para o fundo dum buraco e depois um coveiro sujo, e indiferente também, começa atirar terra para cima do caixão, terra e mais terra; o acompanhamento retira-se e lá fica debaixo do chão o **Tonico**, tão fraco, tão desamparado, tão desgraçado, sozinho, sem mãe, sem amigos, sem Sol, sem nada...
Pelo rosto de Clarissa escorrem lágrimas mornas.» (p.187)
- 16) «Intimamente, ela diz:
_ **Tonico**, perdoa se te fiz algum mal. Perdoa porque sempre fui tua amiga, sempre tive muita pena de ti. **Tonico**, tu lembras-te de quando eu te contava histórias de guerra? E se, naquele dia, tu caíste da cadeira, eu não fui culpada, juro-te por este Cristo que não fui. **Tonico**, por que não acordas outra vez? **Tonico**, olha que, daqui a pouco, o avião vai passar. **Tonico**, que surpresa linda para todos se tu acordasses, se tudo isto fosse um sonho, só um sonho...» (p.188)
- 17) «**Tonico** repousa lá no alto da colina, na cidade branca, debaixo da terra. Os passarinhos cantam num plátano, perto da sua sepultura. Clarissa já foi levar-lhe flores. Numa tarde de domingo. (...) Parecia impossível que **Tonico** estivesse lá em baixo, no seio da terra escaldante, fechado, sozinho...» (p.192)
- 18) «Na casa de D. Tatá: Silêncio. Um silêncio parado, sombrio, um silêncio de morte e esquecimento. No chão do pátio, ficou esquecido um soldadinho de chumbo. É o capitão. Tem a mão erguida, a espada em punho: parece que comanda uma carga. O seu dolmã vermelho está desbotado. Que vento mau arrebatou o penacho do valente comandante?» (pp. 195,196)

A MORTE

Personagem	Origem / Causa	Significado(s)	Consequência(s)	Objetiva/ Subjetiva
<p>Tonico: Com 11 anos</p> <p style="text-align: center;"> </p> <p>Personagem secundária –</p> <p>Deficiente numa cadeira de rodas, (perdeu as pernas num acidente) –</p> <p>vizinho de Clarissa</p>	<p>Deficiência= Fragilidade= Doença= Morte= Funeral</p>	<p>Deficiência Sofrimento Morte Perda</p>	<p>Mãe de Tonico, D. Tatá, vai embora para casa de parentes, numa cidade do interior.</p> <p>Clarissa descobre a dicotomia Vida / Morte:</p> <p>(sofre, chora, tem pesadelos)</p>	<p>Objetiva,</p> <p>com emoção</p> <p>e</p> <p>realismo</p>

LINGUAGEM		ILUSTRAÇÃO			
<p>Linguagem poética mas realista, com bastante pormenor – rigor nas descrições, com predomínio do adjetivo e das sensações visuais – apresentando a vida tal como ela é (o funeral, por exemplo).</p> <p>O autor, num estilo pictórico, recria o ambiente sulista como cenário da preservação da identidade, a par da consciência fantasiosa da fase de adolescente da personagem principal, Clarissa</p>		<u>NÃO HÁ</u>			
CONTEXTUALIZAÇÃO					
Espácio-Temporal	Sócio-Económica	Política	Familiar	Religiosa	Ecológica
<p>* Brasil do Sul: Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, cidade tranquila e provinciana.</p> <p>* Nos anos 30 do séc. XX</p>	<p>Com poucos recursos.</p> <p>O grande sonho de Tonico é marchar com exércitos!</p> <p>D. Tatá trabalhava de costureira.</p>	<p>Nota-se que o menino não usufrui de nenhuma regalia do Estado.</p> <p>No Brasil, as décadas de 20 e 40 foram um período conturbado, marcado pela Revolução de 30;</p> <p>Foi a época de Getúlio Vargas, de desigualdades sociais...</p>	<p>Era uma família monoparental: Uma mãe viúva que, com dificuldades, tratava do seu filho deficiente.</p>	<p>Religião católica</p>	
CONCLUSÃO	<p>Uma obra comovente, perspetivada sob os olhos de um autor acerca do “crescimento” interior de uma adolescente.</p>				
OBSERVAÇÃO	<p>“Clarissa” foi o primeiro romance de Erico Veríssimo!</p>				

2.17 - “ Os Olhos de Ana Marta ”

ANO / 1ª Edição	AUTORA	ILUSTRADORA	ANO / m. Edição	EDITORA
1990	Alice Vieira (1943 -)	Cristina Sampaio (1960-)	1990	Caminho
SINOPSE				
<p>Esta obra trata de uma menina, Marta, que procura a sua identidade verdadeira – como o nome e o amor dos pais podem ter um papel preponderante na construção da sua identidade,</p> <p>ao mesmo tempo, que assistimos ao seu amadurecimento – é apresentada como um ser humano real, com os seus pensamentos, dúvidas, medos, angústias, mas também ao lidar com fantasmas, rejeição, desamor e morte.</p> <p>A imaginação com a ajuda da governanta, Leonor, e o humor são duas vertentes com as quais a protagonista consegue nortear o seu quotidiano com uma inusitada alegria.</p> <p>A narrativa inicia-se pelo fim, mas sempre com o final adiado, quanto mais não seja, para despertar o leitor para o mistério da Outra-Pessoa e da Grande Fatalidade.</p> <p>Apesar de estar morta, Ana Marta, a irmã de Marta, é uma personagem importante na história.</p> <p>A morte de Ana Marta num desastre de viação desestrutura toda a família:</p> <p style="padding-left: 40px;">Nasce uma outra filha, Marta, para a substituir;</p> <p style="padding-left: 80px;">a mãe, Flávia, quase enlouquece;</p> <p style="padding-left: 80px;">o pai, Martim, vive alheado de (quase) tudo;</p> <p style="padding-left: 40px;">e a única pessoa mais real é Leonor, a governanta,</p> <p>a quem Marta deve todo o carinho e atenção que uma criança pode e deve receber.</p> <p style="padding-left: 40px;">Também é Leonor que é a responsável da formação de Marta,</p> <p style="padding-left: 80px;">através das histórias impregnadas de imaginação e das ladainhas,</p> <p style="padding-left: 80px;">em suma, do saber popular.</p> <p style="padding-left: 40px;">E é pelo imaginário que Marta, com um certo humor,</p> <p style="padding-left: 40px;">inventa histórias como modo de contornar a “rejeição” que sente naquela casa.</p> <p>É curioso é que só sabemos que é Marta quem narra a história apenas no capítulo 11 pois, influenciados pelo título da obra, pensamos ser Ana Marta.</p>				
EXCERTOS DA OBRA				
<ol style="list-style-type: none">1) «Uma vez, muito antes de Leonor me ter falado na Grande Fatalidade e na Outra - Pessoa, pedi que me dessem, pelo Natal, um boneco de papelão.» (pp.8,9)2) «Ainda há bocado, no nosso encontro à saída da escola, Leonor garantiu-me que tu eras perfeita.» (p.9)3) «Leonor não gostava de Flávia. Até tu deves ter reparado nisso, notava-se perfeitamente. (...) E, quando ontem se foi embora a chorar, não era por Flávia que chorava, não. Era pela pradaria imensa do tempo de Touro Sentado, talvez um pouco por mim – mas sobretudo por Ana Marta, reflectida para sempre no espelho de todas as águas.» (p.14)4) «E, depois da Grande Fatalidade, o seu território era o quarto, onde procurava alívio para as dores de cabeça (...)» (p.15)5) «De resto, esta é uma casa cheia de quartos fechados. Como na história do Barba Azul, lembras-te?» (p.17)6) «No caso de Flávia as “cosas elevadas” com que ocupa o espírito são as conversas com as espanholas nas tardes de sexta-feira, e as mantas de quadrados que vai tricotando, enterrada no cadeirão do quarto. (...) _ Para a minha filha. Todas para a minha filha. A minha filha nunca há-de ter frio. Nunca, nunca, nunca.» (p.20)7) «Apesar daquela obrigação de ter de me vestir e pentear como se fosse boneca colocada na montra, eu gostava de ser chamada por Flávia à Sala de Visitas.» (p.24)8) «Flávia, por sua vez, também não ouvia nada. Porque Flávia nunca ouvia nada – a não ser os pequenos, ínfimos murmúrios da casa que os seus ouvidos transformavam em trovões.				

- Flávia olhava mas não via, como se houvesse sempre uma invisível parede de vidro entre ela e o resto do mundo.» (p.34)
- 9) «Touro Sentado chorou a noite inteira até acabar por adormecer ao colo de Leonor, enquanto a mãe partia para o encontro final com a Grande Lua da Pradaria Azul.» (p.49)
 - 10) «_ Nunca te recomposeste... - dizia então o pai, olhando para ela, sem saber se havia ou não de lhe tocar no cabelo, ou se esse simples gesto iria aumentar as dores. Flávia era mais frágil do que as lágrimas de cristal do candeeiro de pé.» (p.58)
 - 11) «Flávia ouvia tudo. E todos os ruídos se transformavam em estrondos terríveis dentro da sua cabeça. Leonor explicara-me um dia que era tudo por causa da **Grande Fatalidade** (...). « A referência à **Outra-Pessoa** viera logo a seguir, mas por aí se ficara, nem sequer o nome, apenas a referência.» (p.59)
 - 12) «Houve uma altura em que eu acreditava em todas as histórias de Leonor. **Tu** nunca deves ter acreditado, tenho a certeza. Tu eras a perfeição.» (p.62)
 - 13) «Mas nesse tempo eu ainda era muito pequena, ainda não me preocupava em saber por que é que Flávia não gostava de mim. (...) Nesse tempo Leonor também não gostava de mim. Ela própria o confessou à pouco, quando foi ter comigo à saída da escola” (...). “Neste dia em que ela finalmente me falou de **ti** com as palavras certas.» (p.62)
 - 14) «Desde a **Grande Fatalidade**, Flávia nunca mais saía de casa. Fosse Verão ou Inverno, férias ou tempo de trabalho, ali ficava, enterrada no cadeirão do quarto, como princesa prisioneira.» (p.67)
 - 15) «Nem sequer para ir ao médico ela descia daquele terceiro andar. Nem sequer para, por uma vez na vida, ir olhar para o mar. Nunca percebi como é que uma pessoa sobrevive sem olhar para o mar. Mas Flávia sobrevivia. Talvez por isso a sua pele era tão branca – e nem que mastigasse quilos de salsa lhe desapareceriam as olheiras. Por isso se parecia tanto com as princesas (...).» (p.69)
 - 16) «Nem sequer da minha escola Flávia sabia grande coisa.» (p.70)
 - 17) «_ Mas a Flávia está sempre a dizer que não está em idade de ser mãe de ninguém. Que já não está em idade de aturar filhos. É porque eu nasci na altura errada, com certeza.» (p.72)
 - 18) «_ Nos **teus olhos**. Quando nasceste eu entendi logo que ia ser assim. Só não sabia que ia doer tanto. (...) _ Não te mexas. Não te mexas que o vidro pode estalar. (...) Se tem mexes, tudo se estilhaça. Como da outra vez. Um estilhaço entrou no meu coração e na minha cabeça. Por isso vou endoidecer, sabes? Um dia destes endoideço, e ninguém vai dar por isso. Acho que é a paga. Tem de ser. A minha paga.» (...) «A paga por ter acreditado que eras eterna.» (...) «**Tu** devias ser eterna. Por que é que não foste? (...) _ Devias ser eterna! Devias, devias, devias...» (pp.78,79)
 - 19) «Desde que Leonor, sem querer, me falara da **Outra-Pessoa**, eu tinha muitos pesadelos com **ela**, embora não soubesse nem sequer o nome, se era homem ou mulher, e o que fazia ao pé dos meus pais no dia da **Grande Fatalidade**.» (p.88)
 - 20) «Por isso ficava ali muito sossegada, olhando-a apenas, sentindo-me já feliz de a ter ao pé de mim, como se fosse uma Princesa.» (...) «Às vezes a comida enrolava-se na boca, ou custava muito a engolir como se a minha garganta se fechasse, e então eu sentia uma grande vontade de chorar, como se todas as palavras que eu queria dizer a Flávia se juntassem na garganta e ali ficassem para sempre.» (p.92)
 - 21) «Às vezes penso que podia viver a minha vida inteira entre estas paredes sem que elas guardassem o som do meu nome.» (p.98)
 - 22) «Nesta casa viveu a Senhora, avó que eu não conheci, perdida no tempo e para sempre guardada no coração de Leonor.» (...) «Foi então que ela percebeu que a Senhora, ao morrer, levava consigo muita coisa: a infância de Martim, e a sua própria alegria, que desde essa altura nunca mais Leonor fora capaz de dar uma gargalhada (...)» (pp.98,99)
 - 23) «Mesmo com as paredes sempre cheias de olhos a vigiarem os meus passos, as minhas palavras, os meus gestos, os trabalhos de casa.» (p.101)
 - 24) «A **Outra-Pessoa** pertencia a estes segredos.» (...) «Aprendi isso quando quis saber a razão de não poder falar da **Outra-Pessoa** a ninguém, de nem sequer saber o seu nome, se era mulher ou homem, velho ou novo, amigo, inimigo ou indiferente. Perguntei várias vezes a Leonor e nunca ela me respondeu» (...) «De resto, Leonor só muito tarde me falou da **Outra-Pessoa**, algum tempo depois de, pela primeira vez, ter mencionado a **Grande Fatalidade**, e aquele quarto fechado para sempre.» (pp.102,103)
 - 25) «_ Porque já tudo se passou há muito tempo e não vale a pena acordar as tristezas que estão dentro do coração das pessoas.» (...) «As pessoas choram, têm saudades do tempo

- que passou e não podem fazer nada, passou, e isso às vezes dói muito.» (...) «Uma tristeza do tamanho do mundo.» (pp.104,105)
- 26) «_ Um dia, já lá vão 13 anos, voltavam os seus pais de férias do Algarve quando, de repente, um carro faz uma ultrapassagem num sítio proibido e se coloca mesmo na frente deles. O seu pai ainda tentou travar mas não conseguiu e foi chocar com outro carro que vinha em sentido contrário.» (...) «Foi um desastre muito grande... Muito grande... Uma **grande fatalidade**. Ainda por cima quem ia a guiar era o seu pai... e ele já era homem de poucas falas, pior ficou. Por mais que lhe digam que não teve culpa, nada a fazer. E mesmo assim está muito melhor agora. O pior são as crises da sua mãe. Ele envelhece dez anos de cada vez que ela fica pior, ou quando a ouve gritar que vai enlouquecer.» (...) «_ **la mais uma pessoa no carro** com os seus pais.» (...) «_ **Uma pessoa que morreu no desastre**. É por isso que ninguém ainda hoje lhes pode tocar no assunto. E muito menos falar **nela**.» (pp.109,110)
- 27) «Mas às vezes as espanholas ficavam a olhar para mim e diziam que eu era muito parecida.» (...) «Só diziam que eu era muito parecida. Muito parecida. Mas nunca diziam com quem.» (p.121)
- 28) «A menina é a cara da sua mãe, nunca deu por isso? E quando nasceu e eu olhei para si, ainda hoje me lembro do arrepio a subir-me pela espinha! Era igualzinha, igualzinha à sua...» (p.121)
- 29) «Quando olho para a água vejo sempre, sempre, os olhos de **Ana Marta**.» (p.123)
- 30) «_ Somos capazes de criar os filhos mas não somos capazes de os fazer viver para sempre. Porquê? – murmura Flávia.» (p.128)
- 31) «No dia seguinte, junto do gradeamento da escola, Leonor contou-me tudo. Aguentara o segredo durante estes anos todos mas, repetia, tudo tem um limite.» (p.131)
- 32) «Leonor fala pausadamente (...) Aquela voz que afinal todas as pessoas têm guardada na garganta, reservada apenas para recordar o que muito amaram e perderam para sempre.» (p.132)
- 33) «Porque é de **ti**, finalmente, que se trata. Do **teu nome** finalmente pronunciado. Tenho a sensação de ter percorrido as Sete Partidas do Mundo até chegar ao **teu** nome. De **te** ter sempre procurado, inconscientemente, pelo meio das febres, das ladainhas, dos quartos fechados à chave, das sextas-feiras com as espanholas, das conversas com Lumena. Nesta parte do mundo **te** encontro finalmente. E **te** dou nome: **Ana Marta**. E te chamo: **minha irmã**.» (p.133)
- 34) «Leonor quer contar tudo mas é difícil. Durante 13 anos calou o que às vezes tinha vontade de gritar. Durante 13 anos **tu** desapareceste da boca de toda a gente, porque não devia ter acontecido o que aconteceu. Leonor quer contar tudo agora.» (p.136)
- 35) «_ Foi o seu pai que deu ordem. Nunca mais podíamos falar de **Ana Marta**. O médico disse que era muito perigoso, Flávia tinha ficado muito doente, qualquer emoção podia ser fatal, ninguém lhe devia recordar o acidente, ninguém devia tocar sequer no nome de **Ana Marta**.» (...) «Não sei se fizemos bem ou não. Acho que não.» (p.136)
- 36) «**Ela** era perfeita (...) Era a perfeição. Nem parecia deste mundo. E as **pessoas boas de mais** morrem cedo. O Mundo não suporta a perfeição.» (p.138)
- 37) «De resto, **tu** nunca foste criança, assegura Leonor. _ Entendia tudo, tudo. Olhava para nós e era como os seus olhos vissem tudo por dentro de nós. Os **olhos de Ana Marta** tinham a sabedoria do mundo.» (pp.138,139)
- 38) «_ Tinha de ser. Uma pessoa, mesmo morta, não se pode esconder a vida inteira. Marta tinha o direito de saber. Não aguentei mais.» (...) «Vamos começar tudo outra vez. Marta merece. Marta não tem culpa de não ser **Ana Marta**, não tem culpa de nada.» (pp.141,142)
- 39) «_ Ela não é **a outra**. E não tem culpa de não ser. Ela chama-se Marta, ouviram? Marta e não **Ana Marta**. Ela é uma pessoa. E as pessoas não podem nunca substituir outras pessoas. As pessoas não são bonecas. (...) Quero poder dizer outra vez o nome de **Ana Marta**, por que não? A gente não **a** vê, é verdade, mas **ela** está sempre no nosso coração, e de lá não há-de sair nunca.» (p.145)
- 40) «Mas a verdade é que **tu** sobravas de tudo, eras maior que as paredes do quarto e invadiste os pesadelos de Flávia, as saudades de Leonor, o silêncio do pai, e entraste por todas as paredes, e os **teus olhos** vigiavam tudo. Sempre **os** senti em mim, embora não soubesse evidentemente que eram os **teus** olhos. Sempre senti que eu estava no lugar de outra pessoa (...).» (pp.147,148)
- 41) «Teria eu nascido, se não tivesse havido a **Grande Fatalidade**? Viveria eu, se **tu** não

- tivesses morrido?» (p.148)
- 42) «Sei que não vale a pena adiar por muito mais tempo: tenho de entrar no quarto de Flávia e olhar para ela como se fosse a primeira vez que nos encontramos. E fazê-la entender que não foste **tu** que nasceste outra vez no dia em que eu nasci. Que os **teus olhos** já não vigiam os meus passos.» (pp.148,149)
- 43) «Muito lentamente ergue o braço e poisa a mão nos meus cabelos. É a primeira vez que me faz uma festa, e só espero que não diga nada, nem sequer uma palavra sobre **Ana Marta** para não estragar tudo, que me deixe pensar que, pelo menos desta vez, a festa foi feita para mim.» (p.153)
- 44) «_ Flávia, olha para mim! Diz o meu nome. Tu nunca disseste o meu nome. (...) Não tenhas medo. Não vais ter dores de cabeça, não vais enlouquecer nunca, as crises não vão voltar, tenho a certeza.» (p.153)
- 45) «A mão de Flávia afaga o meu cabelo, e não quero pensar em mais nada. Sobretudo não quero pensar em **ti**. Tenho de ensinar Flávia a viver com a **tua** ausência, tenho de a ensinar a pronunciar o meu nome, tenho de a ensinar a levar para dentro do coração um rosto que não é o **teu**, e nunca o poderá ser.» (p.154)
- 46) «Sorrio para ela e arrisco: _ Mãe...» (p.155)
- 47) «_ Chamas-te Marta – diz, lentamente, como se soletrasse uma frase difícil.» (p.155)
- 48) «É tenho a certeza absoluta de que, debaixo do vestido de Flávia, brilhavam naquele momento duas asas de âmbar.» (p.156)

A MORTE				
Personagem	Origem / Causa	Significado(s)	Consequência(s)	Objetiva/ Subjetiva
Ana Marta Irmã de Marta	Desastre de carro	Perda Dor Sofrimento Angústia Loucura Incompreensão Desamor Solidão	*Morte trágica de Ana Marta *Nascimento de Marta para substituir Ana Marta *Loucura e desafeto da mãe Flávia *Indiferença do pai Martim *Busca de identidade e de amor de Marta	Objetiva
LINGUAGEM			ILUSTRAÇÃO	
Poética e simbólica também. A autora utiliza muitos recursos de estilo: metáforas, comparações, eufemismos (morte). É uma narrativa em 1ª pessoa, com tiradas de humor por parte da personagem principal, Marta.			A preto, branco e cinzento. Parecendo simplista, mas muito sugestiva: enigmática, misteriosa.	

CONTEXTUALIZAÇÃO					
Espácio-Temporal	Sócio-Económica	Política	Familiar	Religiosa	Ecológica
<p>* Lisboa (Parque Eduardo VII e mar)</p> <p>* Anos 90 do Séc. XX (Princesa Diana)</p>	<p>Abastada, com pai médico e com governanta.</p> <p>Casa antiga, de uns 3 andares, com muitos quartos, alguns fechados, em plena Lisboa</p>	<p>Não há referências</p> <p>Quando muito, algumas críticas, com humor à mistura, sobre a Escola</p>	<p>Pais com uma filha, de uns 12 anos, e uma governanta de 70 anos.</p> <p>Filha morta mas presente nas mentes dos outros familiares...</p>	<p>Católica (?)</p>	
CONCLUSÃO	Os Olhos de Ana Marta transfiguram a morte, e a personagem como que continua viva...				
OBSERVAÇÕES	<p style="text-align: center;">“Um dos mais belos textos de literatura para a infância e a juventude publicados em Portugal nos últimos anos” (Gomes, 1998).</p> <p style="text-align: center;">Esta obra também foi galardoada em França com o <i>Prix Octogone</i> de romance juvenil.</p>				

2.18 - “ Um Avô Inesquecível ” / “ Een opa om nooit te vergeten ”

ANO / 1ª Edição	AUTORA	ILUSTRADOR	ANO / m. Edição	EDITORA
2000	Bette Westera (1958-) Holandesa	Harmen Van Straaten (1958-) Holandês	2005	Livros Horizonte
SINOPSE				
<p>É uma obra direcionada para Jardins de Infância.</p> <p>Trata-se de um menino que vivencia a morte de um familiar querido, o seu avô, com quem compartilhava brincadeiras e aventuras.</p> <p>O conto é um <i>flash-back</i> da cumplicidade e de recordações das brincadeiras entre o avô e o neto.</p> <p>E inicia-se com a cerimónia do funeral, ou antes, o momento em que o caixão sai de casa para o funeral, e depois o acompanhamento até ao cemitério.</p> <p>O lenço vermelho, sendo um modo de ligação entre passado e presente, simboliza os laços entre as duas personagens mesmo após a morte de uma delas; o nó no lenço simboliza o não esquecimento da personagem que partiu e a cor vermelha que a vida continua... E que os afetos também permanecem...</p>				
EXCERTOS DA OBRA				
<ol style="list-style-type: none">1) «_ Eu não vou, - disse João. – Vou ficar aqui, com o avô. _ Não pode ser, - disse a mãe. – O avô morreu. O funeral é daqui a pouco; os carros devem estar a chegar.»2) «João olhou para o caixão onde o corpo do avô repousava. As lágrimas ardiam-lhe nos olhos.»3) «A mãe percebeu o que ele sentia. Foi buscar um lenço e deu-lho. Era o lenço do avô. Era tão grande que lhe tapava todo o rosto»4) «_ Lembras-te de quando o avô brincava às escondidas contigo? – perguntou-lhe a mãe. João abanou a cabeça. _ Não, eu era muito pequeno.»5) «João lembrava-se de brincar aos <i>cowboys</i> com o avô. Ele era um <i>cowboy</i> na pradaria e o avô era um cavalo.»6) «Um dia o avô construíra um barco de piratas no meio da sala, com velas a sério e uma grande bandeira encarnada. (...) E tinham capturado o pai, ficando-lhe com todas as moedas, para comprar batatas fritas...»7) «Sabes? Vamos fugir. Aqui não nos deixam fazer nada!»8) «(...) e foram para o bosque, de onde só saíram já era quase noite. Era para eles verem! »9) «Quando completara 5 anos, João recebera uma bicicleta de presente e tinha sido o avô a ensiná-lo a montá-la. E ele só tinha caído uma vez.»10) «E antes de ir passar uns dias a casa do avô, João tinha-lhe telefonado para lhe dizer: _ Não te esqueças de comprar rebuçados e bolachas e pickles e gelado de morango? E o avô tinha dado um nó no seu lenço, para não se esquecer. Era assim que ele nunca se esquecia de nada.»11) «_ Vens? - perguntou-lhe a tia Luísa. – Já chegaram os carros. _ Eu não quero ir, - disse João. – Vou ficar aqui. _ Sozinho? – perguntou-lhe a mãe. (...) Saltou da cadeira do avô e calçou os sapatos.»12) «Olha para o caixão onde está o avô. Há tantas coisas que gostaria de lhe perguntar: Se está escuro dentro do caixão. Se morrer dói. Se o avô está no céu, como diz a tia Luísa. E como é o céu. Mas o tio Jorge diz que o céu não existe. Quem é que está certo, avô?»13) «Lentamente, o caixão é descido para a cova. Os crescidos atiram mãos-cheias de terra				

para a cova.»

14) «Lá estavam outra vez as lágrimas...
_ Já sei, - disse a mãe.
Pegou no lenço do **avô** e deu-o ao João.
Toma, é para ti, - e depois sussurrou-lhe ao ouvido:
_ Dá-lhe um grande nó.
João sorriu, no meio das lágrimas.»

15) «Agora ele nunca mais se esqueceria do avô!

Vês além, ao longe, no mar?
Não é um barco-pirata a passar?
Lá dentro, estou a vê-lo!, vai o **avô**
Para o oceano infinito o barco o levou.
Sempre que brinco aos Piratas
E distribuo o saque: pratas,
Barris de rum, moedas, jóias
Lembro-me das suas histórias...
E ouço-o gritar do convés:
João, és um herói, lá isso és!»

A MORTE

Personagem	Origem / Causa	Significado(s)	Consequência(s)	Objetiva/ Subjetiva
O Avô de João	Talvez velhice	Desaparecimento Perda Vazio Desamparo afetivo	Desgosto Inconformismo Revolta Aceitação	Objetiva

LINGUAGEM

ILUSTRAÇÃO

<p>Singela mas poética é a abordagem da morte / perda. A conjugação entre as duas linguagens: verbal e iconográfica contribuem para se compreender e aceitar melhor a morte.</p> <p style="text-align: center;">Diálogos entre avô e neto revelam bem a cumplicidade e o amor entre os dois</p> <p>Surgem palavras duras relacionadas com a morte, como: funeral, caixão, cova, mãos-cheias de terra. São como uma inevitabilidade da morte, como também, por inerência, há um profundo sentimento de angústia nas pessoas que veem partir um ser querido.</p>	<p style="text-align: center;">O lenço vermelho “ o único apontamento na ilustração que se destaca na sobriedade cromática” – simboliza que “ a vida continua, que os afetos perduram, mesmo depois de seres queridos terem partido”.</p> <p>As cores predominantes estão de acordo com a temática – a morte do avô, grande companheiro do neto – são sóbrias, nada coloridas; às vezes, nas aventuras entre os dois amigos, lá aparece um tom azulado ou verde esbatidos...</p> <p>A cor sépia, a aguarela, pretende realçar o vazio afetivo que a morte do avô provoca na criança, como se a vida já não fosse boa para se viver, tivesse perdido a cor...</p>
--	--

CONTEXTUALIZAÇÃO					
Espácio- Temporal	Sócio- Económica	Política	Familiar	Religiosa	Ecológica
<p>* Na casa dos pais do João e no caminho para o cemitério</p> <p>* O neto tinha mais de 5 anos, mas não mais de uns 6 ou 7 ou 8 anos.</p>	<p>Parece ser uma família sem problemas.</p> <p>O avô tinha a sua própria casa.</p>		<p>Uma família funcional.</p> <p>Relação muito boa entre avô e neto</p>	<p>Funeral (aparentemente) católico</p>	
CONCLUSÕES	<p>O conto é uma revisitação dos tempos de cumplicidade entre avô e neto.</p> <p>O nó no lenço vermelho vai ser sempre o elo de ligação entre os dois!</p>				
OBSERVAÇÕES	<p>A inevitabilidade da morte e como, poeticamente, a podemos aceitar...</p> <p style="text-align: center;">=Como é um álbum, não é paginado.=</p>				

2.19 - “ Samuel & Saltitão ” / “ Harry & Hopper ”

ANO / 1ª Edição	AUTORA	ILUSTRADORA	ANO / m. Edição	EDITORA
2009	Margaret Wild (1948-) Australiana	Freya Blackwood (1975-) Australiana	2010	Caminho
SINOPSE				
<p>A história relata-nos como um menino, Samuel, após a morte súbita do seu cão, Saltitão, consegue “fazer o luto” do seu grande amigo.</p> <p>Não é feito logo, pois há uma recusa do Samuel em aceitar o repentino desaparecimento do seu animal de estimação.</p> <p>Há como que um choque,</p> <p>mas o afeto (e o sonho) entre os dois é mais forte e o amor vence!</p> <p>Acontecendo, finalmente, a aceitação da morte do seu companheiro de brincadeiras.</p> <p>É uma obra que, de um modo comovente,</p> <p>nos apresenta a cumplicidade entre uma criança e um animal,</p> <p>apoiada por uma forte imagística.</p>				
EXCERTOS DA OBRA				
<ol style="list-style-type: none">1) «Quando o cachorro veio viver com o Samuel e o Pai, era mais saltitão que um gafanhoto. Por isso foi esse o nome que o Samuel lhe deu. Saltitão.»2) «O Samuel ensinou-o a sentar, a ficar quieto, a apanhar uma bola, a ir buscar a trela, a lutar.»3) «E todas as noites o Saltitão passava furtivamente pelo Pai para ir dormir na cama do Samuel. Deitava-se aos pés da cama, e depois ia deslizando até chegar à cabeceira, ao lado do Samuel.»4) «E olhavam um para o outro, com os olhos a brilhar de malícia e prazer.»5) «Mas uma tarde, quando o Samuel chegou a casa vindo da escola, o Saltitão não estava à espera ao portão. Não houve nenhum latido de contentamento. Nenhuma lambidela de alegria.»6) «O Pai estava sentado nos degraus da frente. _ Samuel, anda cá e senta-te ao pé de mim. Tenho uma coisa para te contar – disse ele. _ Onde está o Saltitão? – perguntou o Samuel, mas já estava a adivinhar.»7) «_ Tenho muita pena, Samuel. Houve um acidente. O Saltitão morreu.»8) «Cambaleou para dentro de casa, largou a mochila, ligou a televisão. Olhava para o ecrã, mas as palavras e as imagens não faziam sentido e não percebia o que via.»9) «_ Queres vir dizer adeus ao Saltitão antes de eu o enterrar? – perguntou o Pai. _ Não – disse o Samuel, e pôs o som da televisão mais alto.»10) «Nessa noite, o Samuel não quis dormir no seu quarto. Nunca mais o Saltitão deslizaria dos pés da cama até à cabeceira.»11) «O Samuel deitou-se enroscado, com saudades do corpo do Saltitão, do cheiro do Saltitão, do latido do Saltitão.»12) «Mas o Samuel (...) foi para a escola como de costume. Não disse a ninguém – nem mesmo aos amigos – o que tinha acontecido ao Saltitão.»13) «A meio da noite, alguma coisa o acordou. Virou-se – e ali, saltando contra a janela, estava um cão. Um cão mais saltitão que um gafanhoto!»14) «O Saltitão saltou e lambeu-lhe a orelha. O Samuel abraçou o pequeno corpo sólido e quente.»15) «Brincaram os dois no jardim iluminado pelo luar – a correr, a lutar, a gritar, a ladrar.»16) «Quando o Samuel acordou, pensou se teria sido um sonho. Não conseguia recordar-se de ter voltado para a cama, mas ainda se conseguia lembrar de como o Saltitão era real e vivo.»17) «Estava desejoso de que chegasse a noite.»18) «E o Saltitão estava lá outra vez, pulando contra a janela. Mas não estava exactamente tão sólido, nem exactamente tão quente. Ainda assim, ele e o Samuel brincaram com a bola e com pauzinhos.»19) «Nessa noite o Samuel sentou-se na cama, à espera do Saltitão. Mas a janela manteve-se				

<p>vazia e escura.»</p> <p>20) «Muito depois da meia-noite, o Samuel empurrou o cobertor para trás e foi abrir a porta das traseiras. Ali estava o Saltitão, enroscado por baixo da janela. Tão leve quanto a névoa de Inverno, tão frio quanto o ar de Inverno.»</p> <p>21) «O Saltitão estava fraco de mais para deslizar dos pés da cama até à cabeceira, e por isso o Samuel poisou-o na almofada. Os olhos do Saltitão cintilavam de malícia e prazer.»</p> <p>22) «Ficaram os dois deitados muito juntos, com as cabeças encostadas. _ Adeus, Saltitão – disse o Samuel baixinho.»</p>					
A MORTE					
Personagem	Origem / Causa	Significado(s)	Consequência(s)	Objetiva/ Subjetiva	
Saltitão (cão)	Acidente	Perda Vazio	Sofrimento Desgosto Luto / Aceitação	Objetiva / Simbólica	
LINGUAGEM			ILUSTRAÇÃO		
<p>Linguagem sóbria, mas comovente e ternurenta, para expressar os relacionamentos entre o Samuel e o seu cão, Saltitão, assim como entre o pai e o filho.</p> <p>“Esta história narra com sobriedade e ternura o choque do sofrimento e o poder do amor.”</p>			<p>As ilustrações desta obra foram parcialmente inspiradas por um cão que a ilustradora teve na infância e que também teve um final repentino.</p> <p>Possuem uma cor suave e o afeto entre o menino e o seu cão está muito bem representado visualmente: “Freya Blackwood usou impressões a laser sobre papel de aquarela com aquarela, guache e carvão para as ilustrações deste livro.” (in <i>Samuel & Saltitão</i>)</p>		
CONTEXTUALIZAÇÃO					
Espácio- Temporal	Sócio- Económica	Política	Familiar	Religiosa	Ecológica
* Casa de Samuel * Fato passado	Boa. Pai compreensivo		Samuel, pai e o cão Saltitão		
CONCLUSÃO	<p>Esta obra mostra como o menino ainda não estava pronto para aceitar a morte súbita do seu cão e como pôde gradualmente “fazer o luto”, à sua maneira, através do sonho, pelo Saltitão...</p>				
OBSERVAÇÕES	<p>Por esta ilustração, foi atribuída a medalha Kate Greenaway em 2010 no Reino Unido.</p> <p>=Como é um álbum, não é paginado.=</p>				

2.20 - “ A História de Erika ” / “ Erika’s Story ”

ANO / 1ª Edição	AUTORA	ILUSTRADOR	ANO / m. Edição	EDITORA
2003	Ruth Vander Zee (1944-) Americana	Roberto Innocenti (1940-) Italiano	2007	Kalandraka
SINOPSE				
<p>É uma obra chocante, pois evoca o maior genocídio do Holocausto em pleno século XX na Europa e que afetou 6 milhões de pessoas.</p> <p>Trata-se da história arrepiante de uma sobrevivente, Erika, que se interroga inúmeras vezes ao longo da (sua) história. Há tantas perguntas que ninguém lhe sabe responder...</p> <p>A estrela de seis pontas, Estrela de David, destacável da capa do livro, é o símbolo judaico que os prisioneiros traziam consigo ao pescoço.</p>				
EXCEROTOS DA OBRA				
<ol style="list-style-type: none">1) «Em 1995, quando se cumpriam cinquenta anos sobre II Guerra Mundial, conheci a protagonista desta história.»2) «Quando o comerciante voltou para a sua loja, a mulher que estava ao pé de nós apresentou-se como Erika.»3) «Reparei que trazia no pescoço uma corrente de ouro com uma estrela de David, de forma que comentei que, depois da nossa estadia em Israel, voltáramos pela Áustria e visitáramo campo de concentração de Mauthausen. Erika disse-me que em certa ocasião chegara até às portas de Dachau, mas não chegara a entrar.»4) «Depois contou-me a sua história...»5) «Entre 1933 e 1945, mataram seis milhões dos meus. Muitos com um tiro. Muitos queimados nos fornos crematórios, asfixiados nas câmaras de gás ou mortos de fome. A mim não me mataram.»6) «Nasci em 1944. Não sei o dia. Não sei que nome me puseram. Não sei em que cidade nem em que país vim ao mundo. Tampouco se tive irmãos. O que sei é que quando tinha apenas uns meses salvaram-me do Holocausto.»7) «Penso nos meus pais privados de tudo o que tinham, expulsos da sua casa e transferidos para um gueto.»8) «Disseram-lhes que os iam transferir para um lugar melhor? Prometeram-lhes trabalho e comida? Ouviram falar dos campos da morte?»9) «Pergunto-me o que sentiram enquanto os levavam em manadas para a estação com outras centenas de judeus. Acumulados num vagão para gado, de pé e sem se moverem. Arrepiaram-se ao ouvir como as portas se fechavam?»10) «O comboio devia ir de vila em vila, passando por paisagens idílicas estranhamente alheias ao terror.»11) «Imagino a minha mãe apertando-me para proteger-me do fedor, dos choros e do medo que envolvia aquele vagão. Seguramente, nesse momento já sabia que não íamos para bom lugar.»12) «Pergunto-me em que parte do vagão viajava. Ia no meio? Estava perto do meu pai? Dar lhe-ia ele ânimo para que não fraquejasse?»13) «Quando tomaram a decisão?»14) «Murmurou o meu nome enquanto me envolvia no calor de uma manta? Encheu-me a cara de beijos enquanto me dizia que me amava? Choraria? Rezaria?»15) «Ao passar por uma vila, o comboio abrandou a marcha. A minha mãe deve ter olhado através da janela do vagão. Com a ajuda do meu pai, forçaria o arame farpado que cobria o buraco e deve-me ter erguido por cima da sua cabeça em direcção da tênue claridade.»16) «A minha mãe atirou-me para fora do comboio.»17) «Caí numa mata de erva, logo depois de uma passagem de nível. (...)				

<p>No seu caminho para a morte, a minha mãe lançou-me à vida.»</p> <p>18) «Algum dos que ali estavam apanhou-me e entregou-me a uma mulher que cuidou de mim. Arriscou a sua vida por mim. Calculou a minha idade e deu-me uma data de nascimento. Foi ela que decidiu que o meu nome seria Erika. Foi ela que me deu um lar. Foi ela quem me alimentou, quem me vestiu e quem me mandou à escola. Ela foi boa comigo.»</p> <p>19) «Quando tinha vinte e um anos casei com um homem maravilhoso. Era quem me animava quando a tristeza se apoderava de mim e compreendeu o meu desejo de formar uma família. Tivemos três filhos, e agora também eles têm filhos. Nos seus rostos, vejo-me a mim.»</p> <p>20) «Alguém disse que no meu povo seríamos tantas quantas as estrelas do firmamento. Seis milhões dessas estrelas apagaram-se entre 1933 e 1945. Cada estrela apagada foi uma vida destruída, e também uma árvore familiar desenraizada.»</p> <p>21) «Hoje a minha árvore volta a ter raízes.»</p> <p>22) «A minha estrela ainda brilha no céu.»</p>					
A MORTE					
Personagens	Origem / Causa	Significado(s)	Consequência(s)	Objetiva/ Subjetiva	
Pais de Erika e outros seres humanos (como os Judeus)	II Guerra Mundial: Hitler / Nazismo Campos de concentração Holocausto	Sofrimento Solidão Morte	Famílias desestruturadas Países destruídos	Objetiva	
LINGUAGEM			ILUSTRAÇÃO		
<p style="text-align: center;">Realista, mas também, por vezes, poética e comovente.</p> <p style="text-align: center;">Muito realismo nas memórias do Holocausto.</p> <p style="text-align: center;">Frases curtas, evocativas, diretas. Várias interrogações contundentes da protagonista.</p>			<p>Algumas imagens parecem fotografias, são demasiado realistas.</p> <p>Predomina a cor cinzenta, parda, para descrever melhor o horror do Holocausto.</p> <p>Mas nos momentos de possível felicidade, já as cores são mais alegres.</p>		
CONTEXTUALIZAÇÃO					
Espácio- Temporal	Sócio- Económica	Política	Familiar	Religiosa	Ecológica
<p>* Rotemburgo Alemanha 1995</p> <p>* Entre 1933 e 1945 (II Guerra Mundial)</p>	<p>Os Judeus eram um povo rico em cultura, tradições e haveres, mas foi-lhes confiscado tudo.</p> <p>Até a própria vida deles foi destruída...</p>	<p>A política de horror de Hitler, que queria dominar a Europa e não só...</p>	<p>Os pais abdicaram da filha bebé para a salvar atirando-a pelo ar...</p>	<p>Hitler martirizou os Judeus, porque não correspondiam ao ideal ariano (alemão)</p>	
CONCLUSÃO	<p>Uma obra para acordar as mentes dos jovens para que nunca mais se repita o que aconteceu: o maior genocídio da história em pleno século XX !</p>				
OBSERVAÇÕES	<p>Na Alemanha, este livro foi selecionado entre os 7 melhores livros de 2004.</p> <p>Com esta obra, a Editora Kalandraka comemorou o 60º aniversário de Libertação do campo de extermínio de Auschwitz.</p> <p style="text-align: center;">=Como é um álbum, não é paginado.=</p>				

ANEXO 3

CAUSAS DA MORTE NAS VINTE OBRAS LITERÁRIAS

3.1 – Morte por Acidente

«O **Binny Wallace** saíra de ao pé de nós havia cinco ou seis minutos quando o ouvimos chamar pelos nossos nomes, num tom que denotava aflição ou surpresa, não sabíamos bem.» (p.175)
«Apesar da distância, que a todo o momento aumentava, distinguíamos claramente o rosto dele.» (p.176)
«Já não víamos a figura do **Binny**, o próprio barco se reduzira a um mero ponto branco sobre a escuridão das águas.» (p.176)
«É por fim sumiu-se, qual centelha, e não voltámos a vê-lo. Olhámos uns para os outros, sem conseguir falar.» (p.176)
«Mas a angústia e o medo não eram por nossa causa, porque estávamos, de algum modo, a salvo, eram por causa do pobre pequeno **Binny Wallace**, arrastado para o mar pela cruel tempestade.» (p.178)
A História de um Rapaz Mau

«_ Onde está o **Saltitão**? – perguntou o Samuel, mas já estava a adivinhar.»
«_ Queres vir dizer adeus ao **Saltitão** antes de eu o enterrar? – perguntou o Pai.
_ Não – disse o Samuel, e pôs o som da televisão mais alto.»
«A meio da noite, alguma coisa o acordou. Virou-se – e ali, saltando contra a janela, estava um cão. Um cão mais saltitão que um gafanhoto!»
«O **Saltitão** saltou e lambeu-lhe a orelha. O Samuel abraçou o pequeno corpo sólido e quente.»
«Quando o Samuel acordou, pensou se teria sido um sonho.»
«E o **Saltitão** estava lá outra vez, pulando contra a janela. Mas não estava exactamente tão sólido, nem exactamente tão quente. Ainda assim, ele e o Samuel brincaram»
«O **Saltitão** estava fraco de mais para deslizar dos pés da cama até à cabeceira, e por isso o Samuel poisou-o na almofada. Os olhos do **Saltitão** cintilavam de malícia e prazer. (...)»

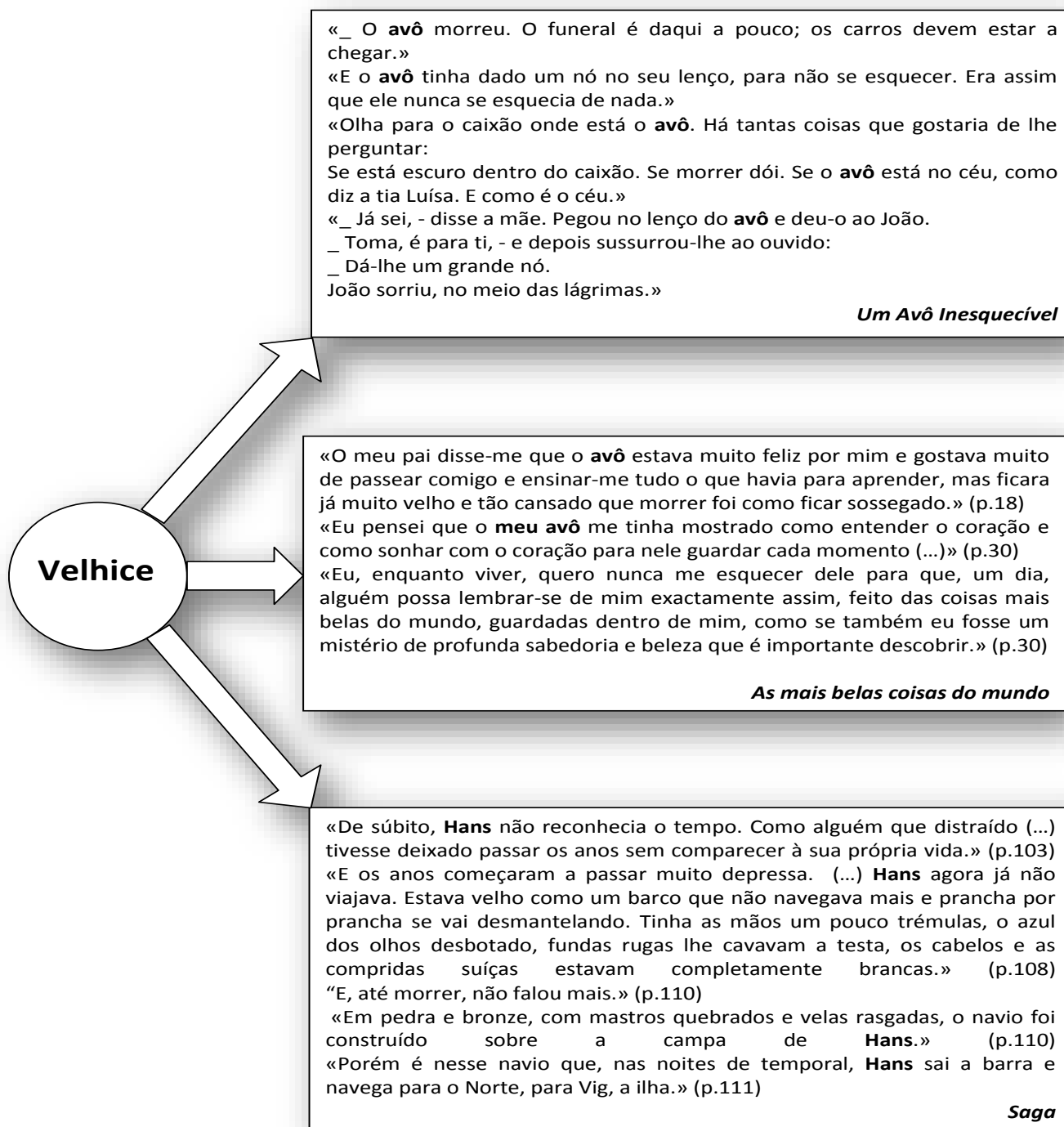
Samuel & Saltitão

«_ Um dia, já lá vão 13 anos, voltavam os seus pais de férias do Algarve quando, de repente, um carro faz uma ultrapassagem num sítio proibido e se coloca mesmo na frente deles. O seu pai ainda tentou travar mas não conseguiu e foi chocar com outro carro que vinha em sentido contrário. (...) Foi um desastre muito grande (...) Ainda por cima quem ia a guiar era o seu pai... Se ele já era homem de poucas falas, pior ficou. Por mais que lhe digam que não teve culpa, nada a fazer. (...) O pior são as crises da sua mãe. Ele envelhece dez anos de cada vez que ela fica pior, ou quando a ouve gritar que vai enlouquecer.»(p.109)
«_ **la mais uma pessoa no carro** com os seus pais. (...) **Uma pessoa que morreu no desastre**. É por isso que ninguém ainda hoje lhes pode tocar no assunto. E muito menos falar nela.» (p.110)
«_ Foi o seu pai que deu ordem. Nunca mais podíamos falar de **Ana Marta**. O médico disse que era muito perigoso, Flávia tinha ficado muito doente, qualquer emoção podia ser fatal, ninguém lhe devia recordar o acidente, ninguém devia tocar sequer no nome de **Ana Marta**.» (p.136)

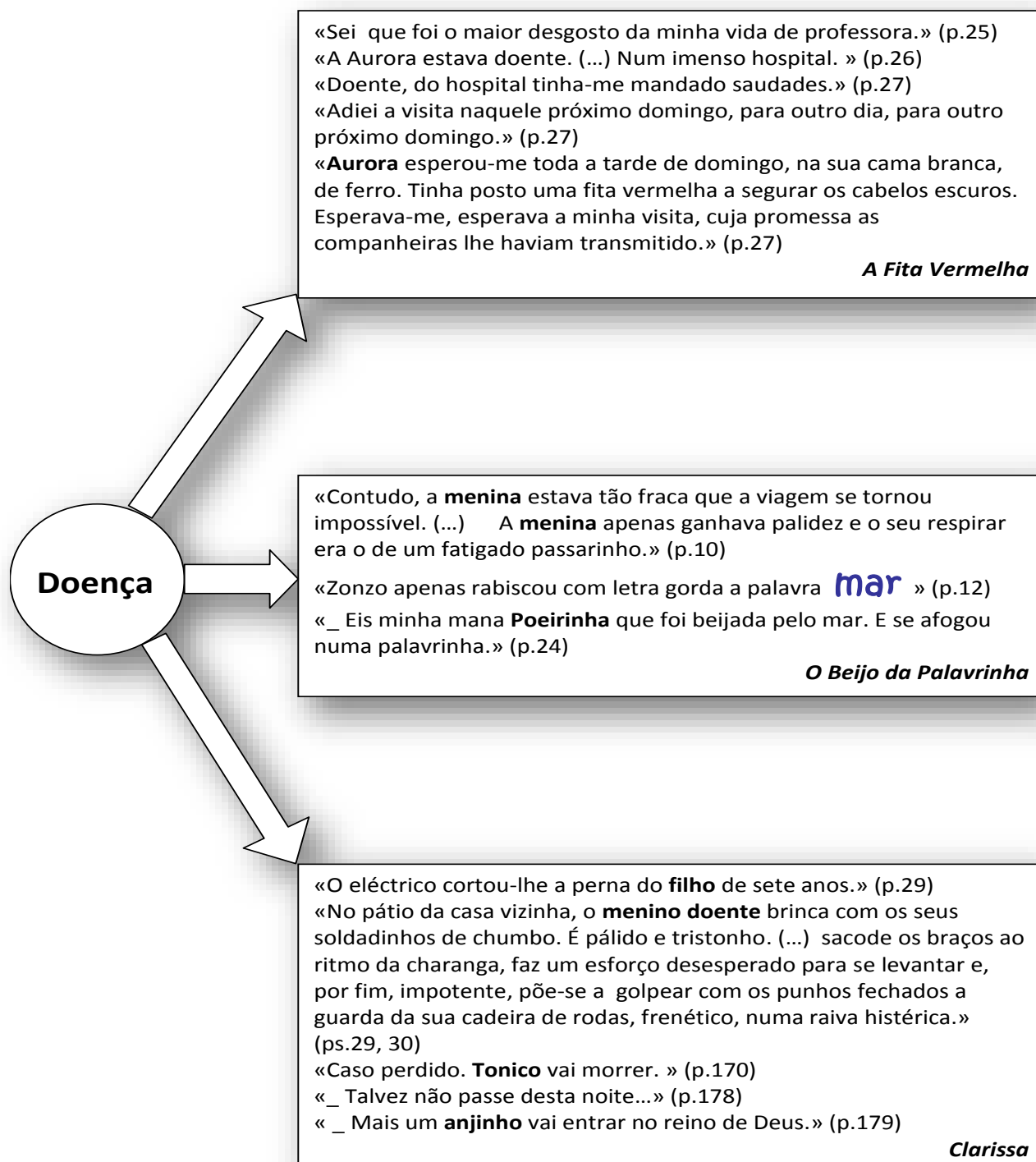
Os Olhos de Ana Marta

«– Isto é estranho. Além disso, ia jurar que também vi sair daqui uma nuvem luminosa, esverdeada.. Seria a alma dela?» (p.15)
«Os mortos têm de esquecer quem foram para as suas almas poderem subir na direcção do céu. Quando se lembram de alguma coisa a sua alma cai na Terra à procura do corpo.» (p.17)
«Mas acabei por ser atropelada quando atravessava a rua, distraída, a pensar nisto tudo. (...) Queria tanto destruir aquela carta, mas há coisas que nenhuma alma pode fazer. Agora custa-me partir sabendo que mais cedo ou mais tarde eles vão encontrar a carta e pensar que me suicidei.» (p.19)
«Agora já sabes o que torna a minha alma pesada e não a deixa elevar-se. Preciso da tua ajuda.. Quero que vás ao meu quarto e destruas a carta antes que eles a encontrem.» (p.20)
«o João Maria ouviu também claramente a voz de uma menina a cantar uma canção melodiosa: _ Ah! Como é bom ter um amor
E voar da terra ao Céu.» (p.26) *O segredo da menina morta*

3.2 – Morte por Velhice



3.3 – Morte por Doença



3.4 – Morte Coletiva, provocada pela Guerra

«Erika disse-me que em certa ocasião chegara até às portas de Dachau, mas não chegara a entrar.»
«Nasci em 1944. Não sei o dia. Não sei que nome me puseram. Não sei em que cidade nem em que país vim ao mundo. Tampouco se tive irmãos. O que sei é que quando tinha apenas uns meses salvaram-me do Holocausto.»
«Penso nos meus pais privados de tudo o que tinham, expulsos da sua casa e transferidos para um gueto.»
«A minha **mãe** atirou-me para fora do comboio.»

A História de Erika



Guerra

«Mas **Pi Wang** e os **camponeses** que como ele sentiam sobre os ombros o peso da idade sabiam que isso era impossível, porque as pessoas, tal como os animais e as plantas, os peixes e os astros, nascem, crescem e morrem.» (p.5)
«_ Eu sei (...) que lá em baixo, no vale, se vão viver momentos terríveis, horas de sofrimento e de tristeza. Mas nada posso fazer para as evitar.» (p.16)
«Quando chegou à aldeia ninguém o conheceu. Todos pensaram que se tratava de mais uma das muitas crianças que tinham ficado sem casa e sem família no meio do desastre da guerra.» (p.24)
«Mas havia um problema: aquela criança de quem todos gostavam não crescia como as outras crianças. Mantinha-se sempre com a mesma idade.» (pp.25,26)

O Menino Eterno

3.5 – Morte Coletiva, provocada pela Poluição



«Mas noutra planeta, fora da nossa galáxia, num mundo pequenino, forjado no bafo de outras estrelas e aquecido por outro sol, havia elefantes cor de rosa.»

«As folhas agitavam contentamento, as flores brancas, as flores eram todas brancas de tanto luar, pareciam rir e os pássaros prolongavam, no seu canto, o eco de tanta felicidade...»

«Mas a flor morreu.

Dançaram nessa noite, à luz das três luas, dando-se as trombas, mas estavam tristes.»

«As flores brancas tinham morrido todas.

A manhã também não era um cristal claro, estava como que empanada por ameaçadores farrapos de algodão, que o **elefantezinho**, que nunca vira nuvens, desconhecia. (...) A água estava também suja do mesmo algodão ameaçador, que fizera desaparecer o esplendor, luzente, doutros mundos.»

«Na floresta verde, que eles podavam para se alimentar, havia galhos mortos, sem folhas e no chão, frouxas e sem vida, as asas azuis dum pássaro.»

«Entretanto por toda a parte a sombra da desolação estendia-se, enorme: nem asas azuis, nem flores brancas, nem folhas verdes, nem águas claras.»

«Em breve, o **elefantezinho** não teve dúvidas. Estava sozinho.»

«Há talvez outra e melhor solução... (...)»

Vou deixar-te na Terra, mas não entre os homens.»

«_ a tua cor é exactamente igual à dos sonhos que elas respiram.

Entre as crianças serás bem recebido.»

O elefante cor de rosa

3.6 – Morte por Rejeição

«Num canto entre duas casas, uma mais saliente que a outra, a **menina** sentou-se e aninhou-se, encolhendo os pés contra o corpo. Estava gelada e tinha as mãos dormentes, devido ao frio.» (p.39)

«“Oh , avó, leve-me consigo!” pediu a **menina**. “Sei que quando o fósforo se apagar vai desaparecer (...) Não me deixes sozinha!”» (p.46)

«A pequenina mão rígida segurava os fósforos ardidos. “Procurava um pouco de calor” disse alguém, “e acabou por morrer de frio.”» (p.54)

«Ninguém suspeitava que ela tinha visto coisas muito belas (...)» (p.54)

A vendedora de fósforos

Rejeição

Trata-se de um boneco antigo de pano metaforizado. Por o seu antigo dono, um ancião, o entregar ao neto, devido a ter de ser internado, o Boneco sente-se solitário e rejeitado pelo atual dono, arrumado numa prateleira.

Após muitas vicissitudes, em que tenta seduzir o neto, mas sem sucesso, o Boneco passa pela tristeza, desilusão, desgosto até à tentativa de suicídio mas, no último instante, consegue vislumbrar o seu antigo dono numa janela. Então, a muito custo, consegue salvar-se mas chega tarde demais ao hospital, pois o ancião acaba de falecer, talvez porque também viu o seu Boneco a tentar matar-se...

Vai ao funeral e fica muito triste, inconsolável, a velar a campa do seu velho amigo.

Pela incrível lealdade, o ancião vem buscá-lo e, assim, sobem ambos para o céu, onde com toda a certeza vão continuar a brincar juntos com grande cumplicidade, pois a sua amizade ultrapassa o tempo, o espaço e a própria morte.

O Boneco

3.7 – Morte por Mal de Amor ou Perda Amorosa

«_ Amar uma flor de que só há um exemplar em milhões e milhões de estrelas basta para uma pessoa se sentir feliz quando olha para elas. Porque pensa: “Ali está ela, lá no alto, a minha flor...” Mas se a ovelha comer a flor, para essa pessoa é como se as estrelas se apagassem todas de uma vez!» (p.30)

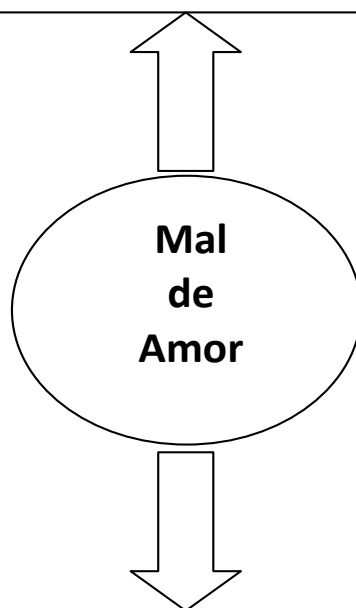
«_ Mas os olhos são cegos. Deve-se é procurar com o coração.» (p.82)

«_ Mas há-de parecer que me dói muito... Há-de parecer que eu estou a morrer. Tem de ser assim. Não venhas ver uma coisa dessas que não vale a pena.» (p.89)

«Vai parecer que eu estou morto e não é verdade...» (p.90)

«Mas tenho a certeza de que o **princezinho** voltou lá para o seu planeta porque, ao nascer do dia, não encontrei o seu corpo.» (pp.91,93)

O Príncipezinho



«Em verdade ele não se julgava ainda apaixonado. Tal ideia nem lhe ocorreu.» (p.62)

«Por ora, apenas quero dizer que eles conversaram durante toda a Primavera, sem que jamais faltasse assunto.» (pp.70,71)

«Curto foi o tempo do Verão para o **Gato** e a Andorinha. Encheram-no com passeios vagabundos,...» (p.75)

«No terceiro dia de Outono, o Pombo-Correio atirou-lhe de longe (...) uma carta. O **Gato** a leu tantas vezes que até a aprendeu de memória. Uma carta triste e definitiva enviada pela Andorinha Sinhá. *Uma andorinha não pode jamais casar com um gato.* Dizia também que eles não deviam mais se encontrar.» (p.100)

«o começo do Inverno foi um tempo de sofrimento.» (p.105)

«Já não havia futuro com que alimentar seu sonho de amor impossível.» (p.108)

O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá

3.8 – Morte por Profecia



«Disse a **Avó Ugago**:

“ Amanhã morro, pequeno. Ouvi o meu nome nos ganidos dos cães que rondam Smara. Ficaria sozinha esta noite, a pensar nos caminhos que a morte escolhe para chegar até nós, mas aqui estás tu, um estrangeiro no deserto, um miúdo. Se calhar é coisa do destino que sejas precisamente tu quem escuta as minhas histórias.

Deves saber que prometi à morte esperá-la a contar as histórias verdadeiras que só a ela podem interessar. Serão contos de magia, antigas lendas, estrelas que fogem na noite dos tempos. (...) E, claro, guardarei a melhor história para o fim, quando sentir os passos da morte a aproximarem-se da minha porta.» (p.11)

«Se queres ser meu neto, ouve e cala-te. Numa noite como esta, a calma e o silêncio farão sentido. Vou dizer-te porque é que morro amanhã. (...) Serei comida pelos cães selvagens.» (pp.11,12)

«Naquele tempo, eu era uma feiticeira poderosa. (...) Vivíamos bem em Smara... Até que, uma noite, choveu. (...) Mas eu sabia que essa chuva não era boa. (...)

Fora das casas só ficaram os cães, que uivaram maldições assim que a chuva os tocou e se tornaram selvagens.» (p.13)

«Deves saber que morrerás quando os cães uivarem o teu nome.» (p.18)

«Os chamados netos e as chamadas netas da **Avó Ugago** fizeram-lhe uma bonita festa de despedida. Não encontraram o seu corpo. “Comeram-no os cães”, diziam, mas isso não nos convenceu.»(p.57)

«Agora passou muito tempo desde a morte da **Avó Ugago**. Não voltei a Smara, nem penso voltar.» (p.59)

Smara

3.9 – Morte pela Ânsia / Desejo de Liberdade



«A única coisa que o **Espanta-Pardais** queria era poder caminhar na Estrada-Larga.» (p.9)
«_ Senhora Figueira! (...) Para mim, juro-lhe que não quero nada. Mas vinha pedir um ramo seco, desses que tem aí nos seus braços e já não lhe fazem falta. Era para fazer uma perna para o **Espanta-Pardais**.» (p.19)
«_ É. E tu és um **Espanta-Pardais** poeta e vais estar muito quietinho para a tua perna nova ficar muito bem pregada. Mais uma pancadinha aqui, outra ali.» (p.24)
«_ ADEUS AMIGOS, VOU PARA A ESTRADA-LARGA!» (p.28)
«Era grande o seu sonho, é verdade. Mas, agora, já não lhe parecia tão fácil alcançá-lo. Doía-lhe o corpo (...) e nada de avistar a Estrada prometida.» (p.30)
«Sou um pobre **Espanta-Pardais** de pernas duras de pau. (...) Desconheço quase tudo deste mundo tão complicado. Só queria (desde que nasci que o desejo) encontrar a Estrada-Larga, onde me disseram que não há fome, nem guerras, nem desemprego, nem ódio, onde todos são felizes, livres e amigos. Afinal, era tudo mentira. Era tudo sonho.» (p.32)
«O Menino-Abelha tentava consolá-lo:
_ Não é nada disso que estás para aí a dizer. A Estrada-Larga existe! Mas, para se chegar lá tem que se fazer qualquer coisa de útil ou belo. Temos que fazer, nós, sozinhos, percebes?» (p.32)
«E tanto chorou, tanto chorou que molhou completamente a palha do seu corpo e para ali ficou a apodrecer, estendido no chão. (...)
Lembrou-se da seara, das papoilas, do canto dos camponeses, ao longe, quando ceifavam o trigo. Teve saudades. “Vou morrer” - pensou.» (p.36)
«**Espanta-Pardais** sentiu a seguir um grande sono.» (p.40)
«_ Quando adormeceste lá no monte, depois de teres dado as palhinhas do teu coração ao pardalito, a tua perna – que era dum ramo de figueira – ficou entalada entre duas pedras. Um dia, passei por lá, vi-a e dei-lhe um beijo. No mesmo instante, a tua perna cobriu-se de folhinhas verdes.» (p.46)
«_ Todos os caminhos vão dar à Estrada-Larga. Basta procurar.» (p.50)

Espanta-Pardais

3.10 – Morte por Desinteresse pela Vida



Desinteresse

«Era uma vez um **velho Sábio** que tinha lido todos os livros e sabia tudo.» (p.5)
«Como sabia todas as coisas e não tinha nada de novo para saber e conhecer, a sua vida era muito triste e desinteressante. Era uma vida sem espanto, onde nada de novo e surpreendente acontecia e todos os dias eram iguais a todos os dias.» (p.10)
«RAPARIGA – Venho pedir-te em casamento. Vem comigo, os convidados já chegaram, a boda já está servida...
SÁBIO – Aceito o teu noivado, **Morte**, e irei contigo.
RAPARIGA – Enganas-te. Eu não sou a **Morte**, sou aquela que há muitos anos amaste, lembras-te?
SÁBIO – Sim. Como poderia esquecer-me de ti? Há quanto tempo te esperava, **Morte!** (...)
SÁBIO – Não, **Morte**. Eu sei tudo e sei que, sob essa máscara, se esconde o rosto da **Morte**. Vens buscar-me porque queres levar-me contigo para o **Reino das Sombras**. E eu irei contigo de bom grado porque já aprendi tudo o que há para aprender e a vida, para mim, já não tem interesse algum.» (pp.18,21)
«**SÁBIO** – Ai de mim! Estou tão velho e tão cansado! Li todos os livros do Mundo, (...), conheço todos os mistérios da vida e da morte. Mas tudo o que sei é inútil e silencioso, sem amigos e sem ninguém com quem conversar, porque as pessoas têm medo de mim e não se aproximam, temendo que eu conheça os seus segredos e não podendo suportar isso. Até morrer me está vedado, porque nem mesmo a **Morte**, com os seus mil disfarces, me pode surpreender! (...)
Oh, quanto gostaria de a conhecer por fim!» (p.23)
«Então o **Sábio**, como a **Morte** não podia alcançá-lo, e porque estava cansado de viver e de saber tudo, decidiu ir ele à procura do **Reino das Sombras**.» (p.25)
«**Sábio** e Rapariga, de mãos dadas, desaparecem no **Reino das Sombras**.» (p.59)

História do Sábio fechado na sua Biblioteca

ANEXO 4

MODELO em forma de ACRÓSTICO

4 - A Hora do Conto na Biblioteca Escolar

A Hora do Conto é uma atividade lúdico-pedagógica.

Há sempre uma história que fica no nosso coração...

O gosto pela Leitura não se liga a dever ou obrigação

Recorde-se que o prazer de Ler é puramente magia

A aventura de *crescer* a Ler é bem real, não é utopia !

Depois de Ler, interessa é a formação de bons leitores !

Os professores bibliotecários nas BEs são mediadores.

Contar histórias requer boa dicção e expressividade

O que interessa é estabelecer uma boa cumplicidade

Nos silêncios pode haver até um contacto fascinante

Ter comunicação não verbal é mesmo determinante.

O ambiente intimista é uma vertente para explorar...

Não há nada, como após ouvir, saber verbalizar...

A promoção e a animação têm de estar presentes !

Bibliotecários dramatizam estados de alma envolventes

Imaginação e criatividade possuem uma Arte misteriosa...

Biblioteca não se liga a dever ou atividade perigosa

Ludicidade, para a criança, é uma quebra na rotina

Incutir o gosto de Ler é despertar a sua alma cristalina...

Os juvens até podem descobrir a sua própria identidade

Ter um livro nas mãos é (re)conhecer uma nova realidade

E após Ler, dialogar sobre experiências, traumas, emoções...

Compreendem-se melhor no dia-a-dia as preocupações

Até se aceitar melhor as complexas adversidades da vida

E, assim, ela passa a ser vivida de uma maneira colorida !

Simbolismo na Leitura aliado ao imaginário é fundamental

Crescer, deste modo, é ver o mundo com um olhar sensorial

Ouvir Ler é aprender a gostar de Ler! Tem é de ser Literatura !

Ler é também produzir sentido e... partir rumo à aventura !

Aventura é viajar no tempo e no espaço e há tanto a percorrer

Relevem Pennac: *Ler é como o amor, uma maneira de ser !!!*

2013, Junho
Graça Correia